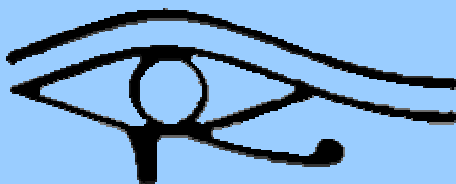


**O SEGREDO
DAS
PROFECIAS**



ÍNDICE

PARTE I - PROFECIAS, ORÁCULOS E ADIVINHAÇÕES

- 1 Por Que o Homem Deseja Conhecer o Futuro?
- 2 A Origem Mitológica das Profecias e dos Oráculos

PARTE II - O ENIGMA DAS PIRÂMIDES

- 3 As Pirâmides: Uma Herança Eterna
- 4 A Grande Pirâmide
- 5 O Mistério das Pirâmides
- 6 As Pirâmides e os Aspectos do Céu
- 7 As Profecias das Pirâmides

PARTE III - DAS VISÕES DO PASSADO ÀS VISÕES DO FUTURO

- 8 Abraão e Melquisedec: da Antiga à Nova Ordem
- 9 As Profecias de Daniel
- 10 As Representações Celestes do Apocalipse
- 11 Da Virgem Celeste à Virgem Terrestre
- 12 De Daniel a João - a Visão do Apocalipse

PARTE IV - A HISTÓRIA DESCONHECIDA DOS HOMENS

- 13 A Condução da História Humana
- 14 O Lado Secreto da História

PARTE V - OS PROFETAS E AS PROFECIAS

- 15 O Profeta dos Novos Tempos: Nostradamus
- 16 Grandes Profetas e Grandes Profecias
- 17 As Profecias da Virgem
- 18 Os Profetas da Modernidade

PARTE VI - A CRIAÇÃO E A DESTRUIÇÃO DO MUNDO

- 19 As Profecias do Fim do Mundo
- 20 Catastrofismo e Escatologia
- 21 Haverá Um Fim Para o Mundo?

PARTE I - PROFECIAS, ORÁCULOS E ADIVINHAÇÕES

Este livro é para poucos, talvez só para os mais loucos...¹

1 Por Que o Homem Deseja Conhecer o Futuro?

Desde os seus primórdios, a humanidade tem manifestado uma grande curiosidade acerca do amanhã, do futuro, e tem tido a preocupação de descobrir se os deuses ou os elementos da natureza serão propícios, se naquele ano haverá uma colheita fértil, se haverá prosperidade, se os inimigos serão vencidos, etc. A nível individual, toda uma extensa relação de preocupações semelhantes tem levado os homens de todas as épocas a procurarem adivinhos, oráculos, feiticeiros, astrólogos, etc., os quais, para responderem a tais questões, têm apelado para toda uma parafernália de objetos de adivinhação, ou usado os métodos mais incomuns para conseguirem o seu intento. As consultas às cartas, aos dados, aos astros, a procura de sinais ou prognósticos nos elementos da natureza, nos sonhos, nos animais vivos ou em suas vísceras, tem ocupado grandemente o tempo dos adivinhos e dos homens interessados em saber a sua sina.

Esta preocupação com o futuro tem ocupado a imaginação dos homens há tanto tempo que chegou até mesmo a interferir em suas relações com o mundo e com o deus ou os deuses de sua veneração, adoração ou temor. Esta relação conduziu a uma religiosidade estranha, quase sempre dominada por complexos sentimentos de culpa, onde o deus ou deuses predominantes adquirem uma qualidade paterna dominadora e temível e manifestam sentimentos tipicamente humanos, tais como o ciúme, a raiva, o rancor e o desejo de vingança, bem como um sentimento de exclusividade tão forte que, se não encontrar correspondência, o homem será condenado aos abismos infernais por toda a eternidade, ou então todo o mundo será destruído em razão do não cumprimento, pelos homens, de suas promessas a esse deus exclusivista.

Povos eleitos, deuses falsos ou verdadeiros, religiões falsas ou verdadeiras, são questões que tem afetado a vida de toda a humanidade, desde os tempos mais recuados. Muito sangue foi derramado, povos e pessoas foram sacrificadas, inconcebíveis carnificinas marcaram a história do mundo em razão desses sentimentos religiosos exclusivistas, onde cada povo arrogava a si o direito de impor ao seu vizinho a sua visão particular da religião. Por outro lado, o temor à fúria divina marcou igualmente o inconsciente coletivo de alguns povos, que procuravam por todos os meios aplacá-la. Era comum, entre os povos mais antigos, o chamado *sacrifício propiciatório*, em que animais e até seres humanos eram sacrificados para conseguir os benefícios da divindade. Este costume também era comum entre os povos da América Central, e só foi erradicado após a conquista espanhola.

¹ Parafrazeando o escritor Hermann Hesse.

Entre os antigos judeus o receio que o mundo fosse destruído era tão grande, que fez-se necessário estabelecer uma “aliança” com Deus para que Ele não o destruísse novamente, após tê-lo feito uma vez através do Dilúvio. Tal aliança, que representava uma promessa divina, não bastou, entretanto, para aplacar o sentimento de insegurança e garantir que o mundo não estaria condenado à destruição; talvez por esta razão, ela teria que ser guardada e renovada (Deuteronômio, 29, 9-15; Paralipômenos, 2, 34, 29-33), e até mesmo reformada (Jeremias, 31, 31-37).

A história eclesiástica da Igreja Católica é igualmente marcada por uma preocupação escatológica (escatologia é a parte da teologia que investiga as partes finais da vida humana e do mundo: a morte, o juízo universal, o fim do mundo), a qual originou-se dos profetas e dos livros bíblicos, principalmente o *Apocalipse de São João*. Durante a Idade Média, muito da preocupação dos doutores da Igreja foi acerca das relações futuras entre o mundo e a divindade, como se pode ver, por exemplo, na obra de Santo Agostinho, *A Cidade de Deus*. Esta preocupação escatológica chegou ao ponto de influenciar o imaginário popular, que, por volta da virada do primeiro milênio, foi até o clímax do desvario, com muita gente acreditando que o mundo iria acabar.

O profetismo, que no fundo é também uma forma de prever o futuro, permeia principalmente o Antigo Testamento da Bíblia. Devido ao seu caráter fortemente negativo, em que apresenta uma imagem vindoura de desastres e calamidades de todo tipo, a maioria das religiões ou seitas que derivaram do catolicismo passou a ter como característica primordial um caráter restritivo, inibidor de quaisquer atos humanos mundanos ou seculares, os quais trariam somente a ruína e a morte espiritual, que surgiriam em consequência das iniquidades humanas. Os profetas bíblicos, muito mais do que intérpretes do futuro (algo impensável para quem não possuía o conceito de história e de evolução), eram na verdade intérpretes da vontade divina, e como tal se comportavam, quando se dirigiam aos seus contemporâneos. Também quando se procurava saber qual eram os desígnios de Deus, o profeta, ou vidente, era procurado com este objetivo, conforme se pode ler em Samuel (Primeiro Livro dos Reis, 9, 9): *Antigamente em Israel, quem fosse consultar a Deus, dizia: Venha, vamos ao vidente. Porque o que hoje [à época] se chama “profeta”, era então chamado “vidente”*. Mas não é apenas no Antigo Testamento que se fazem referências aos profetas. Paulo, o apóstolo, escreveu: *Segui a caridade, procurai com zelo os dons do espírito, e acima de todos, os da profecia* (Coríntios, 1, 14, 1). A profecia, então, seria uma manifestação e um chamado de Deus, conforme diz Amós: *E o Senhor me pegou, quando eu conduzia meu rebanho, e falou-me: Vai, profetiza ao meu povo de Israel* (Amós, 7, 14-15).

Sob um ponto de vista moderno, a profecia pode ser considerada como uma manifestação desconhecida do psiquismo, ou um fenômeno PSI. Talvez os conhecimentos proféticos estejam naquela região misteriosa da psique chamada por Jung de “inconsciente coletivo”. A profecia está além da lógica, situando-se em uma dimensão simbólica com a qual a psique entraria eventualmente em contato; entretanto, a mente se perde ao tentar seguir e compreender os infinitos meandros desta terra desconhecida, permeada de figuras mitológicas e arquétipos incompreensíveis. Os profetas, antigos e modernos, mais do que

figuras religiosas, são desbravadores de um terreno desconhecido e misterioso, que, se num futuro distante poderá ser morada de todos, por enquanto continua sendo apenas uma terra incógnita.

A capacidade de profetizar, prever ou adivinhar exerce um poderoso fascínio, dos povos mais primitivos até os mais civilizados. Em todas as épocas existiram variadas formas de adivinhação, surgidas em razão do temor e da vulnerabilidade do homem frente ao desconhecido, o qual busca tanto conhecer o presente quanto predizer o futuro. As artes adivinatórias eram conhecidas na antiga Grécia, na China, e até mesmo nos recuados tempos babilônicos. Com efeito, a mais antiga arte ou ciência da previsão, a astrologia, surgiu na remota Caldéia e era praticada pelos sacerdotes da época. Um dos mais antigos livros do mundo, o *I Ching*, é um livro de adivinhações, e exerceu uma profunda influência na filosofia de Confúcio, que o tinha em alta conta. Mesmo recentemente, um pensador do porte de Carl G. Jung, arriscando a própria reputação, não hesitou em classificá-lo como um dos livros mais fascinantes do mundo, após estudá-lo a fundo. Jung chegou até mesmo a escrever um livro em parceria com o físico Wolfgang Pauli, *Sincronicidade: Princípio de Conexão A-Causal*, onde procuraram explicar as coincidências em geral, como também os princípios pelos quais o livro *I Ching* poderia funcionar. O *Tarot*, ou cartas do *Tarot*, é outro processo de adivinhação que possivelmente tem origem tão recuada no tempo, que não se sabe de onde surgiu. O autor Gerard Encausse afirma que ele originou-se entre os ciganos, em uma época recente, mas é refutado por Court de Gébelin, que afirma que estas cartas possuem origem egípcia.

Na antigüidade costumava-se praticar a chamada *aruspicina*, ou leitura das entranhas, que tanto podiam ser de animais quanto de seres humanos sacrificados. As vísceras eram estudadas com cuidado, e de suas condições gerais, o adivinho fazia os seus presságios. A *herospacia*, praticada na Roma antiga, era a leitura do fígado, cuja superfície deveria estar bem brilhante, servindo de espelho para refletir as imagens que se procurava ver. Também ossos, conchas, folhas de chá, grãos de cereais e até líquidos podiam ser utilizados com o objetivo de adivinhação. Outro meio de prever o futuro, ou o destino individual, era pelo estudo das disposições gerais de várias partes do corpo humano. O método que era mais conhecido e praticado era o do estudo das linhas da mão, ou *quiromancia*. As origens deste método são desconhecidas, mas acredita-se que tenha surgido inicialmente na China e na Índia. Entre os antigos navajos americanos, era praticada uma forma de adivinhação que utilizava o tremor das mãos, conseguido através de tranSES. Tal prática, que possui uma variante curativa, não desapareceu de todo, conservada que foi pelos índios navajos das reservas situadas no Arizona, Novo México, Utah e Colorado, nos EUA.

Uma das mais espetaculares formas de adivinhação, que é uma forma de vidência, é o método da varinha adivinatória, ou *rabdomancia*. Tal método faz uso de uma pequena vara de avelã cortada em forma de forquilha. Alega-se que o *vedor*, como é chamado o rabdomante, é capaz de detectar cursos subterrâneos de águas, jazidas minerais, petróleo, tesouros, e até mesmo coisas ou pessoas perdidas, apenas pelo uso de sua vara bifurcada. O método de leitura, ou método de prospecção, é tão somente andar pelo terreno com a vara

na mão, esperando que ela se curve repentinamente, o que faz somente nos locais procurados. É uma frustração para os geólogos profissionais quando constatam, com desalento, que a leitura rbdomântica é mais simples, barata e confiável do que os seus dispendiosos esforços de perfuração, os quais se baseiam em prospecções e indícios que nem sempre se revelam confiáveis. Isto não impede as grandes companhias de utilizarem os serviços dos rbdomantes. Afirma-se até que a empresa petrolífera Occidental Petroleum foi uma das primeiras a comprar poços produtores de petróleo descobertos por eles. Uma variante mais conhecida deste método é o uso de pêndulos, que podem ser feitos dos mais diversos e variados materiais que se possa imaginar, desde cristais, metais, plásticos, etc.

Outra forma de tentar prever o que o destino nos reserva é pela interpretação dos sonhos. A mente adormecida, com efeito, parece tornar-se suscetível de receber mensagens que ultrapassam as fronteiras do espaço e do tempo. Os sonhos, em tais condições, tornam-se vivos e intensos, com uma característica emocional marcante. O sonhador como que fica perdido em uma região irreal, ator e espectador de eventos arbitrários que simulam a realidade cotidiana. Em tais condições, o sonhador entra em contato com personagens fantásticos, mitológicos, e tem acesso a mensagens e informações que, muitas vezes, são intensamente intuitivas e imaginativas. Existem exemplos abundantes de pessoas que imaginaram histórias, compuseram músicas ou então realizaram descobertas científicas que lhes escapava durante a vigília.

O poeta Samuel Taylor Coleridge uma vez adormeceu após tomar um sedativo à base de ópio. Ele estava lendo um livro, e a última frase que leu foi “Aqui neste lugar, o Kublay Khan ordenou a construção de um palácio”. Quando acordou, passadas três horas, ele tinha em sua mente pelo menos 200 versos de uma poesia de extrema beleza. Imediatamente tomou da pena e começou a transcrevê-los, mas após escrever 54 versos, foi interrompido por um visitante. Quando este se foi, sua inspiração já não era a mesma, e ele não escreveu mais nada de sua obra-prima. O químico alemão Friedrich Kekulé somente conseguiu completar uma pesquisa que fazia a respeito da estrutura molecular do benzeno, em um sonho. Neste, ele viu os átomos da molécula como se estivessem em uma dança, após a qual eles se transformaram em uma cobra que engolia a própria cauda

Os sonhos proféticos, aqueles que vêm premonitoriamente eventos que ainda irão suceder, são mais comuns do que se imagina. Conta-se que Aníbal previu uma vitória militar em seus sonhos, e que o rei Ricardo III da Inglaterra viu “terríveis imagens” antes de sua derrota e morte em Bosworth Field. Também Napoleão teve sonhos que pressagiavam algo de mal, antes da batalha de Waterloo. É bem conhecido o sonho do presidente americano Lincoln, que sonhou que viu a si mesmo em um esquife, sendo velado pelos seus familiares e por uma guarda de honra, dias antes que fosse morto por John Wilkes Booth.

Muitas pessoas comuns afirmam que tiveram, uma vez ou outra, sonhos proféticos em que viram algum evento que aconteceria em um futuro próximo, seja com o próprio sonhador, seja com familiares, seja com pessoas desconhecidas. Os sonhos parecem alertar sobre eventos catastróficos, desastres ou doenças que irão ocorrer a seguir. Antes que a Segunda Guerra Mundial começasse, Carl G. Jung começou a perceber que muitos dos seus

pacientes estavam tendo sonhos recorrentes, de conteúdo semelhante entre si, sonhos estes que pareciam prenunciar a irrupção de um acontecimento de grande magnitude.

Nos antigos mitos gregos, os sonhos eram chamados *filhos de Nox* (noite), a mãe de Nêmesis e das Parcas. Os sonhos viriam de uma morada onde existiam duas portas: uma era de marfim, pela qual passavam as visões falsas; a outra era de chifre, pela qual passavam as visões nobres. O texto homérico *Odisséia* afirma que os sonhos situam-se nos limites externos de *Okeanos*, na fronteira do mundo real, entre as terras místicas habitadas por seres fantásticos e o antimundo. Para Heráclito, cada pessoa tinha o seu mundo particular durante os sonhos, que ele também situava na região chamada *Okeanos*. O melhor intérprete grego dos sonhos foi Artemidoro de Éfeso (século II d.C.), que escreveu cinco livros de interpretação dos sonhos, ou *Oneirocrítica*. Para ele, a complexidade dos sonhos era proporcional à inteligência e cultura do sonhador. Para interpretá-los, dizia que era preciso conhecer também o caráter, o temperamento e a posição social do sonhador. Hipócrates, pai da medicina, dizia que os sonhos podiam trazer indícios acerca da causa das doenças.

Os textos hebraicos Talmude, Mischna e Gemara afirmam que os sonhos são a forma pela qual os mensageiros angélicos transmitem o conhecimento divino aos homens. Platão, e posteriormente os neoplatônicos acreditavam que durante os sonhos os homens podiam ser instruídos pelos poderes divinos no conhecimento das coisas relacionada à vida superior, às forças do cosmos e a história do mundo. Os aborígenes, primeiros habitantes da Austrália, acreditam que o mundo foi criado em uma época que eles chamam de *época de sonhos*.

Na Índia, os sonhos tinham duas abordagens: uma, religiosa, feita através dos *Upanishades*, possuía natureza filosófica e metafísica; a outra, através da Yoga, possuía natureza espiritual e experimental. Além do estado desperto, eram reconhecidos três estados oníricos. O primeiro seria um estado internamente e externamente inteligível; o segundo seria internamente inteligível, e externamente ininteligível, e o terceiro seria interna e externamente ininteligível. A tradição indiana coloca em um mesmo nível a pretensa realidade de qualquer estado. Ela afirma que tanto a realidade dos sonhos quanto a realidade do estado desperto são pura ilusão. Para o misticismo tibetano, entretanto, o estado onírico pode ser uma via para adquirir a luz. Mas para atingi-la, cada estado deve ser penetrado em completa lucidez, para o quê uma técnica específica deve ser utilizada, a técnica do *pranayama*, ou técnica do controle respiratório, acompanhado pela repetição rítmica de um mantra.

O primeiro homem de ciência que tentou entender ou resgatar este lado desconhecido do homem foi Sigmund Freud, com a sua obra magistral, *A Interpretação dos Sonhos*. Nesta obra, Freud lançou-se a uma verdadeira epopéia através dos recessos tenebrosos e misteriosos da mente humana. Os sonhos, parte rejeitada da psique humana, passaram a merecer a atenção da ciência, que procurou despi-los de aspectos menos respeitáveis, tais como as tentativas de interpretá-los de uma forma mundana, atribuindo uma significação a cada tipo de sonho ou a cada objeto sonhado. Freud, ao contrário,

procurou ver neles uma forma pela qual a mente subconsciente procuraria comunicar-se, tentando ultrapassar os recalques e desejos inconscientes, normalmente rejeitados pela consciência. Assim, os sonhos eram derivados dos desejos inconscientes reprimidos, o quais se manifestariam através deles. Para ele, os sonhos e os símbolos que neles abundavam tinham conotações sexuais, e assim deviam ser interpretados.

Para Freud, havia quatro formas básicas de manifestação do conteúdo onírico: os processos de condensação, deslocamento, elaboração secundária e simbolização. No primeiro processo, as imagens oníricas são condensadas em uma única imagem ou idéia, no sonho manifestado. No processo de deslocamento, uma emoção que está ligada a uma determinada situação básica é transferida para outra, o que serve para distrair a pessoa quanto ao objeto real de seus sentimentos. A elaboração secundária ocorre quando o sonhador procura dar sentido aos deslocamentos que aparecem nos sonhos, ou então procura dar-lhes um ordenamento que permita determinar relações entre fatos. A simbolização é o processo pelo qual um objeto ou uma idéia se faz representar no sonho manifesto por um objeto ou idéia que os substituam. Freud acreditava que o conteúdo manifesto dos sonhos tinha origem sexual, onde os órgãos e atividades sexuais seriam simbolizados por objetos cuja forma ou finalidade lembrassem os primeiros.

Jung rebelou-se contra esta interpretação reducionista de Freud, apresentando a teoria segundo a qual o conteúdo manifesto dos sonhos mostra a situação do inconsciente, ou a situação atual da vida de uma pessoa; não procuraria, contudo, confundir ou enganar a pessoa que sonha (seu consciente). Para Jung, cada indivíduo seria capaz de organizar ou dar uma configuração própria a imagens universais, de conteúdo mítico, que ele chamou de “arquétipos”. Ele afirma que os sonhos são formas de pensamento arcaicas e primitivas, e seu conteúdo reveste-se de figuras mitológicas porque tem profundas raízes no inconsciente coletivo, e não porque tenha raízes eróticas. Deste modo, a libido que surge de modo simbólico nos sonhos é um meio pelo qual a religiosidade procura ressurgir na mente e no espírito humanos, quando estes dela tentam se apartar. Jung também procura explicar as visões de objetos e de pessoas, que segundo ele seriam mandalas oriundas dos arquétipos contidos no inconsciente coletivo. Para ele, os sonhos proféticos, que trazem mensagens, revelações ou visões de um futuro próximo ou distante, possuem também, de certo modo, uma relação próxima com os símbolos e arquétipos que permeiam a mente humana, e possivelmente, fazem parte das comunicações que esta recebe incessantemente das partes mais profundas do inconsciente.

A ciência, de um modo geral, coloca-se em uma posição prudente, estudando muito mais os aspectos psicológicos, antropológicos e sociológicos destas chamadas artes de adivinhação. Quando se envolve em seu aspecto funcional, o faz mais de acordo com o método científico, quando estuda os fenômenos da psique tais como clarividência, telepatia, precognição e outros, sob o prisma da estatística e da física, realizando experimentos controlados em laboratórios de pesquisa parapsicológica. Isto não significa que a ciência, num todo, aceite tais fenômenos. Esta ainda é uma disciplina marginal, de pouca respeitabilidade entre os cientistas que lidam com aspectos mais sisudos da ciência. A ciência dita mais séria procura se apartar de todo e qualquer fenômeno que não possa ser

enquadrado nas descrições do universo feitas pela física das partículas, pela cosmologia ou pelas diversas disciplinas hoje existentes. A adivinhação, que nas civilizações antigas era aceita e apoiada pela elite, é atualmente criticada pelos cientistas como sendo um repositório de superstições criadas para dominar os mais crédulos. Esta opinião crítica, por outro lado, é contestada de dentro da própria ciência. O antropólogo George K. Park afirmou que em algumas culturas, mais do que uma demonstração de credulidade, a adivinhação é uma prática equivalente às nossas práticas contemporâneas de aconselhamento e terapia psicológica, das quais a psicanálise é o melhor exemplo. Em tais sistemas sociais, a consulta ao adivinho é uma forma de manter-se integrado à comunidade, que, por sua vez, respeita o adivinho. Seus conselhos, de modo geral, pesam fortemente nas decisões da comunidade frente aos problemas individuais, e nas próprias decisões de cada indivíduo frente à comunidade.

Na sociedade moderna atual, a adivinhação, de uma forma ou de outra, continua a ser praticada. As decisões atuais, tão difíceis de tomar, principalmente quando se relacionam aos negócios e atividades de grande monta, recebem o auxílio de disciplinas científicas que procuram resolver, a seu modo, qual a melhor decisão. É um fato comprovado que a antiga adivinhação sempre foi usada por grandes empreendedores. Como dizia o magnata americano do início do século, J. P. Morgan: “milionários não utilizam os serviços dos astrólogos, mas bilionários utilizam”. Afirma-se, por exemplo, que o presidente Franklin D. Roosevelt consultava o vidente Edgar Cayce. Recentemente, tornou-se bem conhecido o fato de alguns presidentes americanos² também utilizarem o serviço de videntes e astrólogos, pelo menos enquanto puderam deixar em segredo estes serviços de “assessoria”. Apesar de não o admitirem, várias empresas de investimento possuem astrólogos nos seus quadros de empregados. Mesmo entre o povo, entretanto, a consulta aos adivinhos e cartomantes está bastante difundida atualmente, apesar do ceticismo e da contrariedade demonstrada pelos cientistas e racionalistas de todo tipo, que gostariam de ver banidos o que eles rotulam como “crendices” ou “superstições”. Apesar de todo o progresso da ciência (ou talvez por esta razão), o homem continua dependente de uma interpretação mágica da realidade e do universo, que o convença que ele não é apenas um produto casual de uma evolução indiferente, e sim parte de uma grandiosa manifestação do esplendor divino, e situado em um ponto intermediário de uma evolução causal que terminará por conduzi-lo ao espírito.

² Referência ao presidente Reagan.

2 Origem Mitológica das Profecias e dos Oráculos

Nas antigas lendas teogônicas da mitologia grega, Pontos, ou Fluxo Marinho, nascido sem intervenção de uma potência masculina, uniu-se a Gaia, a Terra, e desta união nasceu Nereu, um sábio que possuía o conhecimento de todos os segredos e de todas as profecias. Este conhecimento de Nereu, entretanto, não era para ser distribuído, pois que repugnava-lhe revelá-los. Para escapar aos curiosos, ele utilizava-se de sua capacidade de se metamorfosear e passar despercebido. Mas Nereu pertence a um ciclo anterior e ultrapassado, a era dos Titãs. A nova era corresponde ao ciclo dos olímpianos, ou ciclo dos deuses do Olimpo, do qual o deus que preside às adivinhações é Apolo, que possui uma natureza complexa e uma múltipla personalidade. Apolo é Hélios, Febo-Apolo, o Sol; quando veio ao mundo, pediu um arco para matar o dragão ou serpente Píton, que atacara sua mãe antes do nascimento. O dragão tinha em seu poder o oráculo de Têmis, e ao matá-lo com suas flechas, Apolo apropriou-se deste e o transformou em seu próprio oráculo, com um templo e também uma sacerdotisa (pítia) consagrada para responder às perguntas. Apolo nasceu em uma ilha sideral, Astéria, “a terra flutuante”.

Cassandra, filha de Príamo e Hécuba, não cedeu às arremetidas amorosas de Apolo nem depois que este ensinou-lhe a arte da adivinhação. Por despeito, Apolo cuspiu-lhe na boca e com isto privou-a não desta arte, mas de toda e qualquer credibilidade quanto aos seus oráculos. Deste modo, qualquer profecia que Cassandra fizesse não seria jamais acreditada, mesmo que se mostrasse verdadeira.

*

Os vaticínios feitos na Grécia antiga eram realizados nos templos dos oráculos, sendo que os mais conhecidos eram os de Delfos, Dodona, Trofônio, Latona e Efora. Nos primeiros, os oráculos eram dados geralmente por uma sacerdotisa. Quanto ao último, que era chamado de “Oráculo dos Mortos”, o oráculo era dado por pessoas mortas. Nele, o interessado descia uma escadaria que passava por vários corredores e era deixado a esperar, às vezes até por semanas inteiras, em um quarto. Quando era chamado, atravessava um longo corredor que conduzia até uma câmara onde havia um vaso de cobre gigante, cheio de água. A pessoa deveria olhar o líquido até que os seus parentes mortos aparecessem e lhe dessem as visões que ele procurava. A seguir, ele era purificado antes que deixasse o lugar.

O mais famoso dos templos era o de Delfos, dedicado a Apolo. Este templo se localizava na Fócida, no cume do monte Parnaso, supostamente o mesmo lugar onde a serpente Píton havia sido morta e que era considerado o umbigo do mundo. Seus vaticínios eram repletos de metáforas e difíceis de entender. Eram realizado por virgens chamadas Pítias, sacerdotisas que ficavam em transe após beberem da fonte Castália e mascarem folhas de louro. A sacerdotisa escolhida sentava-se em uma trípole à beira de uma fenda vulcânica, de onde saíam gases vindos das profundezas da terra. A interpretação do seu vaticínio era dúbia e difícil, e muitas vezes somente se tornava clara se a pessoa contemplada com a revelação encontrasse, no momento certo, os elementos adequados para

o entendimento do oráculo. Este podia ser tão enigmático que era preciso que outros augúrios ocorressem, para confirmá-lo.

Enéias, filho do mortal Anquises e da deusa Vênus, sobreviveu à destruição de Tróia e teve de vagar durante sete anos, buscando o lugar desconhecido onde deveria erguer uma nova Tróia. O período durante o qual ele erra sem destino é marcado por oráculos obscuros, cuja falsa interpretação levam-no sempre para longe do lugar exato para o qual ele deveria dirigir-se.

Adrasto, rei de Argos, ficou atônito quando o oráculo o mandou entregar suas filhas em casamento a um leão e a um javali. Algum tempo depois, viu dois jovens, Tideu, que fugira de Calidon, e Polínice, filho de Édipo (que fora recentemente banido de Tebas). Foi quando percebeu que os seus escudos tinham, um, a efígie de um leão, e outro, a efígie de um javali, que pôde compreender o oráculo.

Atamante, rei dos orômenos, tinha sido banido da Beócia. Ao consultar o oráculo, este mandou que ele fundasse uma cidade no lugar em que os animais selvagens o alimentassem. Muito tempo depois ele chegou à Tessália, onde encontrou alguns lobos devorando um carneiro. Ao vê-lo, os lobos fugiram, deixando sua presa. Lembrando-se do oráculo, Atamante fundou naquele lugar a cidade de Alos.

Falanto, que queria conquistar a cidade de Tarento, procurou o oráculo. Este deu-lhe a seguinte resposta: quando percebesse uma chuva que o banhasse vinda de um céu sereno, ele poderia atacar. Falanto não conseguiu compreender o vaticínio. Um dia, ele estava descansando no colo de sua esposa, Etra, quando sentia que as lágrimas dela derramavam-se sobre ele. Lembrando-se que Etra significava “céu sereno”, levantou-se de imediato e partiu para a vitoriosa conquista.

Locro, rei dos léleges, perguntou ao oráculo para onde deveria ir com o seu povo. A resposta foi que ele deveria parar onde fosse mordido por uma cadela de madeira. Locro também não entendeu a mensagem; mesmo assim, partiu. Muito tempo depois, quando atravessava o oeste do Parnaso, ele pisou num espinho de uma roseira, chamada “espinho de cão”, em grego. Foi então que compreendeu o oráculo. Fixou-se então ali, na região que veio a ser conhecida como Lócrida.

Nem sempre, no entanto, a interpretação era feita corretamente. Algumas vezes acontecia de a pessoa interessada entender ao contrário uma advertência que lhe estava sendo feita. Foi o caso do rei Creso, da Lídia, que tencionava empreender uma campanha militar contra a Pérsia e que dirigiu-se ao oráculo de Delfos para solicitar uma previsão a este respeito. A sacerdotisa lhe falou que, se ele atravessasse o rio Halys, um grande império seria destruído. Creso, confiante que este oráculo lhe era favorável, partiu em campanha. Tudo que ele conseguiu, no entanto, foi destruir o seu próprio grande império.

Desvelar ou interpretar o oráculo não significava necessariamente que ele fosse favorável ao interessado. Muitas vezes, sua realização envolvia verdadeiras tragédias, das quais era impossível escapar. Foi o caso, por exemplo, de Édipo. Ele era filho de Laio, rei de Tebas, e de Jocasta. Um oráculo revelou a Laio que ele teria um filho que o mataria. Quando Édipo nasceu, Laio mandou que o deixassem no monte Citeron para morrer. Foi encontrado pelos pastores e levado ao rei de Corinto, o qual ordenou que ele fosse educado.

Assim que atingiu a maioridade, Édipo foi consultar um oráculo. Este falou que, se voltasse à sua pátria, ele mataria seu pai e desposaria a própria mãe. Édipo, que pensava que seu pai era o rei de Corinto, procurou sair de lá, indo para Tebas. Lá, ele se envolveu em uma pendência com Laio, da qual resultou a morte deste. Por esta época, a região era assolada por um animal misterioso, a Esfinge, que devorava todos aqueles que não conseguissem decifrar seus enigmas. Creon, que sucedera a Laio, prometeu o reino e a mão de Jocasta a quem quer que conseguisse derrotar a Esfinge. Édipo foi então à procura desta, sendo assim interrogado quando a encontrou: “qual o animal que anda sobre quatro patas de manhã, sobre duas à tarde e sobre três à noite?” Sem hesitar, Édipo respondeu: “é o homem, que engatinha na infância, anda sobre dois pés quando adulto, e anda apoiado em uma bengala na velhice”. Ao ouvir esta resposta, diz-se que a Esfinge atirou-se ao mar. Com isto, Édipo foi aclamado rei e desposou Jocasta, sua mãe. Ao conhecer os detalhes da história por outro oráculo, Jocasta enforcou-se, e Édipo, após arrancar os próprios olhos, partiu de Tebas, acompanhado de sua filha Antígona.

Não eram apenas os oráculos que podiam ver o futuro. Muitas pessoas podiam também eventualmente profetizar ou adivinhar o futuro. Diógenes Laércio conta a respeito de Ferécides, que era discípulo de Pitágoras, o qual podia ver fatos futuros muito claramente. Certa vez, por exemplo, ele caminhava pela praia de Samos quando avistou um navio que surgiu no horizonte. Ele predisse que o navio iria afundar, e passados alguns momentos, o navio realmente afundou. Entre outras coisas, ele previu também um terremoto, bem como a vitória que viria do cerco de Messênia.

Aristóteles faz um relato a respeito de um seu amigo, Eudemo, o qual tivera um sonho enquanto estava doente, quando ia da cidade de Feras para a Macedônia. No sonho, ele viu uma jovem que lhe disse que sua doença não era grave, e que sua morte viria somente quando ele tentasse retornar ao lar. Eudemo morreu cinco anos depois, quando tentava voltar a Chipre, através da Sicília.

*

As profecias, quando analisadas sob o aspecto estrutural, apresentam características bastante regulares. Existe sempre uma estrutura básica subjacente aos eventos que rodeiam os personagens envolvidos com os oráculos, aqueles descritos sob uma forma mitológica. Assim como com Édipo, uma lenda parece dar o contorno, ou um eixo de desenvolvimento aos fatos, quase sempre recorrentes, de suas vidas individuais. Otto Rank, em sua obra *O Mito do Nascimento do Herói* delinea o que ele chamou de “lenda média” dos heróis, apontando elementos característicos sempre presentes no que parece ser o itinerário simbólico de uma iniciação. O herói, de modo geral, descende de pais nobres, tem um nascimento difícil ou obstaculado, é abandonado para morrer em razão de um oráculo desfavorável, é encontrado e criado em circunstâncias excepcionais. Quando se torna adulto, descobre sua verdadeira origem, o que, por sua vez, dá origem à realização de feitos heróicos ou então, a alguma tragédia. Basta citar os nomes de Moisés, libertador do povo judeu, ou de Rômulo e Remo, fundadores da cidade de Roma, como exemplos mais conhecidos destes arquétipos de iniciação.

Analisados sob um aspecto funcional, os eventos ou fatos relativos às profecias mostram que, sempre que se trata de revelar o futuro, os deuses revelam-se reticentes e ciumentos de seu conhecimento profético, e quando chegam a responder às perguntas, suas respostas são sempre vazadas em uma linguagem ininteligível, com características sibilinas e obscuras. Esta relutância em revelar o futuro, próximo ou distante, traspassa em todas as profecias, augúrios, adivinhas, charadas e enigmas que os deuses ou personagens mitológicos transmitem. Deste modo, em todas as profecias, antigas e modernas, o sentido é velado de modo a torná-las quase inacessíveis, e o interessado muitas vezes deve empenhar até a própria vida para que o oráculo se desvele.

*

As profecias não têm a finalidade precípua de informar ao homem o seu futuro, seja este qual for, ou mesmo permitir que ele escape aos desígnios do destino, pelo conhecimento das coisas que irão acontecer. Como já se viu, as profecias anunciadas podem lhe ser favoráveis ou desfavoráveis. Somente através do seu entendimento poderia ele aproveitá-las, mas já vimos a dificuldade em fazê-lo. Assim, o simples fato de conhecê-las muitas vezes não significa poder evitar o pior. Entretanto, de um modo paradoxal, as profecias pessimistas, ainda que não entendidas, podem ajudar a modificar um futuro sombrio, pela simples mudança da atitude humana. Trabalhar pelo melhor, pelo receio do pior: talvez seja este, afinal, o segredo e o objetivo de todas as profecias.

PARTE II - O ENIGMA DAS PIRÂMIDES

3 As Pirâmides: Uma Herança Eterna

É difícil saber a razão pela qual as civilizações antigas preocupavam-se tanto em construir pirâmides. Várias hipóteses foram apresentadas, desde as mais ortodoxas até as mais místicas, procurando explicar esta tendência. Os arqueólogos e os egiptólogos afirmam que elas foram construídas para servir de túmulo funerário. Tal convicção deve-se ao fato de terem sido encontrados sarcófagos dentro das pirâmides. Alguns pesquisadores, no entanto, que procuraram entender o pensamento dos construtores de pirâmides situando-os em sua própria época e não sob os parâmetros da sociedade moderna, encontraram motivos mais sérios para a sua construção.

Em 1950 vários intelectuais, liderados pelo filósofo e matemático R. A. Schwaller de Lubicz, reuniram-se em Luxor com o objetivo de levar a cabo uma pesquisa que fosse ao mesmo tempo rigorosamente científica e capaz de entender a mentalidade de uma cultura totalmente diferente da nossa. O resultado de suas pesquisas, demasiado extenso para sequer ser resumido aqui, chegou à conclusão que o Egito era uma civilização estática, que não obedecia ao esquema clássico dos historiadores: crescimento, apogeu e declínio, a partir de uma origem bastante primitiva, em um ciclo evolutivo ascensional. O Egito, ao contrário, apresenta-se como uma civilização que aparece já pronta e permanece no mesmo degrau evolutivo, bastante avançado, por dezenas de séculos. Schwaller afirmou que a sociedade egípcia era profundamente metafísica e simbólica. Ele afirmou igualmente que a consciência egípcia preocupava-se unicamente com a transformação da matéria em espírito, tanto a nível individual quanto coletivo. Ele descobriu que as inscrições escritas em paredes opostas tinham significado complementar, e assim deviam ser lidas; com isto, ele revolucionou a egiptologia. Schwaller alinha-se entre os que acreditam que as dimensões da Grande Pirâmide são realmente significativas (matemática e simbolicamente). Ora, tudo isto provoca forte aversão nos historiadores ortodoxos modernos. Acostumados que estão a utilizar conceitos que somente surgiram no século passado, tais como luta de classes, classes dominantes, predominância dos fatores econômicos na sociedade, etc., eles tendem a interpretar as sociedades antigas desprezando fatores religiosos e outros que não os orientados sob suas perspectivas, com isto falseando suas interpretações.

Além do Egito, estruturas piramidais foram também construídas por todo o mundo antigo, sendo que as mais enigmáticas são encontradas na América Central e México. Os arqueólogos afirmam que as pirâmides do litoral setentrional do Peru foram erguidas pelos moques e tiahuanacos (ou wari-tiahuanacos), descendentes da civilização chavin. Os moques construíram as famosas pirâmides gêmeas *La Huaca del Sol* (O Templo do Sol) e *La Huaca de la Luna* (O Templo da Lua), que se encontram próximas à moderna cidade de Trujillo. O Templo do Sol é uma vasta estrutura construída em forma de terraços, nos quais calcula-se que tenham sido utilizados cerca de 130.000.000 de tijolos crus. Outra pirâmide moque, o Grande Templo Piramidal de Pachamac, é encontrada ao sul de Lima. Ela ocupa

cerca de cinco hectares e tem 23 metros de altura. Pirâmides também foram construídas pelas antigas civilizações tolteca, olmeca, inca, maia, azteca, entre as principais que ocuparam estas regiões.

As três pirâmides de Gizé não são as únicas do Egito. Na verdade, são conhecidas mais de setenta pirâmides (alguns autores dizem que há mais de cento e trinta pirâmides). A arqueologia ortodoxa afirma que foi no reinado do faraó Netherket (também conhecido por Djoser), da III dinastia, que primeiro se teve a idéia de construir um túmulo em forma de pirâmide. A construção da primeira delas teria sido realizada em 2651 a.C., e foi planejada e erguida pelo arquiteto Imhotep na região de Saqqarah, baixo Egito. Ela tinha 61 metros de altura, em seis degraus, e tinha uma base de 121 por 109 metros. Em um compartimento secreto denominado *serdab* ficava uma estátua do faraó morto, em uma posição da qual se descortinava a sala de oferendas de sua tumba. De acordo com os arqueólogos Zakaria Goneim e M. J. Lauer, uma pirâmide inacabada teria sido mandada construir pelo filho de Djoser, o faraó Sekhem-Khet. A poucos quilômetros da região de Saqqara encontram-se as pirâmides de Dashur. Nestas pirâmides as arestas possuem inclinações ou cortes difíceis de classificar, e por isto tomam nomes como *arqueada*, *curva*, *romboidal* ou *pirâmide de dupla inclinação*. Existe também a chamada *falsa pirâmide de Maidum*, construída pelo faraó Huny, descendente de Djoser, na qual os degraus são bastante desproporcionais entre si. Tudo isto conduziu os arqueólogos a concluírem que houve uma evolução com relação à forma utilizada para construir as pirâmides, que atingiram o ápice técnico com a de Quéops. Esta pirâmide tinha inicialmente 145,75 metros de altura, dos quais restam atualmente cerca de 137 metros. A de Quéfrem tem 136,60 metros, e a de Miquerinos apenas 66 metros de altura.

4 A Grande Pirâmide

A Grande Pirâmide de Gizé, uma das denominadas Sete Maravilhas do Mundo antigo, é um monumento colossal cuja origem se perde no passado remoto do Egito. Os arqueólogos ortodoxos afirmam que ela foi construída durante o reinado do faraó Quéops (forma grega de *Khufu*), filho de Snofru (ou Sneferu). Por isso, é conhecida também como Pirâmide de Quéops.³

O primeiro historiador a falar acerca desta pirâmide foi o grego Heródoto. Ele afirma que ela teria sido construída por cerca de cem mil escravos, trabalhando por mais de vinte anos, cerca de 2.500 anos antes de sua própria época, uma época tão remota para ele quanto ele está para nós. Heródoto esteve no Egito durante o reinado do faraó Artaxerxes (450 a.C.), quando viajava pelo mundo antigo conhecido. Escreveu uma extensa obra a respeito de suas viagens, em nove livros, cada um deles dedicado a uma das musas. O que escreveu acerca do Egito é encontrado na obra *Euterpe*, dedicada à musa que presidia à poesia lírica. Curiosamente, os sacerdotes evitavam mencionar as pirâmides de Gizé (que incluem as pirâmides de Quéfrem — Ka-F-Ra — e de Miquerinos), citando-as como “as pirâmides do pastor Filítis”, um pastor de cabras da região. Segundo os relatos que ouviu, Quéops teria sido um cruel tirano, que escravizara o povo para que construísse a pirâmide, e que não teve dúvidas em prostituir a própria filha para arrecadar dinheiro para a obra. Heródoto alega que obteve estas informações dos sacerdotes egípcios, mas não há nenhuma certeza de que estes não o teriam enganado deliberadamente. Atualmente, acumulam-se as críticas sobre este relato, vindas de arqueólogos e historiadores, pois ele é considerado excessivamente fantasioso.

A idade exata da construção da Grande Pirâmide continua desconhecida até os dias atuais. As especulações apresentam datas que variam de 2700 a.C., data mais aceita pelos arqueólogos e egiptólogos, até 4700 a.C. Alguns autores não hesitam em recuar tal data até um ponto tão distante no passado quanto 25000 a.C. O francês André Pochan, um dos grandes pesquisadores atuais da Grande Pirâmide, ao estudar mais profundamente o calendário de Atotis, segundo faraó egípcio (após a unificação do Baixo e Alto Egito), colocou o reinado de Quéops no período entre 4829 a.C. e 4766 a.C., ou seja, cerca de 2.000 anos mais antiga do que se afirma. Saber a data de sua construção, no entanto, não resolve o mistério que cerca tanto a sua construção quanto o motivo pelo qual foi construída. De acordo com o escritor e viajante árabe Ibn-Battuta, do século XVI, as três pirâmides teriam sido erguidas antes do Dilúvio, para que nelas ficassem salvos os “livros da ciência e do conhecimento”. Acredita-se que, em suas medidas, a Grande Pirâmide

³ O escritor Zecharia Sitchin, um erudito especialista em línguas orientais antigas descobriu em 1982 que a inscrição (a única inscrição em toda a pirâmide) que continha o nome de Quéops tinha sido falsificada. De acordo com Sitchin, o autor desta farsa foi o inglês Howard Vyse, que em 1837 fazia pesquisas dentro da pirâmide. Ele teria escrito o cartucho (seguindo a grafia **Ch - u - f - u**) com ocre vermelho, copiando o nome escrito em um manual publicado em 1828, de autoria de John Gardner Wilkinson. Ocorre que a grafia no manual estava errada, e Vyse copiou-a com erro e tudo. Nenhum egiptólogo anterior a Sitchin foi capaz de perceber esta fraude.

guarda o relato de toda a história humana, tanto passada quanto futura. Relações matemáticas entre lados, perímetro e altura da pirâmide revelariam constantes matemáticas, as medidas do planeta e até mesmo medidas cósmicas.

Entre outras medidas, podem ser encontradas as seguintes:

- A distância da Grande Pirâmide ao centro da Terra é exatamente igual à sua distância ao pólo norte;
- A Grande Pirâmide fica exatamente no centro da massa de terra firme da Terra;
- O meridiano que passa por ela divide os mares e os continentes em duas partes de tamanho exatamente igual;
- A relação entre a altura e o perímetro da pirâmide é correspondente à relação entre o raio e o perímetro de um círculo;
- As três pirâmides formam entre si um triângulo semelhante ao triângulo de Pitágoras, na relação matemática 3:4:5;
- Dividindo-se a superfície da base da pirâmide pela sua metade dupla acha-se o número $\Pi = 3,1416$;
- Multiplicando a longitude da Ante-Câmara do Rei por 3,1416 obtém-se a duração do ano tropical, 365,242 dias.

5 O Mistério das Pirâmides

A partir do século XIX, duas vertentes de interpretação acerca da Grande Pirâmide começaram a tomar força entre os egiptólogos: uma delas seguia as interpretações de John Taylor e Piazzi Smith; a outra, em oposição, devia-se a Sir W. M. Flinders Petrie. Taylor e Smith, britânicos, afirmavam que as proporções matemáticas da pirâmide eram propositais, e se baseavam em medidas denominadas polegada, côvado e cúbito piramidal. John Taylor, em 1859, afirmou que o arquiteto da pirâmide utilizou o mesmo cúbito bíblico utilizado na construção da arca de Noé, equivalente a cerca de 63 centímetros de comprimento, e que seria resultado da divisão da medida do eixo da Terra por 400.000. Piazzi Smith, que era astrônomo real da Escócia, afirmou em sua obra *Our Inheritance in the Great Pyramid* que era possível encontrar na pirâmide, entre outras, medidas que continham em si dados tais como a distância entre a Terra e o Sol, a duração da precessão dos equinócios e a duração da órbita da Terra entre dois equinócios. Como estes dados destoam ostensivamente da cultura e tecnologia da época, e por pertencer a uma época que acreditava fortemente no progresso gradativo da ciência e da civilização, Piazzi Smith afirmava que a pirâmide tinha sido construída por inspiração divina.

Desde o século 17, quando as dimensões da pirâmide foram medidas pelo matemático Greaves, pensava-se que as suas proporções colossais pareciam ocultar um enigma, talvez até mesmo mensagens misteriosas de uma civilização desaparecida, a qual poderia ser lida no futuro. Após Greaves, as medidas da pirâmide foram também determinadas pelo coronel Richard Howard-Vyse. Mas foi Piazzi Smith, com suas medidas, quem pensou ter encontrado referências a várias unidades inglesas da época, tais como a polegada e o quarto, medida tradicional do trigo. Piazzi descobriu também que a pirâmide estava situada a exatos 30° de latitude norte, um terço da distância do equador ao pólo, e estaria situada exatamente no centro do Egito e no centro de todas as terras habitáveis do mundo. Para ele, somente Deus seria capaz de realizar tal tarefa, e somente Ele seria capaz de gravar na rocha uma “numerologia” mística.

Petrie não se deixou convencer por estas afirmações. Como ele afirma em sua obra *Pyramids and Temples of Gizeh*, ao refazer as medidas da pirâmide encontrou valores diferentes dos de Piazzi Smith. Ele também não acreditava que as medidas da pirâmide estivessem baseadas em uma polegada primitiva e um côvado sagrado. Quando ele foi para o Egito, levou consigo um equipamento completo de teodolitos, calibres e goniômetros de alta precisão, com os quais ele pretendia realizar as medidas mais precisas que conseguisse. Com este equipamento, mediu extensamente os monumentos, câmaras e sarcófagos, repetindo exaustivamente cada medida. Para ele, a precisão com que os egípcios construíram a pirâmide era inaudita, e desmentia que tivessem sido utilizados instrumentos toscos e sem precisão. Apesar disso, Petrie realmente não acreditava que houvesse inspiração divina em sua construção, ou que existissem números “mágicos” nas medidas encontradas.

A Grande Pirâmide, ou Pirâmide de Quéops, foi construída utilizando cerca de 2,3 a 2,5 milhões de pedras, com um peso médio de 2,5 toneladas (pesos de duas até mais de trinta toneladas). Tem uma altura proporcional à de um edifício de 40 andares, e seu interior não é maciço, contendo corredores e câmaras internas: o Corredor Ascendente, o Corredor Horizontal, o Corredor Descendente, o Poço, a Grande Galeria, a Antecâmara, a Câmara do Rei e a Câmara da Rainha. Desde que foram encontrados, tais aposentos e corredores têm intrigado os pesquisadores, os quais apresentaram várias hipóteses para justificá-los.

6 As Pirâmides e os Aspectos do Céu

Já no ano de 900 d.C. o historiador árabe Masoudi afirmou que a Grande Pirâmide fora construída como um monumento capaz de conter em si todo o conhecimento antigo, tanto científico quanto religioso e artístico. Em 1800, Sir John Herschel, filho do descobridor do planeta Urano, Sir William Herschel, afirmou que devia existir uma correlação entre os corredores e as estrelas, que lhes serviriam de guia. Ele determinou que o Corredor Ascendente apontava para a estrela *Alfa Draconis* nas datas de 2170 a.C. e 3440 a.C.; como esta última data não se encaixava na cronologia admitida pelos historiadores, Sir John afirmou que a construção da pirâmide ocorrera na data mais recente. Esta data foi aceita também por Piazzzi Smith. Ele encontrou um outro alinhamento, rumo ao grupo das Plêiades: quando a estrela *Alcione*, ou *Eta Tauri*, estava diretamente acima do vértice da pirâmide, a *Estrela do Dragão* ficava perfeitamente alinhada com o Corredor Ascendente, 12 horas polares à frente. Como esta relação ocorre somente a cada 25.827 anos, ou uma vez em cada ciclo precessional, o autor Max Toth, em sua obra *Pyramid Prophecies* afirma que a pirâmide teria sido construída em 27997 a.C., distante exatamente um ciclo sideral de 2170 a.C., ou seja, na época do alinhamento anterior.

Em anos mais recentes, os autores Robert Bauval e Adrian Gilbert, na obra *The Orion Mystery*, expressaram a chamada Teoria da Correlação, segundo a qual as três pirâmides de Gizé possuem o mesmo alinhamento que as estrelas Alnitak, Alnilam e Mintaka, da constelação de Órion.⁴ Essa correlação com Órion já tinha sido de certo modo mencionada por Virgínia Trimble e Alexander Badawy, que mostraram que os respiradouros da pirâmide de Quéops apontavam para esta constelação. Para Bauval, o alinhamento das três pirâmides com as três estrelas era perfeito, no ano de 2450 a.C., o que colocaria sua construção por volta desta época.

⁴ Em 1976 a nave artificial Viking, ao atingir as proximidades do planeta Marte, colocou em órbita um módulo, chamado *orbiter*, o qual fotografou formações parecidas com pirâmides na superfície do planeta, em uma região denominada *Cydonia*. No livro *Regina*, de Antonio Velasco Pina, que fala de uma mística mexicana que morreu assassinada em 1968, afirma-se que as pirâmides são estruturas geométricas que têm por objetivo transmutar energias negativas, vindas da Lua, em energias positivas. O egiptólogo Dee Jay Nelson e o engenheiro David H. Coville escreveram o livro *Life Force in the Great Pyramids*, no qual afirmam que os antigos egípcios possuíam profundo conhecimento da natureza da matéria e da energia, principalmente da chamada “energia das formas”. Nos anos de 1968/1969 o ganhador do prêmio Nobel de física, Dr. Luis Alvarez, instalou um aparato complexo de computadores e medidores de raios cósmicos na pirâmide, com a intenção de descobrir recintos ocultos dentro dela. O resultado da experiência pode ser resumido nas palavras do dr. Arm Gohed, que participou da experiência: “ou a estrutura da pirâmide era uma trapalhada, (...)”, ou haveria nela “um mistério incompreensível, que pode ser chamado de ocultismo, maldição do faraó, feitiço, magia, o que seja!”.

7 As Profecias das Pirâmides

Em 1865, Robert Menzies formulou a hipótese segundo a qual os corredores e câmaras da pirâmide representariam a cronologia da história e conteriam profecias para o futuro. Para ele, a Grande Galeria representaria a Era Cristã, de acordo com uma escala cronológica cuja medida teria relação com o diâmetro polar da Terra e que teria início com o nascimento de Jesus. Outros estudiosos situam este começo no ano da crucificação e ressurreição, ou primeiro ano de Pentecostes. Menzies afirmou que a entrada da primeira passagem baixa em direção à Antecâmara representava a época das grandes atribuições previstas nas Escrituras. Muito antes de Menzies, no entanto, já se pensava existir uma relação entre a Grande Pirâmide e a Bíblia. Pensa-se inclusive que Isaías faça referência à pirâmide, em Isaías, 19,19: *Naquele dia haverá um altar do Senhor no meio da terra do Egito, e um monumento ao Senhor perto da sua fronteira.*

O Dr. W. Aldersmith, que prosseguiu os trabalhos de Piazzi Smith, admitiu como início dessa era o ano da crucificação, mas tanto ele quanto Menzies e Smith adotaram como final da Grande Galeria uma coordenada perpendicular, ao invés de uma coordenada vertical. Isto, entretanto, leva ao cálculo errado (1913) do ano de início da Primeira Guerra Mundial. Georges Barbarin, no livro *El Secreto de la Pirâmide*, diz que a linha cronológica das profecias situa-se no prolongamento do segmento de reta constituído pelo piso do Corredor Ascendente até encontrar o ponto do segmento representado pelo revestimento da face norte da pirâmide. O vértice resultante situa-se a 6.000 polegadas da pirâmide do término do segmento, no centro da Antecâmara anterior à Câmara do Rei. Cada uma destas polegadas corresponderia, então, a um ano desta cronologia, e representariam todos os fatos históricos relativos à humanidade adâmica, sendo que as épocas mais notáveis teriam sempre uma representação estrutural marcante. Outros fatos estariam figurados em interseções de linhas no teto e no piso, nos corredores e nas câmaras, em interseções e cruzamentos, etc.

Na obra *Great Pyramid Passages*, os autores John e Morton Edgar descrevem o que acreditam ser o simbolismo interno da Grande Pirâmide: o Corredor Descendente significa o mundo em seu caminho para a destruição, simbolizada pelo Poço (Geena); o Corredor Ascendente simboliza tanto a Providência da Lei dos Israelitas (que teria tido início em 1615 a.C. e terminado em 33 d.C.), quanto a possibilidade de redenção ao ser humano; o Corredor Horizontal, que conduz à Câmara da Rainha, simboliza a vida no plano da perfeição humana, sendo que a Câmara da Rainha simboliza os planos superiores de vida; a Grande Galeria anuncia o advento do Salvador; a Câmara do Rei simboliza a imortalidade, herança natural de quem atender ao convite divino; a Antecâmara que leva à Câmara do Rei representa a Escola de Cristo, para os que ouvem o chamado e são por Ele aceitos; a Grande Galeria, a Antecâmara e a Câmara do Rei simbolizam o mais alto plano de realização espiritual. Os corredores e câmaras simbolizariam, então, o progresso da alma em seu caminho pela vida terrena. Os caminhos para baixo, para leste ou para a esquerda significariam a degeneração espiritual, a descida da alma para o inferno, e os caminhos para cima, para oeste ou para a direita, simbolizariam o esclarecimento e a imortalidade.

Muitos autores acreditam que existe uma relação entre as profecias inscritas na pirâmide e as profecias da Bíblia, principalmente as dos profetas do Antigo Testamento. É impossível afirmar ou negar que exista esta relação, porque ambas são obscuras e difíceis de interpretar. Os exegetas da Bíblia e os estudiosos da pirâmide muitas vezes tentam forçar interpretações no sentido de suas próprias crenças, o que, muitas vezes, só leva ao ceticismo geral. Nem por isto, entretanto, eles desistem de apresentar as suas conclusões.

Em sua extensa obra *The Great Pyramid Decoded*, o autor Peter Lemesurier apresenta um resumo cronológico dos fatos acontecidos e a acontecerem, apontados pela Grande Pirâmide. Lemesurier apresenta uma cronologia que, segundo sua própria interpretação, é bastante viável. Para ele, a cronologia da pirâmide tem início no ano de 2663 a.C., ano no qual ela teria sido construída. Um resumo desta cronologia é apresentado a seguir:

±1977 a ±2004	Colapso e declínio parcial da civilização
1985	Influências espirituais começam a se irradiar
1999	Estabelecimento do reinado do espírito
±2004 a ±2025	Colapso da civilização materialista
2034	Começam a surgir os sinais do Messias
2039	Encarnação do Messias
2075	Início de uma era de grande prosperidade
3989	Fuga humana para os planos espirituais [arrebatamento?]

O estudioso da pirâmide Adam Rutherford, fundador do Instituto de Pyramidologia em Londres, em 1940, escreveu uma extensa obra em cinco volumes acerca da Grande Pirâmide, na qual ele procurou apresentar todos os aspectos do conhecimento que estariam nela encerrados — conhecimentos científicos, proféticos e religiosos. De acordo com suas

interpretações, as previsões acerca do futuro falam a respeito de modificações do clima, cataclismos, terremotos e de outros fenômenos naturais que virão atingir os países e que poderão trazer devastações, destruição e morte em alta escala.

Vários autores também afirmam que, de acordo com as profecias contidas na Grande Pirâmide, por volta do final do milênio haverá um desvio do eixo da Terra, ou então que um grande corpo celeste irá se chocar com o planeta. Em qualquer caso, afirmam, uma grande parte da população irá perecer, e os sobreviventes farão parte de uma sociedade mais equilibrada, justa e espiritualmente orientada, tudo isto conforme as palavras do profeta: *E vi um novo céu e uma nova terra, porque o primeiro céu e a primeira terra tinham desaparecido; o mar já não existia* (Apocalipse, 21,1).

PARTE III - DAS VISÕES DO PASSADO ÀS VISÕES DO FUTURO

8 Abraão e Melquisedec: da Antiga à Nova Ordem

O primeiro e o mais importante dos profetas do Antigo Testamento é Abraão, que fez uma aliança do Deus: *Naquele dia, fez o Senhor uma aliança com Abraão, dizendo: Darei à tua descendência esta terra, que vai do rio do Egito até o grande rio Eufrates* (Gênesis, 15, 18). Foi ele quem fez a primeira profecia, aquela capaz de unir seu povo e prometer aos seus descendentes uma terra fértil e próspera (Canaã); foi ele também que iniciou a grande corrente de profetas bíblicos: Isaías, Jeremias, Ezequiel e Daniel, chamados de *profetas maiores*, e Oséias, Joel, Amós, Abdias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuc, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias, chamados de *profetas menores* (alguns exegetas afirmam que não é correto pensar que todas as profecias destes profetas antigos façam referência unicamente aos tempos anteriores a Cristo; muitas profecias fariam referências a tempos futuros, que incluem os tempos modernos e contemporâneos).

Abraão,⁵ profeta tão distante no passado que é difícil separar a figura humana da figura lendária, nascido Abrão, teve seu nome mudado por Deus. Alguns exegetas relatam o fato ligando-o a uma possível iniciação religiosa nos mistérios de Deus, que Abraão teria recebido. É sintomático que Abraão esteja ligado ao episódio das cidades de Sodoma e Gomorra, cidades destruídas em razão de sua impiedade e degeneração. Neste caso, foi como que um “fim de mundo” para elas e para os seus habitantes, exceto para Lot e sua família (incidentalmente, a história destas cidades seria como que uma alegoria para aqueles tempos de atribulação e salvação que se dizem inscritos na Grande Pirâmide). É também sintomático o episódio no qual se menciona o sacrifício do filho de Abraão, Isaac, que foi substituído por um cordeiro. Este episódio pode, de certa maneira, ser entendido como uma transição simbólica universal, ou uma iniciação universal, na qual o sacrifício humano, devido aos deuses antigos, foi substituído pelo sacrifício de animais. Tal sacrifício, denominado *sacrifício propiciatório*, ou *sacrifício regenerador*, estava disseminado por todas as civilizações mais arcaicas, que viam nela uma forma de manter a continuidade do mundo, mais do que uma forma de obter poder mundano pelo sacrifício de inimigos derrotados. Mesmo em civilizações tão recentes quanto as civilizações centro-americanas, este sacrifício era assim entendido.

⁵ A Abraão, o primeiro patriarca do povo hebreu, foi prometido por Deus que ele teria uma descendência tão numerosa quanto a quantidade de estrelas no céu e os grãos de areia do mar. Abraão, Abraham, Ab-raham. Este nome hebraico simboliza a fecundidade, a geração, o amor e o sexo, conforme se pode ver da sua origem etimológica, RAHAM: seio, entranhas, ventre, matriz, sexo. Também RAHAMÍM: interior visceral, coração, amor, misericórdia (Veja-se: Rômulo Cândido de Souza, *Palavra, Parábola*, Editora Santuário, 1990).

Abraão também está ligado ao mais misterioso e enigmático personagem bíblico, Melquisedec, do qual se dizia ser rei de Salém e sacerdote do Deus altíssimo. Abraão foi abençoado por Melquisedec e deu-lhe os dízimos devidos, conforme se vê em Hebreus, 7, 1. A Abraão foi anunciada a nova ordem de sacerdócio, segundo Melquisedec, porque o antigo sacerdócio levítico segundo Aarão, que era baseado na carne ao invés do espírito, não conduziu à consumação (Hebreus, 7, 11-19).

Quando intimado a sacrificar o seu filho, Abraão não hesita nem um momento; mas antes de levar o cabo este ato, ele ouve do Anjo do Senhor: *Abraão, Abraão! Não deixes cair tua mão sobre a criança, nem lhe faça mal. Agora, eu sei que temes a Deus, a quem não recusastes o teu filho único* (Gênesis, 22, 11-12). É possível que a antiga ordem de sacerdócio, baseada na carne, conduzisse aos sacrifícios humanos, os quais, acreditava-se, deleitavam aos deuses. É possível, também, que as iniquidades humanas que teriam conduzido à destruição do mundo pelo dilúvio poderiam tanto estar baseadas nestas práticas sacrificiais quanto na degeneração dos costumes. Nos cultos caldeus e cananeus, entre outros, era comum o sacrifício dos recém-nascidos; Jeremias combateu um costume comum entre os seus contemporâneos hebreus, o de sacrificar crianças a Moloc. Para Abraão, portanto, o sacrifício de seu varão não seria algo inaudito ou inconcebível. Por isto, devido à sua total confiança e submissão ao Senhor, o Anjo segura o seu braço e impede-o de consumir o sacrifício. Tal como num rito de passagem, Abraão, pelos seus atos e em sua própria pessoa, torna-se o arauto de uma nova era. Na colina de Moriah, ele ergueu um templo em honra ao Eterno. Foi nesta colina que Davi viria para implorar por um “coração puro”, e onde Jesus Cristo viria também para, com seu sacrifício, renovar a aliança, selando-a com o seu sangue. E, de fato, é Abraão (Ibrahim, para os árabes) quem inicia a linhagem real (de reis “ungidos”) que, passando por Davi, leva até Jesus Cristo (Mateus, 1, 1-16; Lucas, 3, 23-38; Marcos, 12, 35).⁶

⁶ A presença de Deus, na língua hebraica, expressa-se por diversas palavras: *Shekináh, Fanuel, Kabôd Iahvéh, Imráh Iahvéh*. Reis, profetas e sacerdotes deviam ser ungidos com óleo, para marcar esta presença divina, ou a manifestação da Teofania. A unção com óleo, um gesto ritual, era designada pela palavra *Mashash*, que significa untar, massagear; designava-se por *Meshiah* aquele que fora ungido. A palavra grega correspondente é *Christôs*. De *Meshiah* deriva-se a palavra Messias, daí o evangelista colocar na boca de Jesus: “Eu sou o *Messias*, eu sou *Betel*, eu sou o *Ungido*, eu sou a *Shekináh*” (Rômulo de Souza, obra citada).

9 As Profecias de Daniel

Daniel, um profeta maior, foi um profeta que pôde ver o desenrolar da história em um período de 2.500 anos. Em suas previsões, ele avança até o que seria o fim do mundo. Nos capítulos 7 e 8 da *Profecia de Daniel*, onde analisa o sonho do rei Nabucodonosor, da Babilônia, ele é bastante minucioso em suas previsões, e até apresenta uma data para tais acontecimentos: (...) *até quando será calcado aos pés o santuário e a fortaleza? E ele respondeu-lhe: Até dois mil e trezentos dias; e depois o santuário será purificado* (Daniel, 8, 13-14). Também o capítulo 9 apresenta números representativos da época nas quais se darão tais eventos: *Setenta semanas foram fixadas sobre o teu povo e sobre tua cidade santa, para fazer cessar a transgressão e dar fim aos pecados, para expiar a iniquidade e instaurar uma justiça eterna, para que as visões e profecias se cumpram e para que o santo dos santos seja ungido* (Daniel, 9, 24). Os versículos seguintes colocam em maiores detalhes esta extensão de tempo. Nos capítulos 11 e 12, Daniel menciona a vinda de um grande Príncipe, Micael, que virá para conduzir à vida eterna aqueles inscritos no Livro da Vida [entre os que vivem e os que dormem] e lançar ao horror eterno e ao opróbrio aqueles que cometeram abominação. Outros períodos são mencionados em 12, 6-13: (...) *a partir do momento da abolição do sacrifício perpétuo e da instalação da abominação, haverá mil duzentos e noventa dias. Bem aventurado aquele que perseverar por mil trezentos e trinta e cinco dias. Quanto a ti, busca o teu repouso. Depois, te levantarás para receber a tua parte, no fim dos dias* (em Ezequiel, 4, 6, e Números, 14, 34, existem menções à correspondência entre dia e ano, ou seja, um ano para cada dia).

O livro *Profecia de Daniel* é pródigo em visões e mensagens a respeito do futuro. O capítulo 2 apresenta a história do rei Nabucodonosor, da Babilônia com relação a um sonho notável que teve. Ao acordar, ele não conseguiu se lembrar dos detalhes do sonho, por mais esforços que fizesse. Ele ficou bastante impressionado com isto e resolveu que iria tentar descobrir qual fora o conteúdo de seu sonho. Convocou então sábios, adivinhos, magos e astrólogos (caldeus) do seu reino, para que pudessem dizer-lhe sobre o que tinha sonhado. Mas eles não conseguiram fazê-lo, o que deixou o rei bastante enfurecido, e por isto ameaçou-os: *Se não me declarardes o sonho e o seu significado, morrereis todos, e suas casas serão confiscadas* (Daniel, 2, 5). Em seguida, expediu um decreto ordenando o extermínio de todos os adivinhos da Babilônia. Daniel, junto com seus companheiros, também seria atingido por este decreto, e os soldados já os procuravam. Daniel foi informado por Arioc, general do rei, acerca do que acontecia. Inteirado dos fatos, apresentou-se então ao rei, suplicando que concedesse um prazo para que ele pudesse decifrar o sonho. Naquela noite Daniel implorou a misericórdia de Deus, para que ele e os seus companheiros, Ananias, Misael e Azarias não fossem mortos. Nesta mesma noite, em sonhos, Daniel recebeu uma visão que explicava o sonho do rei. Apresentou-se então a ele e falou: *Os sábios, os magos e os adivinhos não podem explicar ao rei o mistério de seu sonho. Mas há no céu um Deus que revela os mistérios, o qual mostrou, ó rei, o que haverá de acontecer nos últimos tempos* (Daniel 2, 27-28). Daniel, em seguida, passou a descrever o conteúdo do sonho: *Estavas, ó rei, em tua cama, e começastes a pensar sobre o que haveria de acontecer nos tempos que viriam. Aquele que revela os mistérios te fez saber as*

coisas que haveriam de vir (Daniel, 2, 29). Continuando, disse que o rei havia visto uma grande e magnífica estátua, cuja cabeça era de ouro; o peito e os braços eram de prata; o ventre e os quadris eram de bronze; as pernas de ferro; os pés eram parte de ferro e parte de barro. Disse ainda que, enquanto o rei estava a contemplá-la, uma pedra desprendeuse de um monte, sem intervenção humana, e veio ferir a estátua em seus pés, fazendo toda a estátua em pedaços. Ao mesmo tempo a pedra tornou-se um grande monte, o qual encheu toda a Terra. Após contar sobre o sonho, Daniel passou a interpretá-lo. Disse que a cabeça de ouro significava o império babilônico (em Isaías, 13, 19, encontra-se: *Essa Babilônia, gloriosa entre os reinos, orgulho dos Caldeus, será destruída do mesmo modo que o Senhor destruiu Sodoma e Gomorra*), no auge de sua glória. Depois deste reino, viria outro, inferior em glória, simbolizado pelo peito e braços de prata. Em seguida, viria outro reino, de bronze, que teria domínio sobre toda a terra conhecida. O quarto reino seria de ferro, ou seja, teria um férreo domínio sobre os povos. Por último, os reinos de ferro e barro seriam reinos divididos, ao mesmo tempo fortes e frágeis, cuja união seria difícil.

Há um consenso entre os intérpretes e exegetas bíblicos a respeito de todos estes reinos citados por Daniel. O segundo reino, de prata, seria o reino medo-persa. Ciro, rei deste império, conquistou a Babilônia em 538 a.C. Embora se tornasse maior em extensão que o babilônico, o império medo-persa era-lhe contudo inferior em magnificência, riquezas e ciências. É por isto que era simbolizado pela prata, que é inferior ao ouro. O terceiro reino, de bronze, representa o império de Alexandre Magno, que instaurou a fase helenística da história grega. Ele derrotou os persas em 331 a.C. Conquistou também toda a Ásia Menor, a Fenícia, o Egito, a Palestina e a Mesopotâmia, sendo que seus exércitos chegaram até a Índia. O quarto reino, que se dizia que era forte como o ferro, foi o império romano. Em 168 a.C., após a batalha de Pidna, os romanos atingiram a supremacia militar. Após séculos de domínio, Roma, que dominou da África à Inglaterra e da Espanha à Pérsia também sucumbiu, desta vez aos povos bárbaros do norte da Europa. Entre os anos de 351 e 476 d.C., vários reinos surgiram a partir de tais invasões: os germanos ou alamanes na Alemanha, os francos na França, os visigodos na Espanha, os burgundos na Suíça, os suevos em Portugal, os lombardos na Itália, os anglo-saxões na Inglaterra, e os hérulos, os vândalos e os ostrogodos. Com exceção dos três últimos, que foram destruídos entre 493 e 538 d.C., os outros sete reinos formaram as atuais nações da Europa (é evidente que estes foram apenas os principais invasores. Os bárbaros encontraram outros povos nas terras invadidas, e juntos, tornaram-se os antepassados dos povos atuais). Algum tempo depois Daniel teve outro sonho, que complementava o sonho que interpretara para o rei. Neste sonho, apareceram-lhe quatro animais simbólicos: um leão com asas de águia; um urso com três costelas entre os dentes; um leopardo com quatro asas e quatro cabeças; um animal terrível e muito forte, com dez chifres e dentes de ferro, que devorava e fazia em pedaços as suas vítimas; no meio de sua visão, três chifres caíram da cabeça deste último animal (Daniel, 7, 1-7).

Em linhas gerais, a interpretação para o simbolismo destes animais é a mesma. O caso do animal de chifres e dentes de ferro é que vai nos interessar mais de perto. Admite-se que os dez chifres representem as dez nações européias. Aliás, o ponto mais misterioso da profecia de Daniel refere-se exatamente a estas dez nações (que não formam,

necessariamente, apenas dez estados). Daniel diz explicitamente a respeito destes reinos: *No tempo, porém, daqueles reinos, o Deus do céu criará um reino que jamais será destruído, e este reino não será conquistado por outros povos; antes os derrotará, e subsistirá para sempre* (Daniel, 2, 44). Daniel faz uma referência estranha no capítulo 7: *Eu estava em minhas visões noturnas, quando veio o Filho do Homem em meio às nuvens do céu; chegou ao Ancião dos Dias, apresentando-se a ele. E ele deu-lhe o poder, a honra e a glória, e todos os povos e nações de todos idiomas o serviram; o seu poder é eterno, e jamais lhe será tirado, e o seu reino jamais será destruído* (Daniel, 7, 13-14).⁷

As profecias de Daniel, ou as profecias que lhe são atribuídas, que, como se viu, avançam nos séculos, possuem grande relevância. Mais do que profecias religiosas, elas mapeiam e balizam os acontecimentos futuros, em uma extensão inaudita. Sua importância é extrema, para os dias atuais. Mas a par delas, algo do que está escrito no Apocalipse deve ser conhecido, para possibilitar o entendimento do que será exposto mais à frente.

⁷ A moderna crítica exegética procurou demonstrar que o livro bíblico atribuído a Daniel é uma composição apócrifa feita no reinado de Antiochus Epiphane, tendo sofrido posteriormente revisões e acréscimos em sua versão grega. Essa opinião seria corroborada pelo fato de existirem palavras gregas no texto caldeu (*A critical and historical introduction to the canonical scriptures of the Old Testament*, L. de Wette).

10 As Representações Celestes do Apocalipse

O *Livro do Apocalipse* (também chamado de *Livro das Revelações*, ou *Revelação de Jesus Cristo*) de João é igualmente pródigo em alegorias e simbolismos referentes ao final dos tempos, ou Dia do Juízo. O Apocalipse é uma carta às sete igrejas, com o conteúdo dividido em três partes. Nas segunda e terceira partes são apresentadas as coisas que irão acontecer antes e durante a consumação na hora do juízo, nos *sete selos*, nas *sete trombetas* e nos *sete sinais no céu e na terra*, na *apresentação do Filho do Homem com seis anjos*, e no *derramamento da cólera divina*. Dentre os livros proféticos, não há outro tão hermético e sibilino quanto este, que vem recebendo interpretações diversas por cada um que se debruça para estudá-lo. Talvez sua passagem mais famosa seja a que menciona “novos céus e novas terras” (21, 1), que encontra concordância em Isaías, 65, 17: *Porque irei criar céus novos e uma terra nova, e não persistirão na memória as antigas calamidades, nem retornarão ao espírito.*

O Apocalipse foi escrito no mesmo estilo que o livro de Daniel, do qual parece continuar alguns temas. Apresenta uma profecia completa, à qual segue-se a sua interpretação. Como se viu atrás, é constituído de sete selos, os sete selos que foram selados no livro de Daniel. O Cordeiro⁸ quebra os sete selos, um de cada vez. Nos primeiros quatro, de cada vez surge um cavaleiro montando um cavalo de cor sempre diferente. O tempo do sétimo selo subdivide-se em sete partes, quando sete trombetas soam sucessivamente após um silêncio de meia hora. De acordo com certas interpretações, as primeiras quatro trombetas anunciam a queda do império romano do Ocidente; a quinta e a sexta trombeta anunciam o fim do império romano do Oriente; a última trombeta anuncia o fim dos reinos da terra e o início de uma nova era.

As várias visões fantásticas encontradas no Apocalipse apresentam temas da mitologia astral de modo bastante sistemático. No capítulo 12 do Apocalipse encontra-se o seguinte: *A seguir apareceu no céu um grande sinal: uma mulher envolvida pelo Sol, com a Lua a seus pés e uma coroa com doze estrelas na cabeça; ela está grávida e sofre com as dores do parto. Viu-se então outro sinal no céu: um grande dragão cor de fogo com sete cabeças, dez chifres e um diadema em cada cabeça. A sua cauda arrasta um terço das estrelas do céu, precipitando-as sobre a terra. O dragão pára em frente à mulher que vai dar à luz, preparando-se para devorar o filho que vai nascer [compare-se ao tema de Apolo e o dragão]. E ela dá à luz um filho varão, o qual havia de reger todas as gentes com mão de ferro; o seu filho foi arrebatado para Deus e para o seu trono e a mulher foge para o deserto, onde tinha um retiro que Deus lhe preparou, para ser sustentada por mil, duzentos e sessenta dias. E aconteceu uma grande batalha no céu: Miguel [Micael, também São Jorge, também Apolo] e os seus anjos lutaram contra o dragão e os seus anjos rebeldes, mas estes não prevaleceram, e perderam seu lugar no céu. E aquele dragão, a antiga serpente foi precipitada na terra, juntamente com os seus anjo*

⁸ Há uma passagem no Apocalipse que afirma que o *livro dos sete selos* só pode ser aberto pelo *leão da tribo de Judá, a estirpe de Davi*, aquele herói (ou o Cordeiro sacrificial, aquele que se sacrificou pela humanidade) que *venceu de maneira a poder abrir o livro e desatar os sete selos* (Apocalipse, 5, 5)

(Apocalipse, 12, 1-9). *O dragão, depois que foi precipitado na terra, perseguiu a mulher que havia dado à luz um filho varão; mas foram dadas duas asas de águia à mulher, para que voasse para o seu retiro no deserto, onde é sustentada por um tempo, por tempos e por metade de um tempo, longe da presença da serpente* (Apocalipse, 12, 13-14).

De acordo com os autores Boll e Lehman-Nitsche, citados por Richard Hennig no livro *Os Grandes Enigmas do Universo*, a interpretação de tais textos passa necessariamente pela interpretação das constelações do céu, segundo os mitos antigos. A mulher envolta pelo Sol é a constelação da Virgem, posição onde se encontra o Sol nos meses de setembro e outubro. O dragão, que aguarda o nascimento da criança, é a constelação do Escorpião, que está colocada aos pés da constelação da Virgem. Como a atual constelação de Libra (Balança) antigamente fazia parte da constelação do Escorpião, era como se representasse os ferrões do escorpião estendidos para a frente. O signo de Libra foi agregado ao zodíaco pelos antigos babilônios; os gregos só tiveram conhecimento dele no ano de 237 a.C. Além do mais, os babilônios chamavam “chifres” aos ferrões ou pinças do Escorpião. O dragão da cor de fogo é representado pela estrela Antares, da constelação de Escorpião, que apresenta uma cor avermelhada à semelhança do planeta Marte. E a cauda do Escorpião está em uma região do céu que é pobre em estrelas, indicando assim porque “a sua cauda varre um terço das estrelas do céu”. As asas de águia dadas à mulher para fugir do dragão, estão representadas pela constelação da Águia, onde está a estrela Altair. Quanto ao combate entre o arcanjo Miguel e o dragão, estão representadas pelas constelações de Órion e Escorpião, constelações que jamais estão simultaneamente no horizonte: quando uma nasce, a outra se põe, como se houvesse uma contenda entre elas. Órion corresponde ao arcanjo Miguel, nas Escrituras, e a mitologia o apresenta como um guerreiro ou um caçador, sempre em luta, ora com o Escorpião, ora com a Ursa Maior, ora com a Baleia, ora com as Plêiades.

É extraordinário constatar que os povos antigos, mesmo separados por grandes distâncias ou mesmo por épocas, davam praticamente os mesmos nomes às mesmas constelações. Desde a antiga Suméria que as constelações estão catalogadas em número de 88, o que se mantém até a atualidade. A astronomia atual jamais viu necessidade de mudar esta catalogação antiga, mesmo porque ela serve de subsídio a pesquisas históricas e arqueológicas. A mitologia dos povos antigos está povoada de referências às constelações, onde os acontecimentos puramente terrestres se mesclam aos acontecimentos cósmicos, explicando-os ou sendo explicados por eles. Só para dar um exemplo, Ovídio, em *As Metamorfoses*, conta a respeito do mito de Faetonte, que pediu a Apolo para conduzir as rédeas do carro divino conduzido pelo Sol. Ao não conseguir controlar o carro, o Sol aproximou-se demais da Terra, pelo que Zeus teve que intervir, fulminando-o e precipitando-o na foz do rio Eridan. Não se pode negar que este mito tem clara motivação cósmica, apresentando em uma forte descrição de inspiração mitológica a aproximação de um cometa ou a queda de um grande meteorito ao solo. Mesmo a ciência atual usa extensamente as descrições do mundo e do universo deixadas pelos antigos. O zodíaco, ainda que ligado à astrologia, é usado pela astronomia descritiva para descrever o movimento dos astros. A passagem das idades, que se realiza pela transição do ponto vernal (o ponto vernal, ou equinócio da primavera, é o ponto onde o Sol passa do

hemisfério sul para o hemisfério norte) é aceita sem problemas por qualquer astrônomo. Dizer que estamos fazendo uma transição de idades, saindo do ciclo de Peixes e entrando no ciclo de Aquário, é aceito sem reservas pelos cientistas. Eles somente não aceitam as implicações que os antigos afirmavam a respeito destas passagens de ciclo.

11 Da Virgem Celeste à Virgem Terrestre

A transição do ponto vernal através das idades conduz sucessivamente de um a outro ciclo, segundo as constelações do zodíaco. Cada idade, ciclo ou era tem a duração aproximada de 2.160 anos, em média, sendo sua duração exata desconhecida, em razão do não conhecimento exato da duração da precessão dos equinócios (cerca de 26.000 anos). A era atual, que está no fim, é a era de Peixes, em razão de estar o Sol nos graus finais desta constelação zodiacal. A próxima será a era de Aquário, mitificada por esotéricos de toda espécie. Entre 6500 a.C. e 4300 a.C. aproximadamente ocorreu a era de Gêmeos. Nesta época, o solstício do Verão (no hemisfério norte) acontecia no signo de Virgem, no zênite da Via Láctea. Ora, é interessante que o culto à Rainha do Céu, ou Mãe Divina (que propiciava tanto a fertilidade do solo quanto a fertilidade das mulheres), era conhecido entre todos os povos mais antigos.

A antropóloga francesa Françoise d'Eaubonne, autora do livro *As Mulheres Antes do Patriarcado*, afirma que os povos do paleolítico já cultuavam a chamada Grande Deusa. Uma das mais antigas estatuetas que a representam é a chamada *Vênus de Laussel*, do período Aurignaciano. Ela tomava o nome de Ishtar na Babilônia, Cibele na Frígia, Lakshmi na Índia, Tanit em Cartago, Tetlo-Inau entre os aztecas, Mamahanan entre os incas, Artemis em Éfeso, Vênus em Roma, Afrodite na Grécia (Gea, na Grécia antiga), Ashtart em Tiro e na Fenícia e Ísis entre os egípcios. Era a deusa padroeira de Sidon, e os barcos sidonitas levavam a sua efígie na proa. Os *Mistérios de Eleusis* (rituais praticados todo final de primavera na cidade grega de Elêusis) faziam alusão à deusa Deméter, ligada à fecundidade. Cada uma delas traz o mesmo símbolo, uma serpente. Ísis traz em sua frente o uréu, que é uma coroa com uma serpente. Atena, deusa da ciência, segura nas mãos uma serpente, à altura do peito. Este é o símbolo da sabedoria, da juventude e da vida.

Em todos os antigos mitos religiosos são encontradas referências a pedras negras, ou meteoritos, também chamadas “pedras do raio”. Todas elas são associadas à Grande Mãe. A cristandade assimilou este culto das pedras negras em sua veneração das Virgens Negras, dos quais os santuários mais famosos são os existentes em Chartres, Vichy, Marselha, Quimper e Le Puy, na França, e o de Czestochowa, na Polônia. A Virgem Negra de Chartres era também chamada de “Virgem dos Druidas”. O culto cristão de Nossa Senhora, ou culto da *madona*, é parte deste antiquíssimo culto,⁹ até hoje fortemente presente na crença religiosa e nos costumes dos povos cristãos (o bolo de casamento, p. ex., é um resquício deste culto da fertilidade; atirar arroz aos noivos é outro). No judaísmo mais antigo persistia o culto à deusa cananéia Míriam ou Rabath (o verdadeiro nome de Maria, incidentalmente, era Míriam), introduzido durante o reinado de Menasseh, avô de

⁹ No ano de 204 a.C. existia na região de Pessinonte (atual Ankara) uma pedra negra de origem meteórica, que se acreditava ser o símbolo da Grande Deusa. Nesta época, os romanos viviam atormentados por más colheitas, de um lado, e pelo general cartaginês Aníbal, de outro, que os atacava constantemente. Neste ano eles pediram ao rei Attalo I, aliado da república romana, que os deixasse carregar para Roma a pedra negra. Autorizados para isto, eles a levaram para o templo da deusa da vitória, no monte Palatino. Em pouco tempo as colheitas melhoraram e Aníbal teve de deixar a Itália. Em honra à deusa Cibele, que a pedra negra representava, foram instituídos os jogos megalésios, realizados entre 4 e 10 de abril, todo ano.

Jehoiakim (este, também chamado Eliakim). Charles Francis Potter (*The History of Religion*) afirma que os hebreus a chamavam de Ashtoreth e diz que o próprio Salomão chegou a venerá-la, tendo-lhe construído “uma eminência” no Monte das Oliveiras. O profeta Jeremias, afirma-se, execrava tal culto.

*

A principal e a mais brilhante estrela da constelação de Virgem é Spica, cujo nome deriva de sua representação no panteão babilônio como deusa das colheitas, cuja figura segura uma espiga (ou feixe de espigas) de trigo nas mãos. Também no zodíaco o signo de Virgem é muitas vezes representado por uma figura assim. Esta rainha do céu é sempre representada como mãe de um salvador divino, sem perder sua condição virginal, tal como no cristianismo. A celebração da Natividade e da Assunção de Nossa Senhora, curiosamente, ocorrem nas datas respectivas do nascimento e ocaso helíacos da estrela Spica, ou seja, em 8 de setembro e em 15 de agosto. O culto de Nossa Senhora praticado nos países católicos, mesmo que a Igreja Católica hesite em reconhecê-lo, sofreu forte influência do culto de Ísis, praticado no Egito antigo. O dia da Assunção, que foi fixado pelo imperador bizantino Maurício em 582 d.C. e adotado pela Igreja, já figurava no entanto há duzentos anos no *Calendarium Romanae Ecclesiae*.

O culto a Ísis,¹⁰ que era muito difundido na região do Mediterrâneo, aos poucos foi se confundindo com o culto a Maria, cristão, que de início era quase inexistente. Plutarco afirma que Ísis tinha uma irmã, Nephtys; enquanto Ísis representava a luz da Criação, Nephtys representaria a escuridão. Os egípcios identificavam Sírius (Sothis) a Ísis; já a Ishtar babilônica parece que era identificada com Vênus, a Rainha do Céu.

Encontram-se catedrais dedicadas a Nossa Senhora em treze cidades francesas (Amiens, Bayeux, Beauvais, Chartres, Epinal, Evreux, Laon, Noyon, Paris, Reims, Senlis, Sées e Soisson). Embora todas elas sejam grandiosas, a mais famosa é a catedral de Notre-Dame de Paris, que foi construída de 1163 a 1330 (incidentalmente, existe nesta um zodíaco no qual, no sétimo signo, está a figura de uma Virgem com uma criança no colo). A cidade, entretanto, é dedicada a Ísis (Paris - *por Ísis*). Paris (cujo ponto ascendente, segundo a astrologia, está em 15° de Virgem) está situada na confluência de antigas correntes telúricas que tornavam sagrado o seu solo, e onde os romanos já tinham, há muito tempo, construído um templo em honra a Júpiter.

¹⁰ O escritor romano Apuleio escreveu a respeito dos mistérios de Ísis. Eles eram celebrados no lago do templo de Saís, em uma representação dramática de um mito. Na celebração, ela aparecia vestida de luto, à procura dos pedaços de seu esposo Osíris, que tinha sido assassinado e seus restos lançados às águas do rio Nilo. Ele diz que defronte ao seu templo, estava escrito: “Eu sou o que foi, é, e será. Nenhum mortal conseguiu ainda levantar o meu véu”. Apuleio põe a deusa falando de si: “Eis-me aqui, a mãe da Natureza, a senhora de todos os elementos, a criadora do tempo, que concentra em si tudo que há de divino, a primeira entre os deuses. O mundo inteiro me venera sob diversas formas, por diversos cultos e sob diversos nomes. Os frígios me chamam de Grande-Mãe; os atenienses, de Minerva; os cipriotas, de Vênus... Os egípcios, que possuem a sabedoria mais antiga, rendem-me homenagem através de meu verdadeiro culto, e chamam-me pelo meu verdadeiro nome: a rainha Ísis”.

A partir do século XII, iniciaram-se as construções de catedrais por toda a Europa, sendo que as mais famosas foram construídas na Itália, na França e na Alemanha. Somente na França foram levantadas mais de 80 catedrais e 500 grandes igrejas. Em cada uma delas repetia-se a linha arquitetônica que veio a ser conhecida como *arquitetura gótica*.

São abundantes os símbolos astrológicos, numerológicos e alquímicos nas catedrais francesas, onde a arquitetura é representativa do gótico, ou arte gótica (*art goth* ou *argot*). Para o escritor francês Joris-Karl Huysmans, um positivista que se converteu ao cristianismo, existe um sentido alegórico na estrutura gótica, onde a abóbada representa a caridade infinita, as quatro paredes principais representam os quatro evangelistas, os vitrais deixam passar a luz (que representa a fé) e barram os ventos da heresia, e os três pórticos representam a Trindade. Existem dezenas de símbolos esculpidos em pedra, por toda a catedral. Por exemplo, no painel do portal da Virgem na catedral de Notre-Dame há toda uma numerologia simbólica: quatro círculos, dois do lado esquerdo e dois do lado direito; dois círculos ladeando o círculo central. Desse modo, estão representadas a unidade, o três e o quatro, números que representam, na ordem inversa, a matéria (o quatro); o espírito (o três); e Deus (a unidade). A localização desta catedral, a mais representativa do culto à Virgem, teria sido determinada por meios geomânticos.¹¹

Existem muitos mistérios relacionados à Virgem (ou Nossa Senhora, pela tradição católica). Basta citar, como exemplo, sua aparição sistemática por todo o mundo, das quais existem evidências bastante sólidas. As manifestações ou aparições mais espetaculares teriam acontecido em Guadalupe, México (1531); em La Salette (1846) e Lourdes (1858), na França; e em Fátima, Portugal (1917). Na Polônia central existe uma seita, a dos mariavitas, surgida a partir das visões místicas de Maria Frances Koslowka, em 1893. Eles dedicam forte devoção à Virgem, e além de aceitarem a ordenação de mulheres, permitem casamentos místicos entre os sacerdotes.

¹¹ De acordo com certas tradições celtas e druidas, a Terra é atravessada por certas linhas, chamadas *leys*. Na China estas linhas são chamadas de *lung-mei*, ou caminhos do dragão, e a sua determinação é feita por pessoas chamadas geomantes, que se valem da antiga arte do *fung-shui*. O cruzamento destas linhas determinaria os locais mais propícios à construção de casas, cidades e até mesmo de igrejas ou catedrais. Nos monumentos megalíticos, por exemplo, os menires seriam lugares de alta intensidade magnética. Além disso, os monumentos em geral (Stonehenge, Iona, Lindisfarne, Cluny Hill, etc.) estariam alinhados entre si, seguindo linha retas (o pesquisador francês Amime Michel afirmou que os supostos avistamentos de OVNI — Objetos Voadores Não Identificados — acontecem seguindo linhas retas que se cruzam entre si, linhas que ele denominou *ortotenias*). Alguns pesquisadores chegam a afirmar que, assim como as pirâmides, vários monumentos antigos teriam sido construídos como profecias escritas em pedra, em cuja arquitetura seria possível ler tudo o que há de vir. A Abadia de Glastonbury e as catedrais européias estariam incluídas nesta condição.

Em antigos manuscritos, o nome da Virgem é escrito Maia, e não Maria. Maia era a mãe de Hermes, na mitologia grega, e também o nome da mãe de Buda. Em sânscrito, Maia significa “véu da matéria” ou “ilusão”.

12 De Daniel a João - A Visão do Apocalipse

Vários pesquisadores e estudiosos buscaram interpretar o Apocalipse. Mesmo Isaac Newton, a par de suas preocupações com a física e a matemática, debruçou-se extensamente sobre esse texto bíblico, mas não conseguiu decifrá-lo. O Apocalipse, como livro bíblico, veio a substituir o *Livro de Enoc* após os três primeiros séculos do catolicismo.

Uma das referências mais conhecidas do texto é o que diz respeito ao Armageddon, que seria a batalha final do Dia do Juízo. Armageddon era o nome de uma cidade (que recuperou o nome original), Megiddo. Esta cidade ficava no planalto de Esdraelon. No ano de 621 a.C. o livro chamado *Deuterônômio*, que significa *Segunda Lei*, foi “encontrado” no Templo, quando se faziam algumas reformas. Este livro dava uma nova interpretação à lei mosaica, e o rei Josias ordenou que ele passasse a ser lido no Templo e que seus rituais fossem seguidos. Josias conseguiu, com este livro, instaurar uma reforma religiosa, e tudo o que era relacionado ao culto à divindade Baal foi removido do templo. O vale de Hinnon, onde se sacrificavam crianças, foi considerado impuro, e esta prática foi proibida. Com isto, reavivou-se o culto a Yahweh. Além da reforma religiosa, Josias pretendia conseguir autonomia política para Jerusalém, que ora pagava tributo para o Egito, ora pagava para a Babilônia, nações que procuravam a hegemonia militar na região. Em 608 a.C., Josias perdeu uma batalha contra o faraó Neco (ou Necho) em Armageddon. Com a morte de Josias, seu segundo filho, Jehoahaz subiu ao trono, mas só reinou por três meses. O faraó Neco levou-o para o Egito, deixando no trono em Jerusalém o primogênito, Eliakim (o faraó mudou o seu nome para Jehoiakim).

Após a reforma religiosa imposta por Josias ao seu povo este voltou às práticas idolátricas ao deus Baal, o que veio a provocar os ataques do profeta Jeremias (Yirmeyahu). Este também apoiava a facção sacerdotal representada pelos zadoquitas (precursores dos saduceus), que fora apoiada por Josias. A outra facção era representada pelos sectários de Abiathar (sacerdote que tinha sido destituído por Salomão), os quais apoiavam práticas religiosas caananitas e babilônicas. Os hebreus viviam se revoltando contra a hegemonia babilônica, o que provocou uma retaliação militar. Em 597, após a morte de Jehoiakim, o rei da Babilônia levou para o cativeiro milhares de prisioneiros, além de tesouros do Templo e do palácio real. Sob o reinado de Zedequias, os remanescentes habitantes revoltaram-se novamente. No ano de 586 a.C., após um cerco babilônico de dezoito meses à cidade de Jerusalém, finalmente ocorreu a sua destruição completa, bem como do Templo.

Por tudo o que se viu, esta “batalha do Armageddon” perdida por Josias teve uma forte repercussão na história política e religiosa do povo judeu. Para este povo, ela representou uma “batalha final” que levou ao “Dia do Juízo”: o cativeiro na Babilônia, a destruição de Jerusalém e do Templo (outro “Dia do Juízo” viria a ocorrer sob os romanos. Este episódio será visto oportunamente). Esta batalha representou, então, uma transição

histórica e cultural e marcou psicologicamente um evento que, até a atualidade, vem assombrando todos os povos.

*

A interpretação apresentada a seguir é uma síntese (de várias possíveis) realizada a partir da interpretação de vários autores (ela é adotada aqui em razão de sua semelhança formal com as profecias de Daniel e de João).

O império romano foi dividido no ano de 311 d.C. entre Constantino, Licínio e Maximino. Após a morte de Constantino em 337 d.C., foi dividido entre os seus filhos, Constantino, Constans e Constâncio, sendo que o primeiro ficou com a Bretanha, a Gália e a Espanha; o segundo ficou com a Itália, a Ilíria e o norte da África; o terceiro ficou com Constantinopla e o Oriente. Entre os anos de 395 d.C. e 410 d.C., a parte central do império romano foi invadida pelos visigodos, sob o comando de Alarico, que devastaram as regiões, mas ao mesmo tempo se instalaram por lá. Esta invasão corresponde à primeira trombeta.

Outra grande invasão ocorreu no entre os anos de 428 d.C. e 476 d.C. Sob o comando de Genserico, os vândalos atravessaram a Espanha, chegando até a África. A partir de Cartago, eles passaram à Itália. Esta invasão corresponde à segunda trombeta.

Entre os anos de 433 d.C. e 453 d.C., os hunos, comandados por Átila, vieram pilhando todo o norte da Itália, a Gália e as regiões ao longo do rio Reno. Eles se estabeleceram na Panônia (atual Hungria). Átila invadiu a Gália em 451 d.C., sendo no entanto derrotado pelo general meroveu Aécio e pelo rei dos visigodos, Alarico. Em 452 d.C. atacou a Itália, chegando até as portas de Roma. Como a hora de Roma ainda não havia chegado, Átila suspendeu sua ofensiva às portas da cidade e voltou para trás, supostamente dissuadido pelo papa Leão I. Esta invasão corresponde à terceira trombeta.

No ano de 476 d.C., Odoacro, à frente dos hérulos, ocupou Roma e depôs o imperador Rômulo Augústulo, com isto dando fim ao império romano do Ocidente. Esta foi a quarta trombeta.

A quinta trombeta refere-se aos início das conquistas militares do Islã. Foi por esta época que Maomé (Muhammad) compilou o *Alcorão* (*Al-Qu'ran*, *Al-Kour'ann*) ou *Corão* (*Qu'ran*, *Kour'ann*), livro religioso que instaura o Islamismo (a atual era muçulmana é contada a partir de seu exílio na cidade de Yathrib, hoje conhecida como Medina), e que teria sido inspirado pelo arcanjo Gabriel. Foi no ano 611 d.C., em uma gruta do Djebel Nur, próximo a Meca, que Maomé recebeu a visita do anjo. Até o século XIII os muçulmanos estiveram divididos em diversas tribos, quando então foram reunidos em um só império, o otomano. No ano de 1299, este império investiu contra a Nicomédia, mas foi repellido pelos gregos.

A sexta trombeta teve início em 1499, com a morte do imperador João Paleólogo da Grécia; com a sétima trombeta, foi dado o sinal para o início da batalha do “grande dia do Senhor Onipotente”, uma paráfrase para as tremendas mudanças em todo o mundo que começaram a ocorrer a partir do fim do século XIX, inclusive as duas guerras mundiais. Os

atuais embates entre o Ocidente e o fundamentalismo islâmico fariam parte desta batalha, que ainda continua.¹²

*

As profecias bíblicas, principalmente as de Daniel, se a sua interpretação é correta, estabelecem uma ligação contínua entre o passado e o futuro, formando um amplo painel da história da humanidade. O espírito humano sente verdadeira vertigem e vacila ante a enormidade de tais visões.

A autora Ellen Gould White, uma das fundadoras da seita adventista, foi fértil em escrever livros proselitistas, não endossados aqui. Mas em sua obra *Prophets and Kings* existe uma passagem interessante, que pode ser destacada de seu contexto original e colocada em outro contexto (que ela, naturalmente, não endossaria). Esta passagem diz o seguinte: “a história registra o desenvolvimento das nações, a ascensão e queda dos impérios, como que resultantes da vontade e do esforço do homem; [deste modo] os eventos parecem resultar, em grande parte, do seu poder, da sua ambição e do seu capricho. Mas, segundo a palavra de Deus, a cortina é puxada para o lado, permitindo entrever, acima e atrás de cada ato e reação humanos, que são guiados ao poder pelas suas paixões, a Providência Divina, que executa, silenciosa e pacientemente, os desígnios de Sua própria vontade”.

Este comentário é bastante oportuno, quando interpretado à luz do que até aqui se viu. Por trás de todos os movimentos sociais, políticos e religiosos provocados pela vaidade e pelo interesse humanos, parece realmente existir um desígnio superior, o qual aproveita todos os acontecimentos, bons ou maus, as guerras, as invasões e as migrações geográficas, para levar a cabo um plano que a humanidade não consegue perceber. A história do mundo parece se desenrolar de acordo com um roteiro prévio, o qual periodicamente sofre correções, mudanças de cenários e substituição de atores. Como isto acontece, é o que se verá a seguir.

¹² Um dos maiores problemas políticos atuais reside na intransigência e na intolerância crescentes por parte do denominado fundamentalismo, seja ele cristão, islâmico, judeu ou qualquer outro. A luta pela instalação de “repúblicas islâmicas” baseadas estritamente na lei do Alcorão não difere, em seu conteúdo, do fanatismo dos fundamentalistas cristãos ou do radicalismo ortodoxo judeu. Para o fundamentalista, de um modo geral, a **sua** religião é a única verdadeira, e o **seu** livro religioso, interpretado literalmente, rege completamente as suas atitudes e o seu comportamento. Para ele, a religião sobrepõe-se à ciência, a evolução é uma fábula e os seus líderes religiosos são profetas infalíveis. Em um mundo que apresenta uma profunda carência de valores e de sentido, o fundamentalismo religioso (principalmente o islâmico) busca preencher esta carência proporcionando um forte sentimento de unidade grupal e solidariedade entre os seus membros, procurando isolá-los de todo contato com uma civilização e uma cultura que considera maligna. Qualquer interpretação apocalíptica que não leve em consideração todos estes fatores sociais, políticos e religiosos, não pode ser levada a sério.

13 A Reconstrução do Mundo Antigo

A invasão dos bárbaros ocorrida entre os anos de 395 d.C. e 571 d.C. deixou terras devastadas e povos trucidados por onde eles passaram. Em sua esteira ficavam apenas ruínas de povoados, de cidades e de terras de cultivo, numa ânsia inconcebível de destruição. Os bárbaros invadiram a Trácia, a Panônia, as Gálias, a África, a Itália, e finalmente a própria cidade de Roma, jogando abaixo séculos de refinamento cultural e de civilização. Se é possível situar no tempo o início das trevas que se abateram sobre o ocidente, dando início à Idade Média, é exatamente no período destas invasões. O ano de 410 d.C. representa aproximadamente este limite entre idades, dando fim à idade antiga e iniciando um período que só veio a ter término por volta do ano de 1300.

Até a época das primeiras cruzadas pouca coisa tinha mudado após mais de quinhentos anos, no continente europeu. Com o término dos império romanos do Ocidente e depois do Oriente, um marasmo se instalou por todo lado e a evolução histórica e cultural dos povos europeus como que estagnou. O feudalismo, regime estático por excelência, tornou-se dominante. A Idade Média estava começando.

Foi com o papa Urbano II e com Pedro, o Ermitão, que conclamaram à libertação de Jerusalém e do Santo Sepulcro do jugo muçulmano, que tiveram início as primeiras cruzadas. Estas foram movimentos militares de inspiração religiosa que lançaram as bases para uma mudança profunda nas estruturas sociais, políticas e mesmo religiosas até então vigentes.

Após a calamitosa cruzada popular chefiada por Pedro, o Eremita, veio a seguir a cruzada dos cavaleiros, constituída principalmente de nobres, barões e cavaleiros de segunda linhagem, ou nobres que, devido a não serem primogênitos, estavam fora da ordem de sucessão familiar. Esta cruzada veio a conquistar Jerusalém a 15 de julho de 1099. Entre a primeira e a segunda cruzada foram instituídas as ordens militares dos Hospitalários (*Congregação dos Irmãos Hospitalários de Santo Antônio*) e os Templários (*Fratres Militae Templi*), cujas regras (destes últimos) foram elaboradas pelo monge cisterciense Bernardo de Fontaine, conhecido como Bernardo de Clairvaux. Também nesta época foi fundada uma ordem, denominada *Ordre de Sion*, que na atualidade tem o nome de *Prieuré de Sion (Priorado do Sião)*. Todas elas eram ordens cavaleirescas, as quais viriam a desempenhar um papel essencial nas grandes mudanças que tiveram início a partir do século XII.

Seguindo o caminho aberto pelas cruzadas, o comércio intensificou-se por toda as rotas asiáticas, com o que as cidades portuárias de Piza, Veneza e Gênova alcançaram grande poder marítimo. O comércio intensificou-se a tal ponto que as instituições feudais mostraram-se incapazes de atender a demanda dos territórios conquistados; esta situação, por fim, conduziu à criação de centros urbanos por todo lado, sementes das futuras cidades européias, bem como contribuiu decisivamente para a derrocada do feudalismo e para a ascensão de uma nova classe, a burguesia.

O contato dos cruzados com a civilização árabe, bem mais refinada e culta nesta época, levou por outro lado a mútuos intercâmbios culturais que mais aproveitaram ao Ocidente. Os árabes tinham traduzido os autores gregos clássicos, os quais chegaram, via as

traduções muçulmanas, às mãos de vários estudiosos ocidentais. Os sistemas de filosofia, a medicina, a matemática, a geometria, a literatura, a arquitetura, formaram parte deste legado cultural. O esoterismo religioso também sofreu a influência deste contato. Ana Comneno, filha do imperador de Constantinopla, Aleixo Comneno, era culta e esclarecida, e tinha grande interesse por assuntos religiosos esotéricos. Em 1118 ela permitiu que alguns cavaleiros cruzados criassem a *Ordem dos Cavaleiros do Templo de Jerusalém*, ou *Ordem dos Templários*, instituição que teve grande papel nas mudanças que ocorriam nesta época. Esta ordem veio a formar o núcleo dos mestres-construtores, responsáveis pela construção das grandes catedrais da Europa, e foi também a semente das instituições franco-maçônicas. Em 1314 ocorreu a denominada “tragédia do templo”, quando os Templários foram extintos e seu grão-mestre, Jacques de Molay (o 22.º grão-mestre da Ordem do Templo), foi executado. A sua extinção marcou a ruptura definitiva entre a Igreja e a sabedoria oculta, que os templários detinham.

A Ordem dos Templários¹³ viria a sobreviver ao integrar-se à *Ordem dos Cavaleiros de Cristo*, em Portugal, em 1319, sob a égide do rei Dom Diniz. Foi também sob a influência desta Ordem que a famosa escola de Sagres, no século XV, sob a direção do infante Dom Henrique viria a realizar as grandes navegações e as grandes descobertas de terras desconhecidas, descobertas que expandiram os horizontes de toda a Terra.

¹³ A Ordem do Templo foi fundada em Jerusalém, em 1118, por Hugues de Payns, Godefroy de Saint-Omer e outros sete companheiros, como uma Ordem religiosa e militar. No Concílio de Troyes, em 1128, Hugues de Payns seguiu para a França para apresentar as Regras da Ordem. Tendo se encontrado com Bernardo de Clairvaux, eles se aliaram nesta empreitada. Segundo consta, a Ordem teria encontrado na Palestina a Arca da Aliança e as Tábuas da Lei, nas ruínas do templo de Salomão, e a teriam levado para a França em 1128. Entre os tesouros levados estariam inclusos documentos relativos aos segredos dos pedreiros e arquitetos de Hiram, o arquiteto do templo de Salomão. Estes segredos permitiram que os templários se incumbissem, na Europa, de levantar as imensas catedrais góticas. A catedral de Notre-Dame de Chartres teria sido erguida pelos templários com a finalidade de servir de local para guardar os tesouros encontrados na Palestina. Da Ordem Cisterciense, de Bernardo de Clairvaux, surgiu um grupo chamado “Filhos de Salomão”, os quais deram origem à instituição dos companheiros e dos franco-maçons (pedreiros-livres). Em 1276 teria existido uma “loja” de talhadores de pedra na catedral de Estrasburgo (há menções à existência desta loja já em 1015); em 1459, as “lojas” do Santo Império reuniram-se em uma federação que veio a se transformar na franco-maçoneria “operativa”. Posteriormente, ao receber em seu seio membros “especulativos”, transformou-se em associação filosófica, sem no entanto deixar de ser secreta e iniciática. A Ordem do Templo foi extinta em 1317, na França, por Felipe o Belo, que tinha se aliado ao papa Clemente V. Felipe ambicionava o tesouro da Ordem, e não hesitou em mandar para o fogueira o grão-mestre da Ordem, Jacques de Molay, juntamente com todos os templários em que pôde por a mão.

PARTE IV - A HISTÓRIA DESCONHECIDA DOS HOMENS

14 O Lado Secreto da História

O lado visível da história, aquele que é pesquisado pelos historiadores, surge das narrativas, das crônicas, dos relatos de primeira mão, daqueles que se ouviram de outros, e por último, das lendas. Já a história que ocorre nos bastidores, esta somente vem à luz em razão da eventual indiscrição dos participantes dos acontecimentos. Muitas vezes, sua versão muda bastante o que se pensa saber a respeito da história oficial. Apesar de rejeitada pelos historiadores ortodoxos, ainda assim ela merece ser estudada.

A se acreditar em certos pesquisadores, é possível que a ação de determinadas sociedades secretas seja capaz de levar a cabo gigantescas transformações sociais em todo o mundo, à revelia do conhecimento ou da vontade dos cidadãos comuns de cada país.

Quando Carlos Magno¹⁴ conquistou a Saxônia em 772 d.C., ele somente conseguiu subjugar-la após a criação de um tribunal secreto, o *Vehm*, com o qual os gauleses foram encarregados de suprimir o paganismo entre os saxões. Quando a região foi por fim pacificada, o tribunal tornara-se tão poderoso que não hesitou em resvalar para a clandestinidade, quando se tentou acabar com ele. Por mais de mil anos permaneceu na penumbra, servindo a muitos poderosos, os quais mantinham uma atitude mesclada de complacência e oportunismo com relação ao tribunal. O *Vehm* foi a semente de várias sociedades que se espalharam posteriormente, principalmente pelos países de língua alemã. Os Templários, antes de sua dissolução, e posteriormente várias fraternidades maçônicas

¹⁴ Carlos Magno (neto de Carlos Martel, que deteve os sarracenos ao vencê-los na batalha de Poitiers, em 732 d.C.) conseguiu recuperar em parte a antiga glória do império romano. Ele reuniu a Europa Central em um corpo político simultaneamente temporal e espiritual. Ao invés de obrigar as nações a obedecerem a uma única vontade, ou a se submeterem a leis que contrariavam os costumes diversos de cada povo, Carlos Magno instituiu um concerto de nações em que havia influência, mas não dominação. Ao restaurar o símbolo político do império romano, o que conseguiu pela sua coroação realizada pelo próprio papa (o que significava, de certa forma, uma unção que o transformava em chefe temporal e espiritual), Carlos Magno conseguiu algo que nenhum povo bárbaro invasor conseguiu: tornou-se rei por direito divino, (e por ser descendente dos bárbaros germanos), não um usurpador. O historiador Césaire Cantu diz que a sua autoridade começava na “Austrásia e abrangia as províncias do Escaut, Mosa e Mosela, até ao Reno; além da Hesse, da França renana, da Alsácia, da Alemanha, da Suábia, da Baviera, da Caríntia, do Saxe, da Frísia. À Neustria ou França ocidental, situada entre o Escaut, o Mosa e o Loire, ligavam-se a Aquitânia, a Septimânia, a Borgonha, como o Nivernes, o Franch-Comté, a Suíça Borgunhesa, o Valais, Genebra, Lion, o Delfinado e Avignon; além da Sabóia, a Provença e as Marcas de Espanha. Toda a Itália lhe obedecia, à exceção da Calábria, da Campânia, de um porção da Lucânia, da Sicília, ainda gregas, do ducado longobardo de Benevento e do patrimônio da Igreja. A Córsega, a Sardenha, as ilhas baleares, eram-lhe disputadas pelos árabes”. Todo este império (que reunia vinte nações distintas: francos, bascos, visigodos, bretões, saxões, turíngios, frisões, bávaros, recianos, alemães, borgunhões, lombardos, obotritas, vilzes, lusácios, sorábios, tseques, morávios, croatas e escravões), o primeiro a unir toda a Europa, se desfez após a morte de Carlos Magno. Vinte e nove anos após a sua morte, o império estava dividido nos reinos de França, Germânia e Itália. Em mais quinze anos, dividiu-se em sete estados: França, Navarra, Provença, Borgonha, Lorena, Germânia e Itália.

deram origem a sociedades tais como *Os Illuminati (Illuminados da Baviera)*, a *Golden Dawn* ou a *Sociedade do Vril*, as quais viriam a ter forte influência nos rumos políticos de vários países da Europa.

*

Em 1871 o rei da Prússia, Guilherme I, foi coroado imperador da Alemanha, fundando o Segundo Reich alemão e dando início à unificação definitiva da Alemanha (unificação esta iniciada por Bismarck), dividida que estava em vários estados quase independentes. A unificação da Itália já tinha sido levada a cabo por Giuseppe Garibaldi entre 1859 e 1862. Todo este processo fazia parte de um esquema maior de unificação da Europa, o qual vinha sendo buscado há séculos. Várias tentativas já tinham sido feitas com este objetivo, e entre os que tentaram esta unificação podem ser mencionados: Carlos Magno, no século VIII; Frederico II, no século XIII; Carlos V, no século XVI (que lutou contra os muçulmanos que dominavam parte da Espanha); Luiz XIV, no século XVII; Napoleão Bonaparte,¹⁵ no século XVIII; as alianças matrimoniais entre as Casas reais européias no século XIX; o Kaiser Guilherme e Adolf Hitler, no século XX. Nem todos, é evidente, sabiam para que deveriam fazê-lo, mas todos foram contatados pelas sociedades secretas, com este objetivo. A maioria não conseguiu fazê-lo, porque deixaram que as ambições pessoais subjugassem os objetivos impessoais que lhes foram pedidos.

A existência de sociedades secretas ao longo da história é uma constante, sendo as mais conhecidas a *franco-maçonaria* e a *Rosa-Cruz*. A rosa, incidentalmente, é o símbolo do segredo. Ela é conhecida sob este simbolismo desde a mais remota antiguidade. Conta-se que o escudo de Aquiles e os capacetes de Heitor e Enéias eram ornados por uma rosa; na Idade Média, ela aparecia nos escudos dos cavaleiros, junto à seguinte divisa: *Quanto si monstro men tanto e piu bella* (Quanto menos ela se revela, mais bela é). Nas catedrais, a rosácea significava que a luz (verdade) entraria no templo através da rosa.

Na atualidade, ainda existem sociedades secretas cujo objetivo principal era realizar a unificação da Europa (o que realmente acabou acontecendo). Durante a Segunda Guerra Mundial existia na Alemanha um grupo, denominado Círculo Kreisau, chefiado por Helmut James von Moltke, que visava construir os Estados Unidos da Europa. Um polonês, o Dr. Joseph Retinger, que teve contatos com von Moltke, desde os anos 20 se interessou pela unidade européia. Grandes intelectuais da época estiveram interessados pelo assunto, tais como Paul Valéry, George Bernard Shaw, Thomas Mann e até mesmo Albert Einstein. Após a guerra, André Malraux, Georges Bidault, o marechal Alphonse Juin, De Gaulle e Winston Churchill, entre outros, defenderam este objetivo, o qual foi parcialmente

¹⁵ Conta-se de uma entrevista que Napoleão Bonaparte teria tido no interior da Grande Pirâmide com pessoas desconhecidas, entrevista da qual ele saiu lívido e tremendo. Teria sido oferecido a ele o apoio de sociedades secretas para permitir realizar o propósito de unificação européia. Não cumpriu o que tinha prometido, e procurou posteriormente safar-se de seus compromissos; foi então que todo apoio lhe foi retirado. Seus inimigos souberam como combatê-lo, e ele acabou por ser derrotado duas vezes, sendo que uma delas definitivamente, na batalha de Waterloo (afirma-se que personagens misteriosos conhecidos como *junkers* teriam tido papel relevante na queda de Napoleão).

realizado com a recente unificação europeia (após a Segunda Guerra Mundial os esforços de unificação tiveram início com a criação do *Congresso da Europa*, que foi fundado em 1948. Este Congresso tinha como presidente de honra Winston Churchill).¹⁶

O atual processo de unificação europeia que vem sendo tentado a partir do Tratado de Maastrich ainda tem que enfrentar problemas políticos extremamente sérios. Correndo em sentido contrário ao processo de unificação estão os processos políticos do nacionalismo e do separatismo, que ameaçam destruir o primeiro. Toda a Europa é uma colcha de retalhos de nações e povos díspares, cada qual procurando sua hegemonia. A Bélgica, por exemplo, embora possua unidade política, é um país fictício que reúne flamengos e valões, cada um com seu próprio idioma, sua bandeira e seus costumes. Além destes, os bascos e os catalões da Espanha, os irlandeses do Reino Unido e os sicilianos na Itália, são alguns exemplos de povos que buscam o separatismo, antes que uma unificação política.

No continente europeu a unificação começou com a adesão inicial de mais de quinze países. Essencialmente, todos estes países são formados pelos sete (ou dez) povos remanescentes das invasões bárbaras

*

No livro *A Herança Messiânica*, os autores Michael Baigent, Richard Leigh e Henry Lincoln fazem um estudo extenso a respeito de uma linhagem monárquica que remontaria a Davi, da qual a dinastia merovíngia¹⁷ seria herdeira direta. Neste livro, segundo seus autores, a sociedade secreta conhecida como *Prieuré de Sion* teria por objetivo, além da união europeia, a recondução desta linhagem merovíngia a um trono monárquico francês. Também neste livro encontram-se referências a um possível papel que teria sido desempenhado por Nostradamus com relação a todos estes assuntos.

¹⁶ Europa, na mitologia grega, é irmã de Cadmo (que ensinou a escrita aos fenícios) e filha de Agenor, rei da Fenícia. Foi raptada para a ilha de Creta por Zeus, rei dos deuses, o qual se transformou em touro para passar despercebido.

¹⁷ Clodion, chefe dos francos, venceu o general romano Aécio em 428 e invadiu a Gália setentrional. O sucessor de Clodion, Meroveu, fundou a dinastia dos reis merovíngios. Seu neto, Clóvis, eleito em 481 chefe dos Sális, ampliou e consolidou estas conquistas. Após a vitória de Soissons, quando tomou os territórios ainda romanos de Siagrius, ele estabeleceu-se em Lutécia (Paris). O rei merovíngio mais notável foi Dagoberto II, filho de Sigeberto II. Ele reinou de 628 d.C. a 638 d.C. e se tornou o senhor de toda a Gália. Foi assassinado com uma lança que atravessou-lhe o olho, a mando do Bispo de Roma (que ainda não era denominado papa). O último rei merovíngio foi Childerico III (741-752). O avô de Nostradamus, aquele que o educou, teria servido ao rei René, de Jerusalém, duque d'Anjou, Lorraine, Bar e Maine, conde de Provence e Piedmont, da Casa de Bouillon, que seria descendente do rei Dagoberto II.

Cada momento histórico é a confluência e o resultado das ações realizadas por milhares de personagens, que de uma maneira ou de outra contribuíram para fazer esta história. Mas seja qual for o evento acontecido, com o correr do tempo ele perde a sua perspectiva, e os fatos históricos se desvestem progressivamente de suas nuances de realidade concreta. Por exemplo, um historiador contemporâneo de Napoleão Bonaparte encheria dois ou três grossos volumes apenas para descrever uma única batalha deste general; esta mesma batalha será resumida a um único parágrafo, ou até mesmo a uma nota de pé de página, em um livro moderno de história. Além do mais, as fontes históricas originais, tais como documentos ou testemunhos escritos, guardados em arquivos particulares ou nacionais, não estão ao alcance da esmagadora maioria dos pesquisadores. É preciso ter consciência destes fatos, porque somente assim será possível compreender o passado: pela compreensão de sua perspectiva e pela leitura nas entrelinhas daquilo que não foi escrito.

Sob um certo aspecto, as profecias de Nostradamus (que se verão a seguir) se inserem no grande contexto das profecias de Daniel, que delineiam o vasto cenário onde iriam se desenrolar os acontecimentos que formam a história oculta e a visível da civilização ocidental. Na visão do rei Nabucodonosor, interpretada por Daniel, a história se desenrola desde o império babilônico até este império fragmentado e desunido (ferro e barro) constituído pelo continente europeu. Mas dizer isto nada elucida. Afinal de contas, quem pode entender a aquela época? Nós estamos bastantes ligados ao nosso próprio momento histórico, e não possuímos a perspectiva necessária capaz de fazer-nos entender quais seriam as motivações dos personagens desta época (e de outras), e, muito menos, podemos imaginar as lutas de bastidores que aconteciam entre os detentores do poder. Nós tendemos a acreditar que os eventos históricos acontecem de modo casual, sem nenhum propósito ou motivação, em uma realidade bi-dimensional frouxa e com personagens sem profundidade. Tendemos igualmente a acreditar que estes personagens sejam movidos apenas por suas ambições e sentimentos de inveja ou rancor, é que apenas por essa razão eles deflagram guerras ou levam o terror e a destruição a outros povos. Mesmo em uma época bastante recente, por exemplo, muitos não perceberam o significado da ascensão de Hitler ao poder, na Alemanha nazista.

A Alemanha nazista, mais do que um estado autoritário, mostrou ser um regime erigido sobre o fantástico, entremeado de devaneios delirantes acerca de mundos ocultos e poderes misteriosos. Esta face oculta, rejeitada pelos historiadores acadêmicos vinculados a uma interpretação positivista ou mesmo marxista da história, foi entretanto aceita por alguns poucos historiadores, que arrostando o ceticismo e a incredulidade do *establishment* realizaram pesquisas sérias e profundas, em que procuraram apresentar este lado secreto da história. Entre vários autores, basta citar Jean-Michel Angebert (*Hitler et la Tradition Cathare*); Nigel Pennick (*Hitler's Secret Sciences*); Werner Gerson (*O Nazismo, Sociedade Secreta*); René Alleau (*Hitler et les sociétés secrètes*).

Uma das mais estranhas organizações oficiais do Terceiro Reich era o *Deutsche Ahnenerbe*, ou Organização da Herança Ancestral Alemã. As pessoas que estavam por trás desta organização eram ocultistas e místicos neo-pagãos. Entre outros objetivos, a

Ahnenerbe realizava estudos geomânticos e buscava objetos sagrados, tais como o Santo Graal,¹⁸ e a lança que traspassara Jesus Cristo, os quais, afirmavam, dariam poder e invencibilidade à Alemanha (também investigavam tudo que se relacionava com os cátaros).¹⁹ Mais do que um regime político, o nazismo era uma seita racista baseada “no solo e no sangue”. Inspirada em um misto de crenças e cultos orientais mal assimilados, afirmava a hegemonia da raça ariana com base em explicações confusas e pseudo-científicas. Tinha três graus de iniciação, para cada classe distinta: a massa, os adeptos, e os iniciados. Para a massa, ensinava-se um racismo vulgar, principalmente anti-semita. Os adeptos, ou integrantes do partido, aprendiam que o nacional-socialismo era uma religião biológica baseada na raça e no sangue. Já os iniciados eram ensinados (em um nível hierárquico cada vez mais fechado, principalmente nos quadros da SS), entre outras coisas, a respeito dos antigos mitos germânicos, adulterados para servir à ideologia do partido. Em apenas doze anos, a Alemanha desligou-se da ciência oficial e da racionalidade, entrando em um mundo fantástico povoado por mitos obscuros, embalada pela imagem do super-homem imaginada pelo filósofo Nietzsche e pela música grandiosa de Wagner. Este mundo não foi sequer suspeitado pelos países europeus, até que fosse tarde. Quando se realizaram os julgamentos em Nuremberg fez-se silêncio em torno destes aspectos do nazismo, até mesmo para evitar que os principais responsáveis pudessem se eximir de seus atos, por

¹⁸ Uma das mais famosas lendas medievais, que se tornou verdadeiro mito, é a do Graal. De acordo com esta lenda, José de Arimatéia teria recolhido o sangue de Jesus, emanado da ferida provocada pela lança do soldado romano Longino, em um cálice, o mesmo que teria sido utilizado por Jesus na Última Ceia. Segundo a lenda, este seria o cálice do Graal. O trovador Chrétien de Troyes, no livro *Canto do Graal*, escrito em 1190, e o templário e poeta místico alemão Wolfram von Eschembach, na obra *Parzifal*, do mesmo século, (este último teria se inspirado no trovador Guyot de Provins) cantaram a vida de Parsifal e as suas peripécias em busca do Graal, ajudando com isto a difundir esta lenda. Entretanto, sua difusão parece ter servido a um único propósito: perpetuar um *conhecimento iniciático*. Junto à lenda de Parsifal confunde-se a lenda de Merlin, do rei Artur, Sir Lancelot e dos cavaleiros da Távola Redonda, do reino de Camelot, que buscavam pelo Graal. Quando estes cavaleiros se reuniam no dia de Pentecostes, à volta da Távola Redonda, um cálice era coberto com um véu de seda branco. Mas tudo isto seria simbolismo em altíssimo grau; o próprio cálice seria um símbolo (existia um outro símbolo: o *escrínio de Salomão*). Em uma passagem de seu livro sobre Nostradamus, a autora Liz Greene diz o seguinte: “Um cálice que não era um cálice...”, e explica a origem da palavra: *Graal, sangral*: sangue real: o sangue real da dinastia dos rei ungidos, da linhagem de Davi, que se perpetuou através do irmão de Jesus. O *cálice*, o *Graal*, seria um simbolismo adequado para expressar aquele personagem em cujas veias correria o sangue sagrado, o *sangral*. Deste modo, *buscar o Graal* significaria buscar o descendente desta linhagem real. Conta-se que existiam 50 cadeiras junto à Távola Redonda; uma delas, chamada *Cadeira Perigosa*, permanecia sempre vazia, porque morriam todos que nela ousassem sentar. Certa vez um ancião, trazendo um cavaleiro de armadura vermelha, dirigiu-se assim ao rei Artur: “Trago-vos, Senhor, o Cavaleiro Desejado, aquele que descende da nobre linhagem do rei Davi...”. Este cavaleiro, Sir Galahad, sentou-se na cadeira proibida, sem que sofresse nenhum dano (em outras versões, Galahad seria apenas o guardião do Graal, e teria esta honraria em virtude de suas qualidades morais).

¹⁹ Conta-se que na cidade de Albi, no sul da França, foi formada no século XII uma seita de monges místicos que se tornaram conhecidos como cátaros (“puros”). Atribuía-se a eles a guarda do Graal, no castelo de Montsegur, na região do Languedoc. Os cátaros foram acusados de heresia e perseguidos até a sua extinção, que ocorreu quando a fortaleza de Montsegur foi tomada, em março de 1244. Conta-se que a rainha Branca de Castela conseguiu a rendição de Montségur em troca de alguns documentos genealógicos extremamente importantes, que ela teria entregue aos defensores do castelo. Quatro deles, por um motivo desconhecido, foram poupados da morte e deixaram o lugar levando os documentos. De todo modo, nada foi encontrado no castelo, quando ele foi ocupado. Os cátaros foram os herdeiros de muitas das tradições celtas antigas. Gauthier Map, capelão de Henrique II, escreveu o romance *Lancelot*, no qual diz que os cavaleiros do Graal eram cátaros.

alegação de insanidade. Após a guerra, de acordo com Robert Charroux, criaram-se algumas sociedades secretas que pretendiam levar adiante os objetivos do nazismo: seriam a *III Força Negra* e os *Cavaleiros de Poseidon*, os quais tiveram certa atuação nas décadas de 50 e 60.²⁰

²⁰ Nos poemas de Wolfram (ele afirmava que os cavaleiros do Graal eram templários), que serviram de inspiração ao compositor Wagner em sua ópera *Parsifal*, faz-se menção a uma “montanha do Sol”, nas cordilheiras do país Argentum, onde estaria escondido um bastão, ou pedra da sabedoria. O filósofo inglês Roger Bacon também faz referência a este bastão, em uma obra escrita no ano de 1230, e afirma que ele estaria oculto em uma cordilheira situada no hemisfério sul. Entre os anos 20 e 30 este bastão foi intensamente procurado por expedições oriundas de vários países, entre os quais a Inglaterra, Alemanha, França, Índia e Japão. Hitler ordenou a busca deste bastão por toda a América do Sul, mas não conseguiu encontrá-lo. Ele não ordenou a busca devido à sua significação histórica ou pelo seu valor intrínseco, e sim porque considerava-o um objeto de grande poder simbólico, capaz de legitimá-lo em suas pretensões de domínio mundial. Wolfram descreveu o bastão como uma “luz de coroa encantada transformado em cálice...”, e diz que o anjo Parsifal iria atravessar o “Atlântico Oceano” em uma longa viagem, com os *três cavaleiros do número ímpar* e acompanhado do *Cálice do Santo Graal*. A interpretação deste mito, por tudo que se viu, significaria a ida de um herdeiro da linhagem do Graal, ou da linhagem de Davi, ao país do outro lado do oceano Atlântico em busca do cetro representativo de sua investidura real. J. J. Benítez, algo céptico a respeito deste bastão, afirma que não só o viu como também o fotografou (a foto está em seu livro). Em suas palavras, ele diz que o bastão está sob a custódia de uma sociedade secreta na Argentina, em mãos particulares (*Meus Enigmas Favoritos*, J. J. Benítez). Em julho de 1947, antes da restauração do estado judeu, surgiu na imprensa francesa um artigo a respeito da possível restauração da monarquia na Palestina. No artigo, dizia-se que um velho vendedor de selos de Paris, de nome Solnik, reclamava a “Coroa dos Judeus” para o seu filho, que seria descendente direto (ele afirmava) do rei Davi

PARTE V - OS PROFETAS E AS PROFECIAS

15 O Profeta dos Novos Tempos: Nostradamus²¹

A personalidade histórica de Michel de Nostradamus permanece um enigma. Paul Watelet, citado por Anatole Le Pelletier, afirma que as pistas de sua biografia foram deliberadamente embaralhadas. As fontes mais próximas são o seu irmão, Jean, que escreveu *Crônica da Provença*, e seu filho César, que escreveu *História e Crônica da Provença*. Também o seu discípulo Jean Aimes de Chavigny escreveu *Vida e Testamento de Michel de Notre-Dame* (para a autora Alicia Gallotti, o título deste livro de Chavigny é: *Vida do Professor Michel Nostradamus, Médico de Cabeceira de Henrique IV, Rei da França*). Por estas obras, fica-se sabendo que Michel de Nostradamus era médico, astrólogo e profeta, e que nasceu em Saint-Remy-de-Provence, no dia 23 de dezembro de 1503, de acordo com o calendário gregoriano (ou 14 de dezembro, pelo calendário juliano). Sua família paterna vinha de Alet, e alegava descender da tribo de Issacar, uma das doze tribos hebraicas, saídas de Jacó, da qual se dizia que era capaz de *ver e observar todos os tempos*.

O século XVI, em que Nostradamus viveu, foi um século marcado por grandes mudanças sociais, geográficas, religiosas e políticas. Foi o século das grandes descobertas, das grandes invenções, das grandes navegações de Magalhães e Colombo, os quais descobriram novos continentes. Com a invenção do livro impresso as idéias difundiam-se rapidamente entre todos os países. Lutero e Calvino, insurgindo-se contra o papa, deram origem à reforma religiosa mais profunda no seio da Igreja Católica. Tiveram seguidores na Alemanha, Suíça, estados escandinavos e sul da França. Neste país, seus seguidores eram chamados de huguenotes e de livres-pensadores. Mas à Reforma seguiu-se a Contra-Reforma, e do antagonismo mútuo surgiu um clima de intolerância e perseguição religiosa que viria a perdurar por muito tempo e iria modificar a vida de milhares de pessoas.

Mas antes que viessem os huguenotes, já havia os judeus, que sofriam perseguição religiosa por todo lugar. Em 1480 vários deles tiveram que migrar para a Provença, fugindo da Espanha de Fernando de Aragão e Isabel, a Católica. Em 1448, o rei Carlos VIII da França ordenou que todos os judeus da Provença deveriam se converter ao catolicismo ou teriam seus bens confiscados; em 1501, o rei Luís XII acrescentou ao confisco a pena de morte. Com isso, os avós de Michel, Jean de St. Remy e Pierre (ou Guy Gassonet) de Nostra Donna receberam o batismo de sua conversão. O filho de Pierre, Jacques de Nostra Donna, que era tabelião, afrancesou o próprio nome para Nostredame, para evitar qualquer repúdio religioso. E quando o seu próprio filho nasceu, deu-lhe o nome do arcanjo Miguel (afrancesado para Michel), nome comum às religiões judaica e católica.

²¹ Em antigo site deste autor (Millenium), atualmente desativado, este capítulo foi publicado isoladamente. O autor já encontrou reproduções deste capítulo em vários sites na Internet, sem menção de autoria.

Michel de Nostredame foi criado e educado pelo seu avô materno, Jean de Saint-Remy, que era dono de uma rica biblioteca; ele aprendeu hebraico, grego, latim, matemática, farmácia e astronomia; aprendeu também alquimia e cabala.²²

Com a morte do avô quando Michel ainda era jovem, ele foi mandado a Avignon e posteriormente a Montpellier; nesta última cidade, ele estudou medicina. Enquanto estava nesta cidade, a peste negra começou a grassar por toda a parte. Ele empenhou-se de imediato em tentar curar todos que pudesse, enfrentando sem medo a doença, tanto nesta cidade quanto nas cidades de Narbonne, Toulouse, Carcassone, Bordeaux e Avignon. Em 1525 sua reputação de médico curador já se espalhara por toda parte e o tornara famoso. Assim que a epidemia findou, ele voltou para completar o seu curso de medicina. Em razão de sua fama, o anfiteatro da universidade tornou-se pequeno para o público que foi vê-lo, no dia da sua defesa de tese de formatura. Após formar-se, conforme o costume, ele latinizou seu nome para Nostradamus. Teve contato com muita gente importante, como o bispo de Carcassone, o filósofo Scaliger (Jules-César de l'Escale) e a nobreza das principais dinastias monárquicas da época. Foi conselheiro dos reis Henrique II, Francisco II e Carlos IX. Conta-se que certa vez em que andava próximo à povoação de Ancona ele cruzou em um bosque com um jovem franciscano, ante o qual caiu de joelhos, saudando-o como futuro papa. Felix Peretti achou graça na hora, mas recordou-se do fato quando tornou-se o papa Sixto V, em 1585, após a morte de Nostradamus. Casou-se duas vezes, sendo que da primeira vez, sua mulher e os dois filhos morreram vitimados pela peste. Em 1547 casou-se com uma viúva de posses, passando a morar em Salon-de-Craux. Em 1552 publicou o seu primeiro livro, *Traité de Fardemens*, uma coletânea farmacológica. Em 1555, após vários anos de trabalho, publicou suas primeiras profecias. A primeira edição tinha três Centúrias completas, e 53 estrofes da quarta Centúria. Em 1558 apareceu a edição completa, em um volume dedicado ao rei.

Sua fama era tão grande que o rei Henrique II convidou-o à sua Corte em 1556, enviando-o de volta coberto de presentes. Em 1559 este rei morreu em um torneio, quando a lança de seu adversário, o conde de Montgomery, partiu-se e dois pedaços enfiaram-se em seu elmo. A previsão da morte do rei Henrique II estava na Centúria I, quadra 35:

²² A cabala, ou *Schalscheleth hakabalah*, era um conhecimento místico que remontaria à Alexandria do século I, mas algumas autoridades pretendem que ela teve início com o tratado *Sepher Yetzirah*, ou *Livro da Formação*, atribuído ao patriarca Abraão. A cabala era um conhecimento que se transmitia oralmente. Atribui-se ao rabino Simeon ben Jochai (160 d.C.) ter escrito o livro chamado *Zohar*, ou *Livro do Esplendor*, uma suma teológica da vida mística judaica com conteúdo cabalístico, e que teria sido impressa em 1290 pelo rabino Moses de Leon, de Guadalajara. Outros exegetas afirmam que este conhecimento oral foi compilado em textos interpretativos por Ezra Ben Salomon de Gerona (1160-1238), e sistematizado pelo profeta Abraham Ben Samuel Aboulafia, em 1290.

*O jovem leão o mais velho vencerá;
No campo de batalha em luta singular;
Na caixa de ouro seus olhos ferirá;
Duas feridas em uma, e uma morte cruel.*

A rainha Catarina de Médicis lembrou-se dessa profecia, e após a morte de Henrique II colocou-o sob a sua proteção e mandou construir para ele um laboratório, em seu castelo de Chaumont-sur-Loire. Neste mesmo ano, Philibert-Emmanuel de Savóia e sua mulher, irmã de Henrique II, foram visitá-lo em Salon-de-Craux. Também Carlos IX, filho de Henrique II, visitou-o em 1564. Nostradamus morreu no dia 2 de julho de 1566, após oito dias de doença.

As profecias de Nostradamus compõem-se de 1.085 quadras e 4.680 versos, divididos em dez Centúrias, com cem quadras cada uma, à exceção da Centúria VII, que só tem 42 quadras (ou 44, em outras edições). Também na Centúria VII há uma quadra que é a única não numerada. Atualmente, conhecem-se entre 945 e 965 quadras. O estilo de escrita é sinuoso, ambíguo e completamente inacessível a uma primeira leitura. Anatole Le Pelletier, contemporâneo do imperador Napoleão III, é autor de um estudo a respeito deste texto. Para ele, as Centúrias estão escritas segundo as regras da sintaxe latina, ou teriam sido traduzidos para o francês, a partir de um texto ditado em latim. É recheado de vocábulos latinos, hebraicos, gregos, italianos, espanhóis, celtas e românicos. Tem vários anagramas, como, por exemplo: *Rapis* por Paris; *Nersaf* por França; *Nizaram* por Mazarino; *Eiouas* por Savóia; *Argel* por Alger; *Loin* por Lion; *Norlaris* por Lorraine; *Mendosus* por Vendome; *Chiren* por Henri. Encontram-se também jogos de palavras e metáforas em abundância. Para entendê-lo, é necessário possuir um vasto conhecimento de cultura clássica, mitologia e história.

Nostradamus conhecia profundamente a astrologia, ciência que começou a estudar com o seu avô. A astrologia, que desde o século XIII era ensinada na Universidade de Bolonha, no século XVI tinha o seu lugar junto à medicina, sendo ensinada nas classes de *Quadrivium* (o ensino era dado em duas partes, o *Trivium* e o *Quadrivium*. Ao primeiro correspondiam as artes retóricas: gramática, retórica e dialética, e ao segundo correspondiam as artes matemáticas: aritmética, geometria, música e astronomia), onde era ensinada juntamente com a astronomia. O médico Frabrizius de Berne, contemporâneo de Nostradamus, dizia que “precisava-se prestar mais atenção na observação do céu e dos astros do que na própria doença”. Não se pode afirmar que as Centúrias foram escritas tendo por base a predição astrológica dos acontecimentos futuros. Nostradamus diz na primeira quadra da primeira Centúria:

*Estando sentado à noite em estudos secretos,
Sozinho, repousado sobre o tripé de bronze,
Chama exígua saindo da solidão,
Faz ter bom êxito o que não crê em vão.*

Já em sua época ele era acusado de praticar a magia, o que era proibido pela Igreja Católica (que não proibia a astrologia). É interessante, contudo, que ele procura colocar o seu filho contra esta prática: "... Detesta, sobretudo, a vaidade da execrável magia proibida pelas Sagradas Escrituras e pelos Cânones da Igreja...". Como ele queimou os livros que herdou do avô, nos quais afirmava ter encontrado uma ciência desconhecida, é difícil dizer qual teria sido a sua técnica de prognóstico.

Nostradamus foi extensamente estudado por vários autores, através dos séculos; nenhum deles conseguiu decifrá-lo completamente. Afirma-se que muitas de suas predições se cumpriram fielmente, de acordo com as interpretações que se fizeram sobre as quadras das Centúrias. O autor Michel Touchard, em sua obra *Nostradamus*, afirma que muitas profecias foram bastante mistificadas, mas que não há nenhuma dúvida da realização de várias delas, nem que realmente existe um caráter profético que é expresso nas Centúrias. As profecias a respeito do final dos tempos são bastante enigmáticas, e fazem referência aos chamados "manuscritos DM", os quais, quando encontrados, iriam modificar a história do homem.

John Hogue, autor do livro *Nostradamus and the Millenium*, afirma que em suas previsões ele antecipou toda a tecnologia dos séculos XIX e XX. Hogue diz que Nostradamus faz referências a três Anti-Cristos. O primeiro seria Napoleão, citado pelo nome Pao Neo Leon (Ne Pa Loa) e também por Napolan roi. Napoleão é citado como "o imperador que vai nascer perto da Itália, menos um príncipe que um açougueiro". O segundo Anti-Cristo é Hitler, assim mencionado: "Da parte mais interna da Europa, nascerá um filho de pais pobres, que irá, por suas palavras, seduzir grandes multidões".

O terceiro Anti-Cristo estaria designado pela palavra (ou dístico) MABUS, cuja aparição teria ocorrido em 1995.

Nostradamus teria feito referência às explosões atômicas acontecidas em Hiroshima e Nagasaki, dizendo que aconteceriam "duas queimas" jamais vistas anteriormente, perto dos portos de duas cidades. A respeito da conquista da Lua, diz o seguinte: "ele virá e se colocará no canto da Luna, e será colocada em terras alienígenas".

A explosão da Challenger que matou nove astronautas americanos foi assim descrita: "Nove serão separados da raça humana; sua sorte estará selada no momento da partida". A queda do Muro de Berlim e a re-aproximação EUA-URSS também está antecipada: "O grande muro do oriente vai cair, um dia. As grandes potências vão se tornar amigas".

No livro *Nostradamus, Historiador e Profeta*, Jean-Charles de Fontbrune aponta a quadra que prediz o fim da Igreja Católica (quadra 65, Centúria X):

*Oh!, vasta Roma, tua ruína se aproxima,
Não a dos teus muros, mas a do teu sangue e a de tua substância.
A maldade fará um atentado tão terrível por meio da literatura,
Que todos serão perseguidos.*

O autor francês Serge Hutin, que também estudou a obra de Nostradamus, afirma que antes do fim da Igreja haverá um período efêmero de renovação, o qual vai coincidir com o reino do Grande Monarca, que precede o Anti-Cristo. Isto estaria previsto na quadra 4 da Centúria I:

*Para o mundo será feito um monarca,
Que paz e vida não terá longamente,
Então se perderá a barca do papado,
Governada para seu grande prejuízo.*

Este Grande Monarca seria o herdeiro legítimo de uma dinastia monárquica que teria sido destituída; além de rei da França, tornar-se-ia também imperador do Ocidente²³ (provavelmente em um sentido figurado; a não ser, é claro, que a monarquia seja restaurada nos países republicanos europeus, aos moldes das monarquias inglesa, espanhola ou belga, por exemplo). Ora, tudo isto toma bastante sentido quando se relembra o que foi dito atrás, acerca da busca de uma união política européia, bem como da restauração merovíngia. Neste caso, o Grande Monarca seria herdeiro direto do rei merovíngio Dagoberto II, assassinado em 638 d.C. Muito antes de Nostradamus, o arcebispo de Reims, São Remi, no ano de 496, ao batizar o rei merovíngio Clóvis fez esta espantosa profecia: “No fim dos tempos, um descendente dos reis francos irá reinar sobre todo o antigo império romano. Ele será o maior dos reis francos, e também o último de sua raça. Virá quase que por milagre, descendente da linhagem, com seu trono no sul. Depois de um reinado glorioso irá a Jerusalém, onde depositará no Monte das Oliveiras a sua coroa e o seu cetro. Assim irá terminar o Santo Império, romano e cristão.”

Existem muitas referências nas Centúrias aos acontecimentos do século XX. As duas grandes guerras mundiais estão descritas em várias quadras. A ascensão do regime comunista soviético está descrita na quadra 57 da Centúria VI:

*O que estava à frente do reino,
Com um chefe vermelho perto da hierarquia,
Áspero e cruel se fará temer tanto,
Virá suceder à sagrada monarquia.*

²³ Segundo as tradições judaicas mais antigas, haveriam dois Messias, o *Messias Sacerdote* e o *Messias Rei*, um que se encarregaria da ordem religiosa e o outro que tomaria conta da ordem temporal. Quando veio Jesus Cristo, havia aqueles que acreditavam que ele encarnaria em sua pessoa estas duas ordens, a religiosa e a política. Segundo algumas interpretações modernas, que procuram vincular toda a história passada e futura, estaria ocorrendo ainda hoje um confronto entre duas correntes antagônicas. De um lado, os que atualmente detêm a hegemonia religiosa, que no passado conseguiram unir (e manter por muito tempo) os poderes temporal e espiritual, mesmo que usurpados. De outro lado, aquelas sociedades que estão lutando pela restauração do *Messias Imperial* (ou *Messias Rei*). Os primeiros sempre procuraram impedir esta restauração, que destruiria o seu poder temporal.

Para Fontbrune, a referência a Hitler é bastante explícita:

*Bestas selvagens e famintas irão cruzar os rios,
A maior parte do campo contra Hister (Hitler) estará,
Em caixa de ferro o grande fará arrastar,
Quando o filho de alemães a nada obedecerá.*

Serge Hutin, em sua obra mencionada apresenta algumas quadras que, no seu entendimento, referem-se aos acontecimentos atuais:

*Perseguida será a Igreja de Deus,
E os santos Templos serão espoliados,
A mãe colocará o filho nu na camisa,
(...)*

Antes do término do primeiro milênio, São Rémy e São Cesário enunciaram as suas profecias, que anunciavam o cisma final da Igreja, sem entretanto dar a data precisa para o evento. Elas diziam: “Haverá um papa que não ousará olhar Roma. Os romanos devem saber: antes que este papa termine o século, Nosso Senhor lhe fará tal vergonha que não poderá mais paramentar-se. E se querem saber a razão, saibam que será pelos seus pecados”. Joaquim de Flore, abade do mosteiro cisterciense de Corace, na Sicília (1145-1202), anunciava o julgamento de Deus, o qual viria castigar a Igreja através do poder dos novos caldaicos. Além disso, ele dizia que o Anti-Cristo viria a ocupar o trono pontifício.

A quadra 65 da Centúria III fala a respeito do encontro de um sepulcro:

*Quando se encontrar o sepulcro do grande Romano,
No dia seguinte será eleito um Pontífice:
Mas pelo Senado ele não será aprovado
E será envenenado, seu sangue no cálice sagrado.*

Esta quadra parece referir-se ao papa João Paulo I. Sua morte acontecida apenas um mês após a sua eleição foi bastante misteriosa, e permanece sem explicação. Alguns pesquisadores afirmaram que João Paulo I estaria disposto a divulgar o terceiro segredo de Fátima, e por este motivo teria sido eliminado. Mas tudo isto é apenas especulação.

*A terrível guerra que chega ao ocidente,
E no ano seguinte vem a pestilência,
Matará velhos e jovens pela sua força terrível,
Sangue, fogo — Mercúrio, Marte, Júpiter na França.*

Esta quadra faria a previsão da Primeira Guerra Mundial, que foi seguida pela Gripe Espanhola, doença que matou mais pessoas do que a guerra. Em 1914, os planetas citados estavam no signo de Leão, que representa a França.

*No Sol Levante, um grande fogo será visto,
Barulho e crueldade indo para o norte,
Gritos dentro da morte redonda,
E morrerão todos pelas espadas de fogo e pela fome.*

Sol Levante designa o país do Sol Nascente, o Japão, que recebeu o primeiro bombardeio atômico em 1945, na cidade de Hiroshima. *Morte redonda* faz menção ao cogumelo atômico, característico de toda explosão nuclear.

O escritor Pierre V. Piobb, reputado o melhor intérprete de Nostradamus, em sua obra *Le Secret de Nostradamus* de 1939 afirma que o texto das Centúrias não foi escrito por Nostradamus, e que ele mesmo não o entenderia, senão parcialmente. Para Piobb, mais do que uma seqüência de predições, as Centúrias seriam mensagens cifradas escritas para iniciados de ordens esotéricas e maçônicas, únicos capazes de entendê-las, e seus autores teriam vivido muito antes de Nostradamus. Embora afirme conhecer suas identidades, Piobb não as revela, mas diz que pertenceriam a ordens religiosas desconhecidas. O autor Louis Charpentier afirma em seu livro *Os Mistérios Templários*: “O anúncio de algo que vai acontecer não é uma profecia, e sim uma previsão. Se eu compreendi bem o pensamento de Piobb, que é às vezes um pouco oculto, o livro que Nostradamus assinou não é somente um livro de previsões, mas também um manual de instruções para uso daqueles que, no futuro, irão fazer acontecer os fatos previstos”. Piobb afirma também que a construção da Catedral de Notre-Dame teria sido conduzida de forma a que as mensagens expressas em sua arquitetura pudessem ser lidas por iniciados de ordens esotéricas e franco-maçônicas.

Piobb não nega que as quadras sejam proféticas; ele afirma que para a sua interpretação deve-se recorrer a todo um aparato teórico cronocsmográfico, no qual as quadras se colocariam de forma elíptica (de acordo com a órbita dos planetas), e um eixo se moveria, apontando a quadra específica. Os 4.680 versos ou quadras seriam 4.680 divisões que serviriam de efemérides perpétuas, nas quais se poderiam contar os tempos das órbitas planetárias, como também estabelecer o calendário civil, a festa da Páscoa, os eclipses e as fases da Lua. As quadras não estariam colocadas em seqüência temporal, e sim numeradas de acordo com um sistema matemático semelhante (segundo Piobb) ao das roletas de Montecarlo. Todo o sistema está construído sobre o território da França, principalmente. Este sistema permite que se faça o traçado geométrico dos símbolos deste país, desde os antigos regimes até os tempos atuais, os quais sofrem um rotação de acordo com o tempo. Além disso, Piobb diz que a realidade geométrica levantada em um determinado lugar seria o resultado de uma influência cósmica, a qual se materializaria no símbolo encontrado pelo sistema. Piobb afirma, por fim, que todo o livro é uma obra prima de criptografia, e mesmo aplicando-se apropriadamente o sistema, sua solução está ligada a fatos tão secretos que impede que se a conheça realmente.

Para estudar o sistema, deve-se usar o livro em francês impresso em 1668, ou uma cópia exata do mesmo; nenhum outro livro serve para esta finalidade.

Esquema aproximado do sistema, baseando-se em Piobb :

- o sistema tem 4.680 versos, mais alguns suplementares;
- o sistema tem 942 quadras;
- o sistema usa também os presságios (141 quadras) e sextilhas (58 quadras);
- os versos incompletos são os seguintes: 4.º do Presságio 96; último da quadra XII, 69; último da quadra VIII, 52;
- usa-se um círculo com 12 divisões, onde se escreve **F-L-O-R-A-M-P-A-T-E-R-E**, uma letra em cada divisão, de acordo com o círculo astrológico;
- as vogais são interligadas, formando um pentágono irregular, chamado *Sepulcro do Grande Romano* (o pentágono deve ficar inscrito ao círculo);
- as sete consoantes correspondem aos sete planetas: Saturno, Júpiter, Marte, Sol, Vênus, Mercúrio, Lua;
- usa-se um eixo de alidades, onde se escreve V S C (para o Sol, Lua, e o movimento da Terra);
- o sistema usa um conjunto de versos contendo fórmulas algébricas e geométricas,
- cada número de quadra apenas representa o seu número real;
- os versos são numerados de acordo com números contidos na Carta a Henrique II (CHII);
- alguns versos indicam latitudes onde devem ser construídas figuras geométricas;
- algumas notas em CHII ajudam a aplicar as fórmulas;
- o sistema pode ser aplicado individualmente (destino pessoal) ou coletivamente (destino impessoal).

Funcionamento do sistema, com base em Piobb:

- todos os versos devem ser traduzidos ao latim, em versos hexâmetros;
- os versos devem ser re-traduzidos ao francês;
- os nomes são encontrados por modo criptográfico, usando uma grade circular;
- os nomes encontrados não são necessariamente nomes de políticos ou militares;
- os nomes escritos abertamente servem apenas para balizar o sistema;
- os versos não são lidos seqüencialmente (geralmente, lêem-se os dois primeiros e os dois últimos de quadras diversas);
- alguns versos são lidos parcialmente;
- alguns versos são lidos ao contrário;
- os fatos possuem uma cronologia dada em séculos, anos e dias;
- os fatos são localizados geograficamente, por latitude e longitude;
- o ponto de início é dado em 14/03/1547 (o próprio Piobb tem dúvidas a este respeito);
- pela rotação das linhas encontram-se: círculo das idades (precessão dos equinócios); círculo dos anos (onde 9 anos correspondem a 30º); círculo do calendário anual (que deve ser corrigido);
- o movimento é no sentido horário, com duas retrogradações nas letras **R**.

Ao traduzir para o latim (conservando os gêneros), encontram-se números pela junção das letras. Por exemplo:

DIL = 549

Para mostrar o quanto o intérprete pode se enganar com o texto, é mostrado a seguir um exemplo de análise de Piobb, de um trecho retirado da Sextilha 4:

De um redondo, de uma flor-de-lis nascerá um grande príncipe

Ele traduz para o latim e de volta para o francês, resultando:

De um círculo, de uma flor-de-lis resulta um grande princípio

Para Piobb, isto significa construir uma flor-de-lis em um círculo, através da geometria descritiva, obedecendo às orientações de latitude e longitude terrestre. Entretanto, e este é um ponto enfatizado por Piobb, os princípios mais conhecidos da astrologia são insuficientes para esta análise, onde entrariam também *um eixo* (que pode ser individual, familiar, nacional, etc.), a sua distância ao equinócio, contado sobre o equador, e o ângulo compreendido entre o círculo que tem o eixo por diâmetro e aquele outro círculo que passa pelo pólo da eclíptica e é perpendicular ao ponto gamma (que indica o equinócio). As iniciais V.S.C. significam *verticalis symboli centro* (o eixo vertical passa pelo centro do símbolo).

Piobb não explica em profundidade qual o método usado por Nostradamus, nem o próprio método que ele utilizou na decifração das Centúrias. Aliás, o livro de Piobb é quase tão hermético e enigmático quanto o próprio livro de Nostradamus. Não diz nada claramente, mas coloca muita ênfase nas iniciais: F M B ... !, que, segundo ele, explicariam muito do mistério. Na carta endereçada a Henrique II, parte desta obra de Nostradamus, Piobb diz que onde se lê “Vitória e Felicidade”, saudação bastante incomum, deve-se ler “Venerável Irmão” (*Venerable Frère*), saudação tipicamente maçônica. No início da Centúria VII encontra-se a *Legis Cautio*, única parte em latim de todo o texto, que diz em sua segunda estrofe: “Que o público profano e o ignorante não toque nisto”. É sabido que, para a maçonaria, *profano* é toda pessoa que não pertence aos seus quadros; o texto, portanto, está dirigido aos maçons. A terceira estrofe diz: “Que todos os astrólogos, os imbecis e os bárbaros permaneçam afastados”. *Bárbaro*, em latim, quer dizer *estrangeiro*; isto indicaria que o texto das Centúrias está voltado principalmente para a realidade política francesa. Quanto a esta, Piobb escreveu (em 1939) que estava próximo o advento do *Galo*, personagem que hoje podemos identificar com o presidente francês, De Gaulle.

As referências a De Gaulle são espantosas. Piobb interpreta (entre outras coisas) dizendo que o Galo faria *paz, união e mudança* (IX, 66) e que iria enriquecer a França com ouro: *O grande crédito, de ouro, de prata a abundância* (VIII, 14). De Gaulle, como se

sabe, na década de 60 obrigou os Estados Unidos da América a transferirem grande quantidade de ouro do Forte Knox para a França, trocando-o pelo papel-moeda dólar (em razão da convertibilidade garantida pelos norte-americanos). Com isto, ele conseguiu trazer prosperidade econômica à França.

Em um futuro mais distante, Piobb colocou o advento de outra personagem, designado “pela Lua, pelo Sol e pelo signo zodiacal de Leão”, que aparentemente ainda não surgiu no cenário político da França.

De acordo com Piobb, o livro de Nostradamus foi escrito em forma de profecias enigmáticas como forma de garantir a sua sobrevivência, pois que teria sido destruído se o texto fosse mais claro. Ele revelaria personagens e segredos de bastidores dos cenários políticos, segredos de Estado e segredos que envolveriam a segurança das nações, e também os “cenáculos ocultos que tiveram, têm e terão papel fundamental no desenrolar dos fatos políticos”.

Se Piobb conseguiu realmente decifrar Nostradamus, então a maioria dos intérpretes deste está perdendo tempo. O texto das Centúrias teria sido todo embaralhado, confundindo datas, lugares e personagens e lançando pistas falsas por todo lado. Sua criptografia é capaz de resistir à análise de qualquer agência de espionagem da atualidade. Além disso, a maior parte das quadras não poderia ser entendida fora de um contexto ou de uma realidade mais ampla, a qual a maioria esmagadora dos intérpretes desconhece e possivelmente até rejeitaria, se lhes fosse explicada. As referências históricas fariam alusão principalmente à política francesa, e apenas de modo secundário ao continente europeu. As alusões a eventos a ocorrerem fora do continente europeu serviriam como marcos capazes de balizar a seqüência histórica. Além disso, as quadras passíveis de interpretação teriam esta condição devido ao fato de elas *marcarem a época de um acontecimento histórico* não como (ou apenas como) profecia, mas porque elas indicariam *a ação a ser realizada em certas épocas*, como afirmou Louis Charpentier. Neste caso, é evidente que somente quem possuir a chave de interpretação poderia entender as alegorias feitas. A este respeito, aliás, Piobb escreveu o seguinte: “... se se trata de outro tipo de verdades, cuja revelação abalaria tanto os espíritos quanto todo o estado social, entendemos o motivo porque foram encerradas com tantos cadeados, em um texto que só pode ser lido por aqueles que estejam qualificados para não perturbar os espíritos e o estado social, a não ser com conhecimento de causa”. Se este é o caso, é possível compreender a hesitação de Piobb em revelar o que sabia.

Piobb fez várias análises das profecias. Com relação aos tempos finais, ele mostra que o texto das Centúrias vai até o século 34 (ano 3420 d.C.), época da destruição definitiva de Paris e também a época do término de suas profecias. Para épocas mais próximas às atuais, re-interpretou a famosa quadra 72 da Centúria X:

*No ano mil novecentos e noventa e nove, sétimo mês,
Virá do céu o grande Rei do Terror:
Para erguer de novo o grande Rei dos Angolmois,
Antes e depois, Marte reinará em boa hora.²⁴*

Ele afirma que as épocas devem ser contadas a partir de março, e que por isto a data seria então outubro, e não agosto de 1999. Com relação à profecia em si, ela faria alusão a uma invasão aérea (que ameaçaria Paris, especificamente); o personagem apontado, o Rei dos Angolmois, não foi identificado por nenhum dos grandes intérpretes de Nostradamus.

A se acreditar em alguns autores, o gigantesco programa de armamento espacial iniciado pelo presidente americano Ronald Reagan, SDI, ou Strategic Defense Initiative, chamado comumente de *Guerra nas Estrelas*, não teria por finalidade confrontar os russos e sim servir de defesa a uma ameaça alienígena de outro planeta. Em uma entrevista pública que deu no dia 4 de maio de 1988, Reagan declarou que, um dos modos de os povos da Terra se unirem seria contra um eventual ataque alienígena.

A autora Liz Greene escreveu uma biografia romanceada de Nostradamus (*The Dreamer of the Vine*), na qual mostra as relações que ele teria tido com as Casas monárquicas da França, como também com certos personagens que pertenceriam a uma Ordem secreta, a qual objetivava unir a Europa sob um único rei ou imperador. Tais personagens estariam ligados à antiga Ordem do Templo, bem como a uma Ordem ainda mais antiga, de culto à Virgem (Notre-Dame). Os autores do livro *A Herança Messiânica*, citado anteriormente, afirmam que este livro (de Liz Greene) teria sido escrito com base nas pesquisas que eles fizeram a respeito deste assunto.

No livro *A Herança Messiânica* (que é a continuação de um livro anterior intitulado *O Santo Graal e a Linhagem Sagrada*)²⁵ é apresentada a audaciosa hipótese segundo a qual a linhagem davídica teria tido continuidade através de um irmão de Jesus (que seria irmão gêmeo), Tomé. Para justificar sua hipótese, baseada em ampla documentação exegética especializada, os autores lançam mão dos seguintes argumentos: primeiro, o nome de Tomé, chamado Tomé Dídimos. Embora pouco citado nas Escrituras, Tomé teria sido um dos mais ativos evangelizadores do ensinamento nazareno (que se contrapunha ao ensinamento paulino), principalmente no Oriente. Quanto ao seu nome, *Tomé* significa “gêmeo”, em hebreu, e *dídymos* também significa “gêmeo”, em grego. Igualmente, de

²⁴ Que passou, sem qualquer manifestação visível de fatos ou ocorrências estranhas.

²⁵ É conveniente lembrar aqui que o autor escreveu esta parte com base nos livros de Baget et al, muito antes que surgisse e se tornasse best-seller o livro *O Código da Vinci*, de Dan Brown.

acordo com certas especulações que remontariam a Eusébio e ao historiador Júlio Africano (que viveu entre 160 d.C. e 240 d.C.), a linhagem de Davi teria tido continuidade através dos *Desposiny*, ou descendentes da família de Jesus, que formariam uma linhagem chamada hierarquia nazarena (no Evangelho de Lucas, o anjo Gabriel dirige-se a Maria — que descende diretamente de Davi — e diz que seu filho irá receber o “Trono de Davi”, e que seu reino será eterno. Lucas, curiosamente, estabelece em seu texto um paralelo simbólico entre Maria, a “Filha de Sião”, e a Arca da Aliança). Esta hierarquia foi comandada no início do século II por dois irmãos, Tiago e Judas, que seriam netos do irmão de Jesus, Tomé Dídimo. Eusébio afirma que eles foram levados à presença de Domiciano, que ao perguntar-lhes a respeito, eles teriam confirmado esta ascendência davídica. Até o ano 318 d.C. houve uma certa disputa entre nazarenos judaico-cristãos e a hierarquia paulina (Paulo entrou em choque com a pregação de Pedro ao negar a necessidade da prática de ritos e costumes ortodoxos judaicos aos convertidos, como a circuncisão, por exemplo), disputa esta que terminou com uma ruptura definitiva e com o predomínio final da Igreja de Roma. A tradição nazarena veio a instalar-se na Espanha, principalmente pela atividade de Prisciliano de Ávila. Ele criou lá um santuário, a Igreja de São Tiago, em Compostela,²⁶ centro de peregrinação comparável a Roma, na qual veio a ser enterrado. Prisciliano foi considerado herético por afirmar que Tiago era irmão de Jesus. Foi de São Tiago (ou Santiago) que partiu a cruzada que veio a reconquistar a Espanha dos mouros.

²⁶ A peregrinação no Caminho de Santiago de Compostela transformou-se em uma das maiores tradições católicas da atualidade (o Caminho de Santiago é também chamado de *Via Láctea*). De acordo com antigas tradições, o Caminho de Santiago já era uma rota sagrada para muitas religiões pagãs, anteriores a Cristo, as quais estariam ligadas ao culto da Grande Mãe. A autora americana Eleonor Munro, autora de *Nos Caminhos da Glória*, afirma que os símbolos da vieira e da concha, ligados ao “santo que veio do mar”, estão na verdade ligados a Afrodite, deusa pagã do amor. Na atual catedral de Santiago existe o Pórtico da Glória, construído no século XII. Todo peregrino que vai à catedral pode ver, em uma porta lateral, várias fileiras de anjos, apóstolos e profetas, e no lado inferior, São Tiago sentado sobre a “árvore de Jessé” (Jessé teria sido o pai de Davi). De acordo com alguns historiadores, a dinastia merovíngia na França era descendente desta linhagem de Davi, a qual foi sucedida pelos carolíngios (ou carlovíngios, dinastia iniciada por Pepino, o Breve, mas sendo Carlos Magno quem deu sua denominação).

16 Grandes Profetas e Grandes Profecias

Roswitha (Hrotsvitha, ou Hroswitha, que significa *rosa branca*) de Gandersheim, a primeira poeta alemã, nasceu em 935 d.C. (data presumida) e morreu em 973 d.C. Tornou-se religiosa no convento de Gandersheim, Baixa Saxônia, onde escreveu os seus dramas e os seus poemas. Estudou por conta própria Virgílio, Ovídio e Terêncio, que começou por imitar. Além de poemas, deixou também algumas predições, que impressionam pela exatidão. O escritor Pierre A. Riffard, em seu monumental livro *O Esoterismo*, apresenta o texto deixada por Roswitha, do qual alguns trechos são mostrados a seguir.

Ela previu a época da Primeira Guerra Mundial, e a ascensão e a queda de Napoleão:

Isto acontecerá um século após a queda do imperador da França, restaurador do Santo Império, nascido em uma ilha, morto em outra;

Ora, Napoleão Bonaparte abdicou em 1814, cem anos antes do início da guerra (1914). Também, como se sabe, Napoleão nasceu na ilha de Córsega e morreu na ilha de Santa Helena.

Previu a destruição que a Alemanha levaria ao mundo:

Então a Alemanha, com sua espada, brandirá tão grandes golpes que o mundo acreditará ter chegado a hora de sua perda;

Muitos historiadores consideram que a Segunda Guerra Mundial foi uma espécie de continuação da Primeira Guerra Mundial.

Outra previsão fantástica é a respeito da separação e posterior reunificação da Alemanha:

Não haverá mais o Santo Império e sobre as suas ruínas nascerão o império do Cristo e do Anti-Cristo.

Mas a guerra reinará entre as duas partes da Alemanha, e os inimigos se reunirão;

Para o “final dos tempos”, ela apresenta a seguinte previsão:

Até a época da Guerra Vermelha, prevista no Livro da Cólera, e do Grande Império do Oriente, que será o último imperador da Terra.

*

Malaquias, ou São Malaquias, cujo verdadeiro nome era O'Morgair, é o nome pelo qual é conhecido (e foi canonizado) o arcebispo de Ardinac (ele renunciou ao arcebispado em 1138). Ele nasceu na Irlanda em 1094, tendo se tornado um dos maiores propagadores do cristianismo neste país. Morreu no ano de 1148, nos braços do amigo e mestre, São Bernardo. Uma vez em que fazia uma peregrinação até o Vaticano, ele atravessou um período (por volta de 1139) em que teve várias visões. Após isto ocorrer, ele escreveu um pequeno livro, o qual continha cento e onze (alguns autores mencionam cento e doze, e outros, cento e treze) divisas ou expressões enigmáticas compostas em latim. Cada uma destas expressões definiria em traços rápidos os próximos papas que iriam chefiar a Igreja Católica, a partir de sua época. As expressões fariam uma referência singular, que poderia ser à personalidade, à origem, ao escudo ou armas de família ou a qualquer outra característica especial que identificaria a pessoa visada. Paulo VI, por exemplo, foi referido como *Flos Florum* (Flor das Flores), uma referência explícita ao seu escudo papal, o qual tinha três flores-de-lis encimando as colinas romanas. Eugênio Pacelli, o papa Pio XII, teria sido designado como o *Pastor Angélico*, título bastante adequado, tendo em vista sua atuação com relação aos judeus na Segunda Guerra Mundial. João XXIII foi chamado de *Pastor e Marinheiro*. Além de ter sido Patriarca de Veneza, fez a maioria de suas viagens por mar. O papa João Paulo I teve a expressão *De medietate lunae* (da metade da Lua). Ele foi eleito na noite de 25 para 26 de agosto de 1978, em que a Lua estava em quarto crescente. João Paulo II é designado por *De labore solis* (da fadiga do Sol).

As profecias de São Malaquias começaram a ficar conhecidas a partir do século XVI, quando o monge Arnaldo de Wion escreveu o livro *Lignum Vitae* (1595). No século XVII o padre jesuíta Menestrier sugeriu que elas teriam sido escritas em 1590, com o objetivo de tentar influenciar o Conclave que elegeu Gregório XIV à candidatura de Simon Celli. O padre Juan Manuel Igartua, citado pelo escritor J. J. Benítez, afirma que o verdadeiro autor do texto seria o agostiniano Onofre Panvinio, que escreveu *Epitome Romanorum Pontificum* em 1557. Outros autores afirmam que não existem dúvidas quanto a autoria de Malaquias, cuja vida está muito bem documentada (São Bernardo diz dele que “jamais lhe faltou o dom profético...”).

A se acreditar em suas profecias e aceitando-se a continuidade sucessória do trono papal, restariam ainda dois papas, após João Paulo II. Entretanto, este número é duvidoso. A primeira dificuldade seria aceitar a sucessão admitida atualmente. Houve várias vezes em que dois personagens reivindicavam simultaneamente o pontificado, o que dificulta estabelecer a sucessão exata. A partir de São Pedro e de seu sucessor, Linus I, que o sucedeu em 67 d.C., o atual papa (João Paulo II) poderia ser o 262.º ou o 263.º papa (a Igreja adotou uma lista oficial em 1947, o *Annuario pontificio*), ou o 109.º ou 110.º papa da lista de Malaquias. Neste último caso, restaria apenas um último papa, que o sucederia. E para reforçar esta hipótese, afirma-se que a listagem de Malaquias não estaria em ordem cronológica; a ordem correta (parcial) seria esta: 5, 6, 10, 13, 18, 22, 23, 24, 29, 35, 36, 43, 54, 107, 108, 109, 110, 111, sendo o penúltimo o papa João Paulo II. De qualquer maneira, os dois últimos papas estariam assim definidos: *Gloria Olivae* (A Glória da Oliveira);

Petrus Romanus (Pedro Romano), este último acompanhado das palavras: “Na perseguição final à Santa Igreja de Roma, Pedro o Romano, irá reinar, e conduzirá o seu rebanho entre várias atribulações. A seguir, a cidade das sete colinas será destruída, e o Terrível Juiz irá julgar o seu povo”. Para Malaquias, após o 111.º papa o reinado da Igreja de Roma estaria em seus últimos dias. A cidade seria arrasada, e com isto teria fim a época cristã.

Gerard de Sède, citado pelo autor Jean-Paul Bourre em seu livro *Prophètes et Propheties*, afirma que no texto de São Malaquias a 73.ª divisa, que se atribui ao papa Sixto V (que reinou de 1585 a 1590) diz: “o eixo em meio ao sinal”. Isto poderia significar que a metade de seu reinado, 1587, seria o eixo cronológico que dividiria em dois a época iniciada em 1143, quando se elegeu o papa mencionado na divisa n.º 1. Deste modo, a partir de 1587 se contariam 444 anos (com uma média de 11,2 anos por reinado), o que vai somar 2031, ano em que se daria este final antecipado por São Malaquias. Conta-se que o papa Pio X teve uma visão, que ele revelou assim: “Eu vi um dos meus sucessores, que tinha um nome igual ao meu. Ele fugia por entre os corpos de seus irmãos, procurando, incógnito, esconder-se em um lugar, no qual veio a ser morto cruelmente”. Já o papa Pio XI anunciou o nascimento de uma nova religião logo após o fim do Cristianismo, o qual estaria próximo. Em 1947 ele falou ao público: “os homens devem preparar-se para enfrentar provações que a humanidade nunca antes conheceu”. Até mesmo o papa João XXIII teria declarado que o mundo teria fim no ano de 2033.

Piobb, em sua obra citada, afirma que São Malaquias refere-se ao Ante-Cristo (e não Anti-Cristo), em suas profecias finais, e diz que há total concordância entre este texto e o texto de Nostradamus. Na carta a Henrique II, lê-se: “E será feita a paz universal entre os homens, e a Igreja de Jesus Cristo será libertado (...)”. Piobb chama a atenção para o gênero masculino utilizado, *libertado*. As perseguições irão terminar, e *Petrus Romanus* irá sobreviver. Para Piobb, o personagem *Ante-Cristo* (o que vêm antes de Cristo) poderia ser até simbólico, ou coletivo. Ele diz também: “Uma paz universal faz pensar em uma guerra também universal”. Como Piobb escreveu tudo isto antes da Segunda Guerra Mundial, é possível que estivesse se referindo a Hitler e ao gigantesco morticínio que se seguiria. Esta interpretação não concorda totalmente com a cronologia papal de Malaquias, e indicaria que o *Ante-Cristo* ainda não surgiu no cenário mundial. Além do mais, a cidade das sete colinas (Roma) não foi destruída durante a Segunda Guerra Mundial.

*

Jacob Lorber, austríaco, nasceu em 1800 e morreu em 1864. Era filho de um plantador de uvas, e estava destinado a seguir a carreira religiosa, a qual trocou pela de músico. No dia 15 de março de 1840, quando iria assumir o cargo de mestre em Trieste, ele teria ouvido vozes que lhe ordenaram escrever uma série de profecias. Ele abandonou tudo, a música, sua carreira, o dinheiro e a fama, e dedicou o resto da vida a colocar no papel a voz que ouvia.

Suas profecias abrangem o que deveria acontecer de imediato e no futuro (para ele) mais remoto. De acordo com as suas profecias, muitas das quais se realizaram (Lorber previu vários fatos políticos, entre os quais o retorno dos judeus à Palestina), muitas

catástrofes deverão acontecer antes do final do século XX. Ele atribui a origem de suas revelações a Jesus Cristo, e diz que elas são feitas não para assustar os povos, mas antes como uma mensagem de paz e de esperança no futuro, apesar das aflições por que todos irão passar. Até a sua morte ele já tinha escrito 25 livros, sendo que a sua obra mais importante tem o nome de *O Grande Evangelho de João*. A Igreja, quando se pronunciou a respeito de sua obra, o fez para colocá-la no *Índex* de livros proibidos aos católicos. Em todo caso, a se acreditar em Lorber, a atual Igreja católica não chegará ao final do século XX.

Os livros de Lorber somam mais de 8.500 páginas de um texto denso, recheado de mensagens, profecias, revelações e até complexas teorias científicas a respeito da criação e evolução do universo e do homem. Muito antes de Einstein e de Plank, ele falou a respeito de uma partícula de luz (o *fóton*), dos átomos e das partículas elementares. Para ele, tanto a matéria quanto a energia são sustentados pelo espírito, sem o qual aqueles não poderiam existir. Além disso, em uma antecipação da energia atômica e do seu sucedâneo, a bomba atômica, ele afirma que o homem iria inventar tanta coisa destrutiva que acabaria tendo medo de fazer a guerra, porque ela poderia destruir a todos. Ele previu também os perigos da industrialização excessiva, a infertilidade progressiva do solo, as doenças, o desmoronamento da estrutura social, e o pior de tudo, o crescimento de uma atitude materialista com base na ciência. As pessoas passariam a se preocupar mais com o próprio conforto, com o prazer e com a diversão, abandonando toda e qualquer atitude espiritual.

Para Lorber, haverá uma transição de épocas, uma transição difícil que trará grandes sofrimentos à humanidade. Ele diz que as catástrofes que se aproximam (avanço do mar sobre a terra destruindo tudo por onde passar; grandes terremotos e maremotos) não destruirão a civilização e a humanidade. Afirma que o mundo irá sobreviver, e mesmo com a morte de muitos, os que restarem serão capazes de construir um mundo mais equilibrado, mais fraterno, mais voltado aos eternos valores espirituais. Para esta época, ele diz que “haverão muitos sinais no céu, e muitos videntes e profetas tentarão avisar aos homens, que não os ouvirão; outros irão dizer que são fenômenos naturais” (uma alusão ao crescente avistamento de OVNI's, ou discos-voadores, nos céus?). Em uma passagem, ele diz: “... chegará dos ares um inimigo que irá destruir a todos ...”.

O prestígio de Jacob Lorber tornou-se tão grande que a Áustria fundou a Sociedade Austríaca Jacob Lorber, para homenageá-lo e para espalhar pelo mundo a sua obra escrita.

*

Ângelo Roncalli foi arcebispo de Masembria, Legado Apostólico na Turquia e Núncio Apostólico na França, onde obteve a admiração de De Gaulle. Mas tornou-se mais conhecido como papa João XXIII (houve um outro papa João XXIII, que é considerado antipapa). Foi o mais arrojado e inovador de todos os papas. Ele convocou o Concílio Vaticano II, que reformulou profundamente as bases da Igreja, adaptando-a à modernidade. Iniciou o ecumenismo religioso, ao receber o Primaz da Igreja Anglicana; buscou também o entendimento com as sociedades esotéricas e iniciáticas, entre as quais a maçonaria. Escreveu uma das mais extraordinárias encíclicas, a *Mater et Magistra*, em que manifesta

um espírito religioso universalista. Surpreendeu os conservadores, ao receber Rada Krusciova, filha do (à época) primeiro-ministro soviético, junto com o marido, Alexei Adjubei.

O escritor e jornalista italiano Pier Carpi diz que Ângelo Roncalli foi iniciado em uma sociedade esotérica secreta, época em que teria escrito suas profecias. Isto teria ocorrido por volta do ano de 1935. Embora não apresente provas para as suas afirmações, Carpi afirma que o texto é autêntico, e antecipa em suas previsões vários acontecimentos históricos do século XX (as profecias abrangeriam a época de 1935 até o ano de 2033). Pier Carpi escreveu o livro *Le Profezie de Papa Giovanni*, em que apresenta os textos proféticos junto aos seus próprios comentários.

A morte de Franklin Roosevelt e as explosões atômicas de Hiroshima e Nagasaki são assim descritas:

Tu, filho de Lutero, não verás o término da destruição, e o teu sucessor irá cometer crimes maiores do que os teus.

A grande arma explodirá no Oriente, deixando chagas para sempre.

Esta grande covardia sobre a carne do mundo jamais será esquecida.

Há uma clara menção à divisão de Berlim por um muro (que, como se sabe, foi denominado “muro da vergonha”):

A Europa é dividida. Um muro pequeno, uma grande vergonha.

A morte de John Kennedy foi assim prevista:

Inesperadamente, grande lampejo no Oriente, cujo estrondo não será ouvido.

Isto vai acontecer quando no Oriente morrer um líder, e outro for assassinado no Ocidente. Ao sul de Lutero.

(...)

Tombará o presidente; tombará o irmão. Entre os dois o cadáver da estrela inocente.

Há quem saiba. Perguntem à primeira viúva negra e ao homem que a conduzirá na ilha ao altar.

A palavra *Lutero* designa os Estados Unidos, nitidamente um país luterano. John Kennedy foi assassinado em Dallas, cidade situada no sul do país. Também é mencionado seu irmão, Robert Kennedy, assassinado posteriormente. *Estrela inocente* faz referência à estrela de cinema Marilyn Monroe, que envolveu-se com o presidente americano e veio a ter morte por suicídio. A parte final refere-se ao armador grego Onassis, que casou-se com a viúva Jacqueline Kennedy na ilha de Skorpios.

A Segunda Guerra Mundial, com todo o seu sofrimento, a perseguição aos judeus, a guerra aérea e submarina, foi assim descrita:

(...)

A guerra desejada; a guerra de todos, sem fronteiras.

O filho da Besta atíça as feras.

A Europa cai, como uma estátua de lama.

O mar mata, sob as águas; o céu cospe fogo.

(...)

E onde chegam botas ferradas, os filhos de Israel conhecem o sofrimento.

(...)

Como o livro de Carpi foi escrito em 1977, poder-se-ia suspeitar que as profecias foram escritas *a posteriori*; entretanto, existem várias profecias que se cumpriram inegavelmente, como, por exemplo:

Eis o livro maldito, escrito por alguém que se odiava, e à sua raça.

(...)

O livro irá prevalecer por setenta anos, em um quarto do mundo. Forjará dirigentes, escravizará os povos. Os homens irão semear ódio e carestia.

(...)

Mas será vencido e desmascarado. Mesmo assim, terá uns poucos seguidores, até o final dos tempos.

Este texto refere-se ao término da ideologia comunista, que seduziu os povos de um quarto do mundo com suas vãs promessas de liberdade. Setenta anos, de 1917 a 1987, foi o tempo que durou esta utopia (em 1917 aconteceu a revolução russa, e em 1987 o premier russo Gorbachev deu início a sua política chamada *Perestroika*).

Com relação aos tempos atuais e futuros, existem várias passagens significativas no texto das profecias:

A terra dos anjos chora, porque seu chefe está prestes a cair. Outras cartas que serão algum dia conhecidas, quando se descobrir o segredo do amigo da Besta, que voou à terra dos anjos.

A *terra dos anjos*, neste caso, é uma referência à Inglaterra; parece existir aí uma referência a Churchill, que teve que deixar o governo após a guerra. Quanto ao *segredo do amigo da Besta*, é uma clara referência a Rudolf Hess,²⁷ que fugiu da Alemanha em 1941, em um vôo solitário para a Inglaterra.

²⁷ Rudolf Hess, contrariando Hitler, desejava um acordo de paz com o governo inglês (ele era um alemão de origem egípcia, iniciado em vários grupos esotéricos, e veio a tornar-se o braço direito de Hitler). Ao aterrissar na Inglaterra foi imediatamente encarcerado, tendo ficado preso incomunicável por toda a vida, na

Os rolos serão encontrados nos Açores, e falarão de antigas civilizações, as quais ensinarão aos homens coisas antigas e desconhecidas. A Morte será afastada, e o sofrimento diminuído.

As coisas da terra, por meio do rolo, irão falar aos homens acerca das coisas do céu.

Aqui, faz-se menção a alguns rolos que deverão ser encontrados nos Açores,²⁸ os quais conterão uma ciência desconhecida, de antigas civilizações. Alude-se também a medicamentos poderosos, os quais seriam capazes de evitar a morte, bem como curar várias doenças degenerativas.

O que os rolos poderão dizer a respeito do céu? Isto pode significar tanto um conhecimento a respeito de coisas materiais, tecnológicas, como também a respeito de coisas espirituais, divinas.

Os sinais são cada vez mais numerosos.

As luzes no céu serão vermelhas, azuis e verdes, velozes.

Crescerão.

Alguém vem de longe, querendo encontrar os homens da terra.

Alguns encontros já ocorreram.

Mas quem realmente viu, se calou.

Este trecho faz uma clara referência aos avistamentos de OVNI's, cada vez mais vistos nos tempos atuais. Menciona também a possibilidade de um futuro contato com entidades alienígenas, bem como o acobertamento e as negativas governamentais a respeito de tais fatos.

A mulher de Lutero vai ser encontrada na lívida alba, junto ao muro que divide Berlim; ninguém sabe como chegou, nem como foi morta.

Haverá sinais em seu corpo, e quem tentar falar será também morto, e terá os mesmos sinais. Quando o mundo reconhecer este rosto, irá falar que sua vida era viciosa, e que morrera por isto. Ela, que deixou o poder por amor a Cristo e aos humildes.

Os países se agitarão, os povos se revoltarão. Uma pessoa irá falar, um pouco antes de morrer.

Revelará os nomes e os sinais dos que mataram, e o mundo se rebelará contra o jogo dos poderosos, contra esta fraternidade secreta que planeja escravizar os povos. Alguns chefes honestos saberão unir-se contra os culpados.

Essa mulher será santificada, ela que deixou o poder por Cristo. Para construir o seu monumento, o muro será derrubado, e a Europa irá se unir à Europa.

prisão de Spandau, sequer permitindo-se que escrevesse as suas memórias. Qualquer segredo que ele carregasse consigo, este jamais foi revelado.

²⁸ É curioso que Edgar Cayce, chamado "o profeta adormecido", previu em 1940 que nas regiões de Bimini e Açores seriam encontradas, entre os anos de 1968 e 1969, evidências da antiga civilização atlante. No final da década de 60, primeiro o engenheiro e mergulhador francês Dimitri Rebikoff e posteriormente o pesquisador Manson Valentine encontraram vestígios submersos de estradas e monumentos no fundo do mar, nesta região. De acordo com Cayce, o antigo continente atlante estender-se-ia do Mar dos Sargaços até os Açores.

Quanto sangue, para fazer justiça. Mas somente o sangue pode regar as novas flores.

Paz a ti, Patrícia, filha de Deus.

Carpi diz que este texto se refere a uma mulher americana misteriosa, Patrícia,²⁹ que abandona o poder para dedicar-se a Cristo e aos pobres. Ela teria sido morta como resultado de uma conjura de poderosos, que desejam que ela morra com o nome manchado. Ela teria sido assassinada junto ao muro de Berlim, onde deverá ter o seu monumento. Carpi não sabe dizer quem é esta mulher, mesmo porque ele escreve em 1977, e o muro só foi derrubado em 1989. Embora tenha sido morta há tempos, é possível que em um futuro próximo surjam evidências do que ocorreu.

(...)

Sete irmãos, alguém oculto vos impele à luta. Aqui se combate pelo destino do mundo.

(...)

Da pequena ilha do Mediterrâneo vai partir o grito do novo cavaleiro, e os barcos com falsas bandeiras serão afundados. O primeiro dia da Europa.

Estes trechos fazem várias referências enigmáticas ao destino da Europa e do mundo, destinos estes que estariam interligados.

(...)

Abraão é filho e pai da Europa, e os seus irmãos estão aqui.

Sete chefes mortos sobre as sete colinas, antes da terceira Itália. Rebelde, a última rebelde na Europa, que foi ligada por Severo às bandeiras vermelhas.

O juramento secreto no Gianicolo, a conjura, e a seguir o vento da liberdade.

Irmãos entre irmãos.

(...)

A respeito deste texto, Carpi faz um comentário interessante: “A Itália será então o último obstáculo à unidade da Europa, que entretanto se fará.”³⁰ Isto deverá acontecer em

²⁹ Talvez a referência seja à famosa Patrícia Hearst, a filha do magnata da imprensa norte-americana William Randolph Hearst. Esta foi seqüestrada pela organização extremista ESL (Exército simionês de Libertação) em 1973, organização à qual ela aderiu e da qual se tornou militante, inclusive participando de assaltos a bancos.

³⁰ O tema do Graal, com toda a mística que o envolve, parece estar tremendamente deslocado no século XX, materialista e positivista. Afirmar, então, que uma sociedade secreta possa estar maquinando o retorno de um rei ao trono da Europa ou do Mundo, parece pura sandice. Em uma época permeado por valores imediatistas, com uma sociedade liberal, permissiva e consumista, o sentido do religioso parece tão deslocado quanto um libertino em um convento. Para o mundo dito civilizado, a realidade e a história se resumem ao aqui e ao agora, num horizonte limitado pelos anseios imediatos de conforto, prazer e exercício do poder. As pessoas possuem carreiras, empregos, salários, e competem entre si em busca de algo que lhes dê uma razão de viver. As sociedades tecnocráticas atuais, com a sua frieza e impessoalidade, baseiam-se na busca do lucro e no crescimento econômico. É inegável que o crescimento econômico conduz à prosperidade individual, mas o problema é saber quando parar. Será necessário sempre possuir o maior e o melhor? Será necessário acumular

razão da presença de Abraão e de seus irmãos, personagens impossíveis de identificar”. Compare-se este comentário aos comentários de Piobb, vistos anteriormente. A atuação da Itália, pela mão de seus governantes, concordaria também com as previsões a respeito da perseguição ao papa, o que, naturalmente, só poderia ocorrer em solo italiano. A referência a Abraão é bastante significativa, e a menção aos “irmãos” faz lembrar as sociedades secretas.³¹

*

Edgar Cayce nasceu em 1877 no Kentucky e morreu em 03 de janeiro de 1944. Quando garoto, enquanto passeava em um bosque, ele teve uma visão de uma linda mulher, que perguntou-lhe o que ele mais almejava fazer. Ele respondeu que gostaria de ajudar às pessoas. Ela então afirmou que ele iria realizar o seu desejo.

Enquanto crescia, ele teve vários distúrbios físicos, inclusive uma mudez que custou a desaparecer. Quando adulto, percebeu que podia ver a aura das pessoas. Descobriu também que podia ajudar a curá-las, fazendo diagnósticos corretos e receitando remédios que, mesmo que pitorescos ou estranhos, podiam curar seus pacientes. Ele realizava isto enquanto dormia, respondendo às perguntas que lhe faziam. Quando acordava, não conseguia lembrar-se de nada do que tinha acontecido.

Cayce fez milhares de “leituras”, para casos de doenças, desaparecimentos, problemas pessoais, e tudo mais que pudesse ajudar. Foi também o grande profeta de sua época, re-interpretando passagens da Bíblia, explicando a evolução do mundo, das nações, como também o papel individual de cada pessoa no universo. Cayce, que tinha recebido uma formação religiosa tipicamente cristã-luterana e lia constantemente a Bíblia, ficou consternado quando descobriu o conteúdo destas mensagens, que ele não compreendia e até temia que fossem satânicas. Assim, teve que superar vários preconceitos e escrúpulos religiosos até que suas habilidades fossem aceitas, tanto pelos outros quanto por ele mesmo.

Ele fez mais de 8.000 previsões de acontecimentos, particulares e gerais. Entre as mais importantes previsões que fez, podem ser mencionadas a quebra da Bolsa em Wall Street em 1929 e os levantes raciais ocorridos nos EUA nos anos 60. Cayce fez várias previsões para o nosso futuro imediato. Ele disse que, por volta do ano 2000, ocorreriam grandes destruições na costa oeste dos EUA, e que grande parte do território poderia

riqueza a qualquer custo? A sociedade moderna não é capaz de proporcionar felicidade real às pessoas, que procuram vários meios artificiais para suprir esta falta. A própria religião organizado não fornece o alívio que as pessoas procuram. Talvez por esta razão, elas se apeguem a toda e qualquer panacéia que lhes seja apresentada. Todas estas questões, embora incômodas, se tornam necessárias, porque mostram em profundidade a atual ausência de valores espirituais. O tema do Graal, ou o mito do Graal, não apontaria para mudanças políticas, sociais ou econômicas. Apontaria, isto sim, para uma mudança em profundidade, de cunho espiritual. Não, entretanto, este espiritualismo banalizado e comercializado pelos adeptos da *Nova Era*, pelos ocultistas de plantão ou mesmo pelos fundamentalistas de qualquer espécie. Uma nova atitude espiritual, uma nova mística se faz necessária. Mas esta mística do futuro, para se fazer valer, deverá fundar-se na mística do passado.

³¹ A situação política italiana foi abalada, nas décadas de 1980 e 1990, por escândalos públicos envolvendo a maçonaria, o Vaticano e órgãos financeiros. Além disso, a atuação de supostas organizações de esquerda (Brigadas Vermelhas) e o assassinato do político Aldo Moro complicaram bastante a vida política na Itália (Veja-se : *Do Terrorismo de Estado*, de Gianfranco Sanguinetti, edição Coletivo Periferia).

desaparecer, inclusive as cidades de Los Angeles e São Francisco.³² O Japão também poderia desaparecer, tragado por grandes convulsões sísmicas. O próprio campo magnético da Terra poderia ter uma reversão, invertendo-se os seus pólos.

*

No século XX houve um vidente comparável a Edgar Cayce. Ele se chamava Paul Solomon, nascido em 1936. Fez várias previsões corretas. Entre as mais conhecidas, contam-se a renúncia de Nixon, a guerra Irã-Iraque, a ascensão da economia japonesa e os conflitos no Oriente Médio. Solomon, que morreu em 1994, previu para o final do século a ocorrência de um terremoto de enorme intensidade na Califórnia, que poderia afundar a costa leste. Além disso, o país poderia ficar dividido ao meio em razão de enormes inundações. Para o mundo como um todo, ele previu grandes catástrofes, que trariam profundas modificações geológicas.

*

No século XVIII viveu na Baviera um místico e vidente chamado Stormberger. De um modo completamente incompreensível, ele pôde prever o advento das duas guerras mundiais. Ele afirmou, com bastante precisão, que o causador do segundo grande conflito iria sofrer um fim desastroso, o que motivou a queima dos livros que continham suas previsões, pelos nazistas alemães. Para os tempos atuais, previu que haveria a eclosão de uma nova conflagração mundial, na qual armas inconcebíveis seriam utilizadas, armas que ele descreveu que funcionariam sozinhas. Como conseqüência desta conflagração, várias nações poderiam ser destruídas completamente.

*

Lewis Haman, mais conhecido como *Cheiro*, foi um competente quirólogo, ou leitor de mãos, que viveu no começo deste século. Ele nasceu em 1866 e morreu em 1936. Durante sua vida, sua fama o levou à presença dos mais famosos personagens do século, entre os quais o czar Nicolau II, da Rússia, e o rei Eduardo VII, da Inglaterra. Foi espião a serviço dos ingleses durante a Primeira Guerra Mundial. Ele escreveu um livro curioso, chamado *Cheiro's World Predictions*. Neste livro, ele anunciou a data exata em que Mussolini iria invadir a Líbia. Previu a Segunda Guerra Mundial, e mesmo em sua época, foi capaz de prever a queda do comunismo. Ele afirmou que a Rússia iria ter um papel fundamental no futuro, depois da queda da ideologia socialista. Ele previu igualmente que, perto ao fim do século, as religiões organizadas e os sistemas religiosos estariam em crise, e que a Igreja Católica chegaria ao fim como instituição religiosa. Com relação ao clima,

³² Existe uma região chamada de “cinturão de fogo”, ou “anel de fogo”, que engloba toda a região limítrofe ao oceano Pacífico e inclui os litorais das Américas do Sul e do Norte, o Alaska, a Rússia, o Japão e a Ásia. É a região que contém praticamente todos os vulcões do mundo, estando assentada nas placas tectônicas de maior atividade telúrica. Os principais terremotos (os de intensidade mais forte) ocorrem nesta região, a qual inclui o litoral leste norte-americano, onde, além disso, existem cerca de 10 vulcões.

afirmou que poderia haver um grande aquecimento em todo o mundo, que seria precursor de uma nova idade glacial.

*

Em 1956, um homem chamado McDermott deu a público uma série de previsões para os chamados Ciclos Mundiais de Kali Yuga, em períodos de sete anos, que ele teria recebido de um hindu. O ciclo abrange os anos de 1912 até 2010, mas apenas alguns serão mostrados a seguir.

Ciclos de Kali Yuga:

1933-1940 Saturno/negativo - Este é um tempo muito saturnino, que dá origem a medos públicos em geral, depressão e incertezas. Os judeus sentem de novo o terror da perseguição, e grande inquietação cai sobre o continente europeu.

1961-1968 Sol/positivo - Segundo uma velha profecia, iria erguer-se neste século o maior de todos os papas, e parece ser este o tempo da “flor das flores”, como ele é chamado. Será a última glória da Igreja Católica, que parece que terá suas regras modificadas. Este também é o período no qual os Estados Unidos da América terão o primeiro presidente católico. Coalizão racial entre as nações. Ásia e África podem se voltar contra os Estados Unidos.

1996/2003 Saturno/positivo - a Grande Guerra termina neste período.³³

2003/2010 Netuno/negativo - Início do tempo chamado “mil anos de paz”

³³ Evidentemente, não aconteceu esta “Grande Guerra”.

17 As Profecias da Virgem

Até o ano de 431 d.C. a figura de Maria, mãe de Jesus, não tinha nenhuma relevância religiosa. Até esta época discutia-se continuamente, nos vários concílios, acerca da verdadeira natureza de Jesus, se ele seria ou não consubstancial com o Pai. Quando se decidiu que sim, isto trouxe como consequência a necessidade de afirmar que Maria era mãe de Deus. Isto foi feito no Concílio de Éfeso. Foi neste ano que o catolicismo proclamou como um dogma que Maria era a “Mãe de Deus”. Mas foi progressivamente, como se viu, que o culto a Maria começou a confundir-se com o antiquíssimo culto à Virgem, ou à Grande Mãe. Vários textos apócrifos afirmam que Maria passou em corpo físico para os céus (Assunção), à vista dos apóstolos Pedro, Paulo, Bartolomeu, Tomé, Mateus, Tiago e Marcos, que teriam sido “arreatados” para testemunhar o evento. Em setembro de 1986 aconteceu em Saragoça, Espanha, um encontro internacional de estudiosos, encontro este organizado pela Sociedade Mariana Espanhola. De acordo com esta sociedade teriam acontecido cerca de 22.000 aparições no último milênio. A mais antiga aparição teria acontecido com o apóstolo São Tiago, em janeiro de 40 d.C., o qual teve a visão de uma entidade, que foi chamada de Virgem do Pilar. Só que, nesta época, Maria ainda era viva. No século XII, o abade cisterciense Bernardo de Clairvaux sonhou que a Virgem lhe aparecia, dizendo que o rei Alfonso Henrique (coroador rei de Portugal em 1139) venceria os mouros em Santarém, o que realmente ocorreu.

A partir do século XX aumentou o número de aparições, as quais vem acontecendo em vários países do mundo: Japão, Iugoslávia, Rússia, África, Espanha, Portugal, EUA, entre outros. O francês Bernard Billete e o italiano Giuseppe Besutti organizaram um catálogo no qual registraram todas as aparições marianas, ou aparições da Virgem. A Igreja católica não reconhece a legitimidade de todas elas. O papa Benedito XIV, que teve o seu pontificado nos anos de 1740 a 1758, proibiu, sob pena de excomunhão, a divulgação não autorizada de qualquer aparição. Esta medida prevaleceu até 29 de dezembro de 1979, quando foi revogada pelo papa Paulo VI. O teólogo René Laurentin afirmou, a este respeito, que a Igreja mantinha prudência e reserva quanto a estes acontecimentos, buscando com isso evitar situações inconvenientes à hierarquia religiosa e controlar as fraudes. Para a Igreja, as aparições legítimas são as seguintes:

- 722 - aparição a don Pelayo em uma gruta, durante a batalha de Covadonga;
- 1008 - aparição na igreja de Valenciennes, França, durante uma epidemia de peste;
- 1095 - aparição aos habitantes da cidade de Arras, sobre as nuvens;
- 1170 - aparição a São Domingos de Gusmão, que recebeu as regras de sua ordem;
- 1218 - aparição a São Pedro de Nolasco, ordenando-o a fundar uma Ordem;
- 1432 - aparição a Gianetta de Pietro Vacchivio, na Itália;
- 1438 - aparição aos habitantes de Bolonha;
- 1449 - aparição a uma mulher em Anderlecht, na Bélgica;
- 1594 - aparição a um grupo de índios em Quito, Equador;
- 1600 - aparição aos índios araucanos em Concepción, Chile;

- 1631 - aparição a alguns jesuítas em Nápoles, anunciando a erupção do Vesúvio;
- 1671 - aparição a Margarida Maria de Alacoque, na França;
- 1696 - aparição em Quito, Equador, durante uma procissão;
- 1830 - aparição a Sórora Catalina Labouré;
- 1842 - aparição na igreja de Santo André, Roma;
- 1846 - aparição a duas crianças em La Salette, França;
- 1858 - aparição a Santa Bernadette Soubirous, em Lourdes, França;
- 1870 - aparição ao general De Sonis perto de Potay-Loigny, França;
- 1871 - aparição à irmã Thérèse Emmanuel de la Mère de Dieu, em Paris;
- 1871 - aparição a sete crianças em Pontmain, França;
- 1872 - aparição a Clementina G. na igreja de L'Hôpital, França;
- 1873 - aparição a duas meninas em Michelsbergs, França;
- 1877 - aparição a duas mulheres em Gietrzwalde, Polônia;
- 1914 - aparição durante a batalha do Marne;
- 1917 - aparição a três pastores em Fátima, Portugal;
- 1932 - aparição a cinco crianças em Beauraing, Bélgica;
- 1933 - aparição a uma criança de doze anos, Mariette Becco, em Banneaux, Bélgica;
- 1943 - aparição aos habitantes da aldeia de Grinakalnes, na Letônia;
- 1968 - aparição, por dois anos seguidos, em Zaitune, Egito;
- 1987 - aparição em Finca Betânia, Venezuela, em novembro deste ano.

Nem todos os contemplados com tal visão garantem que teriam visto a “Virgem Maria”. Muitos afirmam que viram “uma bela Senhora”, como ocorreu em La Salette e em Lourdes, na França. Maria Bernarda Soubirous — apelidada Bernadette — insistiu sempre que não foi a “Virgem Maria” que lhe apareceu.

É inegável, no entanto, que a maioria das aparições teve caráter profético. Apenas para ficar nos mais famosos, basta citar estes dois acontecidos na França, e o acontecido em Fátima, Portugal.

No dia 19 de setembro de 1846 duas crianças, Melanie Calvat e Maximin Giraud, na montanha de Salette, perto de Grenoble, avistaram uma pessoa que, em suas palavras, era “uma bela Senhora”, que estava envolvida em uma grande luz. Esta lhes sorriu com amabilidade, fazendo com que se aproximassem. De acordo com as crianças, ela teria dado uma mensagem, a qual foi divulgada pela Igreja em 1922: “Está se aproximando o tempo, e o abismo se abre. Desgraçados os habitantes da Terra quando vier a época do castigo (...) os espíritos das trevas espalharão a dúvida e o ceticismo (...) virão grandes guerras entre França, Itália, Espanha e Inglaterra (...) virão grandes tragédias e a fome. Cidades irão ser destruídas, montanhas ruirão (...) as estações vão mudar, as colheitas serão ruins, os astros terão movimentos irregulares, e a Lua irá refletir uma fraca luz avermelhada”. De acordo com esta mensagem, será nestes tempos que nascerá o Anti-Cristo, que terá sede em Roma. Ele, juntamente com os demônios do ar, fará grandes prodígios sobre a Terra e irá perverter os homens. O fogo do céu cairá e destruirá três cidades.

Para a época, este poderia ser o prenúncio das guerras mundiais, as quais trouxeram grande sofrimento aos países europeus, os que mais sofreram com elas. Hiroshima e

Nagasaki, pode-se dizer, “desapareceram” quando foram atingidas pelo “fogo” atômico. Também a cidade alemã de Dresden sofreu o mais maciço bombardeio aéreo da guerra, sendo quase totalmente destruída pelo fogo.

A aparição ocorrida em Lourdes foi no dia 11 de fevereiro de 1858. Foi neste dia, Bernadette afirmou, que teria visto também “uma bela Senhora”, que ela jamais identificou como sendo a “Virgem Maria”. Bernadette não revelou todas as profecias que teria ouvido, mas afirmou que elas fariam referência ao fim do “povo da Igreja”. O local da aparição veio a transformar-se em local de peregrinação, onde também ocorreram dezenas de curas milagrosas, comprovadas pela ciência.

No dia 13 de maio de 1917, na região de Fátima, província de Estremadura, Portugal, aconteceu a mais importante aparição que se tem notícia. Três crianças, Francisco Marcos, de oito anos, sua irmã Jacinta, de nove, e a prima de ambos, Lúcia, de dez anos, brincavam em um lugar conhecido como Cova da Iria, uma gruta nas proximidades da aldeia. Afirma-se que teria caído um raio no lugar, embora não chovesse. Eles disseram que um anjo apareceu-lhes, afirmando que a Virgem iria mostrar-se a eles. De início, quando eles contaram o episódio, ninguém acreditou neles. Como insistissem no assunto, assim que voltaram ao lugar, foram acompanhados por algumas pessoas. Os jovens afirmaram que veio ter com eles uma mulher vestida de branco, envolta em um halo luminoso de grande brilho e que teria um rosário nas mãos. Nenhuma das pessoas que lá estavam viram alguma coisa. A “Senhora iluminada” pediu-lhes que voltassem àquele mesmo lugar em cada dia 13 dos próximos cinco meses. A notícia logo se espalhou, e a cada vez que os jovens voltavam ao lugar eram acompanhados por grande quantidade de pessoas, que jamais conseguiam ver a Virgem. Em uma das vezes que ela apareceu, diz-se que a jovem Lúcia chorou quando ouviu um terrível segredo que lhe teria sido confiado, acerca do destino da humanidade. De outras vezes viram-se halos luminosos no céu, e certa ocasião houve pânico, quando pareceu que o Sol se precipitava sobre a Terra. Este fenômeno foi presenciado por mais de cinquenta mil pessoas.

Jacinta e Francisco, como a Virgem previu e foi divulgado, morreram em 1919 e 1920, vítimas da gripe espanhola que assolou o mundo nesta época. Lúcia sobreviveu para tornar-se freira, ingressando no Colégio das Dorotéias, na cidade do Porto. A partir de 1925 ela teve novas visões, nas quais teria sido orientada a transmitir as duas primeiras partes da mensagem, devendo ocultar a terceira parte. Foi somente no ano de 1930 que a igreja portuguesa aceitou a autenticidade destas mensagens; em 1944, o bispo de Leiria guardou o segredo em um cofre. Roma não se interessou por ele, à época, e por isto o bispo decidiu que o documento que o continha seria passado, após a sua morte, ao arcebispo de Lisboa. Em setembro de 1952 o padre Schwigl, enviado pelo papa Pio XII, foi em visita a Lúcia, querendo saber qual seria o segredo. Em 1955, também o cardeal Ottaviani teve uma entrevista com Lúcia. O cardeal advertiu o papa para a gravidade dos fatos anunciados no documento, afirmando também que o documento era “bastante delicado” e que corria o risco de cair em mãos erradas. Em vista disso, o Vaticano solicitou a remessa desse documento, o qual foi enviado em 1957.

Em 25 de julho de 1941 Lúcia divulgou uma mensagem, na qual dizia que tivera três visões. A primeira referia-se a um “inferno de fogo”, onde as almas condenadas se debatiam. A segunda alertava para um sinal nos céus, que anunciaria uma época de calamidades e de perseguições à Igreja e ao papa. De acordo com Lúcia, a Virgem pedira que o papa fizesse a consagração da Rússia ao seu imaculado coração, condição para que este país viesse a se converter (o advento do comunismo viria a ocorrer neste mesmo ano, 1917). Ela não revelou o conteúdo da terceira visão, ou do terceiro segredo, que afirmou que seria divulgado no ano de 1960.

Os papas que vieram a seguir não deram importância a esta advertência; foi somente no ano de 1952 que o papa resolveu fazer esta consagração, mas sem citar expressamente a Rússia. O papa João Paulo II também quis fazê-lo em duas ocasiões, sendo demovido desta intenção pelos que temiam que isto seria uma provocação política. Em 1984, finalmente, ele fez a consagração pedida, mencionando expressamente a Rússia. Lúcia afirmou posteriormente que foi isto que provocou o advento da *Perestroika* e a queda do comunismo.

O papa Pio XII não leu o documento, aconselhado que foi neste sentido pelo cardeal Ottaviani. O papa João XXIII, em agosto de 1959, na companhia de monsenhor Cavagna e de seu confessor, monsenhor Tavares (que traduziu o documento), decidiu abrir e ler o documento, mas não o divulgou. O papa Paulo VI, de acordo com algumas versões, teria desmaiado após a leitura do mesmo. Também o papa João Paulo I, que visitou e conversou com Lúcia, teria ficado impressionado quando se inteirou do segredo. A Igreja, por sua vez, sempre procurou minimizá-lo. Em 1967 o cardeal Fernando Cento afirmou que o papa tomara a decisão de nada divulgar a este respeito. O cardeal Ratzinger chegou a declarar em uma entrevista que a mensagem não revelava “nada de novo acerca do que cada cristão deveria saber”. Para ele, a mensagem faria uma convocação à conversão, apontando “os perigos que ameaçam a fé do fiel (...) e a importância desta última fase da história da humanidade”. Mesmo indiretamente, o cardeal pode ter mencionado algo do segredo, ao fazer menção à *última fase da história da humanidade*. De qualquer maneira, é óbvio que o segredo é bastante perturbador, para ser assim ocultado ao público. Lúcia, por sua vez, teria se manifestado contra esta decisão. Para ela, a mensagem deveria ter sido divulgada no ano de 1960, e a humanidade alertada para as advertências da Virgem. Ainda no ano de 1959 uma revista européia divulgou o que seria o conteúdo deste segredo. De acordo com o texto, se a humanidade não se arrependesse, haveria uma grande guerra na segunda metade do século XX, bem como gigantescas tragédias naturais, provocando a morte de milhões de pessoas. Lúcia, posteriormente, desautorizou esta reportagem, declarando que ela era falsa. Deste modo, o terceiro segredo de Fátima continua não revelado, só restando aos que o pesquisam fazer especulações e levantar hipóteses a seu respeito.³⁴

³⁴ Uma das mensagens mais curiosas da Virgem de Fátima era o que dizia respeito à necessidade de “conversão” da Rússia. Edgar Cayce afirmava em suas “leituras” que a Rússia era a “esperança espiritual” do mundo, mas não sob o comunismo! É sabido que este país, durante o tzarismo, possuía uma forte tradição religiosa, tradição esta que nem os dirigentes comunistas conseguiram erradicar. É pouco provável, entretanto, que esta esperança anunciada por Cayce venha a resultar de uma ação religiosa da Igreja Ortodoxa Russa. Um dos acontecimentos históricos mais inesperados e inimagináveis ocorridos no século XX foi o advento da *Perestroika*, abertura política que praticamente liquidou com a ideologia comunista. Qualquer um que preconizasse ou previsse tal acontecimento apenas quinze anos antes deste evento seria taxado de louco.

*

Em Garabandal, Espanha, aconteceu uma aparição em 1961. Quatro jovens, Conchita, Mari-Loli Mazon, Jacinta e Maria Cruz estavam um dia correndo pelo campo quando viram uma luz brilhante e ouviram um forte trovão. De início elas ficaram assustadas, mas em seguida caíram de joelhos. A seguir, elas correram para a cidade, gritando: “O anjo! O anjo!”. Quando voltaram ao local, uma multidão as acompanhava. As jovens entraram logo em êxtase, afirmando depois que teriam recebido mensagens do anjo.

Este caso durou cerca de quatro anos, tendo sido documentado por médicos e cientistas que se deslocaram para lá para estudar o fenômeno. Conta-se que uma vez ocorreu a chamada “noite dos gritos”, quando as jovens receberam mensagens a respeito do futuro do mundo. Segundo afirmaram, a Virgem teria dito a elas que se a humanidade não se arrependesse iria acontecer uma grande calamidade. Elas afirmaram ainda que não podiam dizer a data desta catástrofe, só podendo fazê-lo oito dias antes do fato. Quando as garotas tornaram-se adultas elas passaram a rejeitar o acontecimento, sendo que uma delas chegou a afirmar que isto “parecia que tinha acontecido com outra pessoa”.

*

Muitas aparições famosas ocorreram sem a Virgem deixasse qualquer mensagem. Uma das suas mais extraordinárias aparições ocorreu em Zaitune, Egito, por dois anos consecutivos. As aparições começaram no ano de 1968, quando uma testemunha percebeu um vulto feminino sobre a cúpula da Igreja Ortodoxa. De início, pensou-se que a jovem planejava um suicídio. Qual não foi a surpresa das testemunhas (que já se ajuntavam) quando a figura, que tinha grande brilho, começou a levitar, atravessando o espaço em frente à igreja até uma cruz, onde se ajoelhou. Esta aparição começou a repetir-se todos os dias, trazendo enorme quantidade de pessoas de todo o país, inclusive do exterior, para testemunhar o fenômeno. Calcula-se que mais de 500.000 mil pessoas chegaram a vê-la, inclusive o ex-presidente, Abdoul Nasser. A aparição parecia dar-se em meio a uma neblina, o que aumentava ainda mais o brilho da figura, que chegou a ser fotografada inúmeras vezes. Muitas curas comprovadas ocorreram à época. Afirma-se que uma das conseqüências deste fenômeno foi o decréscimo do ressentimento contra os cristãos no Oriente Médio. Na época a tensão estava no auge, em razão de conflitos religiosos.

*

Alguns analistas políticos afirmam que tal fato deu-se em virtude da falência econômica da ex-URSS, que além de sustentar seus aliados ainda gastava bastante com armamentos. Com a distensão política ocorrida entre Estados Unidos da América e Rússia, muitos passaram a acreditar que a possibilidade de guerra atômica diminuiu. Sob certa perspectiva, o perigo aumentou. Com o caos político e econômico e a desagregação do estado atualmente reinantes na Rússia, aumentou o perigo de componentes estratégicos, que entram na manufatura de armas atômicas, virem a cair nas mãos de terroristas. Além disso, os cientistas atômicos russos que ficaram desempregados foram contratados por vários países do Oriente Médio, inimigos tradicionais de Israel e da América. Caso consigam desenvolver mísseis balísticos de longo alcance eles poderiam ficar tentados a golpear alguma grande cidade americana ou européia, o que desencadearia represálias em alta escala, conduzindo a um conflito generalizado.

Não existe nenhuma aparição mais fantástica do que a que ocorreu em Guadalupe, México, a primeiro de dezembro de 1531. Esta aparição é mais fantástica ainda, porque dela restaram provas concretas de que algo de inédito aconteceu realmente neste lugar.

Conta-se que um camponês da aldeia de Cuautitlán, que ia diariamente até a capital do México, ao passar em Tepeyac teve a visão de uma mulher com vestes luminosas. Por quatro dias seguidos, assim que passava pelo local ele era chamado por ela, e por fim recebeu a incumbência de dirigir-se ao bispo da Nova Espanha, Juan de Zumárraga, e pedir-lhe que construísse naquele local um templo em sua honra. O bispo, é claro, não acreditou no camponês, que dirigiu-se aflito à Senhora, para narrar-lhe sua dificuldade em convencer o religioso. Esta, então, mandou-o novamente ao palácio do bispo, dizendo que este teria todas as provas que quisesse.

O bispo recebeu-o, contrafeito, mas qual não foi a sua surpresa quando viu que o camponês carregava um punhado de rosas “de Castela”, que não floresciaam naquela época. Quando o camponês abriu sua *tilma* (agasalho de fibra vegetal), deixando cair as flores, uma imagem se formou imediatamente na vestimenta, mostrando a figura de uma mulher semelhante à Virgem. Em vista de tais acontecimentos, o bispo convenceu-se e concordou em levantar o templo em honra à Virgem de Guadalupe.³⁵

A *tilma* do camponês, que continha a imagem, passou a ser venerada pelos fiéis, passando de uma igreja para outra. Na década de 70 vários pesquisadores descobriram que esta imagem, quanto à sua formação, era semelhante ao Sudário de Cristo, ou seja, não era formada por pigmentos químicos; além do mais, a “córnea” da imagem refletia perfeitamente, com todas as características ópticas, algumas imagens de pessoas, imagens que podiam ser até fotografadas. Posteriormente, a imagem foi submetida a um equipamento ultra-microscópico, computadorizado, quando então constatou-se que havia micro-imagens no “fundo” do olho, mostrando cerca de quinze pessoas. Tudo isto, é claro, é impossível de realizar através da pintura com pigmentos. O mistério jamais foi explicado.

*

Josyp Terelya é um mártir moderno da religião católica. Ele vivia na Ucrânia, quando o regime socialista ainda era vigente. Terelya era um ativista católico, e foi preso devido às suas atividades, consideradas crimes contra o Estado. Ele conseguiu fugir nove vezes das prisões ucranianas, mas era sempre recapturado. Apesar de suas fugas, ele teve a sorte surpreendente de jamais ser executado.

³⁵ A astróloga Liz Greene realizou uma série de conferências em Bath, Inglaterra, em abril de 1980. Na sétima conferência, cujo tema falava das transformações em curso na transição da idade de Peixes para Aquário, Greene fez uma declaração curiosa. Ela afirmou que um dos aspectos principais desta nova era, sob o aspecto religioso, seria o problema relativo ao aspecto feminino da divindade, um aspecto que estaria sendo relegado há muito tempo. Greene, analisando as formas e símbolos religiosos mais frequentes que estavam irrompendo na psique humana, afirmou que, com isto, parecia que uma divindade feminina estava tentando dar-se a conhecer (ou reconhecer) à humanidade.

Terelya passou vinte e três anos nas celas soviéticas, sofrendo torturas, sendo confinado em solitárias, sofrendo tentativas de assassinato por outros presos. Finalmente, quando as autoridades perderam a paciência com ele, resolveram deixá-lo quase nu, em uma cela que recebia a canalização gelada do presídio. Quando já estava começando a ficar dormente com o frio, ele, que estava rezando à Virgem Maria, percebeu uma luz em sua cela, que iluminava todo o ambiente, e que o aquecia. Quando seus algozes perceberam aquilo, abriram a cela e ficaram surpresos com o calor que saía lá de dentro. Terelya afirmou que a Virgem Maria o tinha salvo da morte. Dali, ele foi confinado em um hospital psiquiátrico, sendo finalmente expulso da União Soviética, graças à interferência de líderes políticos do Ocidente.

Josyp Terelya, além de religioso, tornou-se místico e visionário. Ele afirmou ter recebido várias profecias da Virgem Maria, a respeito do nosso futuro imediato. Ele fez várias conferências no Congresso dos Estados Unidos da América, para o Pentágono, e foi recebido pelos presidentes Reagan e Mitterrand. No Vaticano, foi recebido pelo papa. Suas profecias, de estilo apocalíptico, afirmam que o mundo está próximo de sofrer grandes calamidades. Ele afirmou que iria surgir na Rússia um homem, que ele chamou de *Homem Sangrento*, o qual iria ameaçar a destruição de Israel (Jirikovsky?) e poderia provocar a guerra, com seus métodos brutais. Com relação ao continente norte-americano, ele previu que haveria um afundamento do litoral do Pacífico, onde o continente iria se quebra. Para Terelya, as profecias da Virgem³⁶ anunciam as catástrofes como uma forma de fazer o homem acordar para uma realidade espiritual que ele rejeita todo o tempo. Se a humanidade se arrepender, estas catástrofes poderiam ser evitadas.

³⁶ Nas palavras do autor Maurice Guingand: “Se se observa o céu, e sobretudo, se ele foi observado tal como se apresentou em 24 de dezembro de 1970 sobre Rennes-le-Château — tal como ele não voltará a se mostrar por oitocentos anos, e tal como estava há oitocentos anos, em 1771, quando Gualdim Pais construía o castelo de Almoredal sobre o Tejo — vê-se que Órion, o guardião do umbral de ouro, vizinho de Sírius, a estrela de Ísis, em um ângulo de 19° (signo da cosmogonia templária) indica em um ângulo de 34° em direção a Portugal, a constelação Navis Argo. O bezerro de ouro se acha então sobre as regiões provençais, ali onde florescem as flores de ouro no fundo dos poços. Neste ínterim, no ângulo de 13° com respeito ao Oriente, Treze-ouro ou Te-souro, Andrômeda, uma Ísis grega, indica Gisors e a estrela que proporciona a chave que abre a porta secreta dos ‘30 cofres, 13 estátuas e 19 sarcófagos’. Também o dragão assinala que em 21 de junho, no ângulo de 34°, a constelação de Virgem, que se eleva em linha reta no céu, se aproxima da cabeça da serpente para delimitar sobre a Ilha-de-França o enquadramento de Nossa Senhora. A Via-Láctea e a cauda da serpente indicarão, então, o caminho de Santiago. Porém a Via-Láctea é dupla. Um ramal vai até Escorpião em novembro, data do regresso dos peregrinos, e o outro até Sagitário, em dezembro. Depois de concederem a flecha e a águia, que indicam as festas de São Sebastião e São João, os templários seguiram o segundo ramal da Via-Láctea, paralelo aos peregrinos de Santiago de Compostela, porque estavam seguros de chegar a Tau-ro. Chamados, como os cistercienses, a balizar as vias com um mesmo ideal religioso, os templários voltaram a colocar sobre uma linha diferente o conhecimento celta, do que São Bernardo, o druida das Gálias, comunicou-lhes sem dúvida os arcanos. E sobre esta linha, o ângulo de 19° indica, verticalmente, a estrela Ar-turus, da constelação da constelação do Boieiro: o Arc-tauro, insígnia templária. Também ela é a inspiradora de uma nova conquista do Velocino de Ouro; pela transposição simbólica de sua posição astronômica, em relação a terra e com respeito a um tempo determinado, indica a oeste Portugal e a rota ao Brasil, enquanto que até o leste dá nascimento, por sua vez, a outro mito, que ainda influirá muito nos espíritos. Será o ponto de partida da fabulosa lenda do reino do Prestes João, daquele que se dizia ser descendente de um dos Reis Magos; a cosmogonia templária permitirá situar tal reino nas terras da Núbia, nas fontes em que Salomão havia extraído a tradição de sabedoria que permitiram-lhe construir o Templo de Ouro”. (Maurice Guingand, *El Misterio de Notre-Dame - la magia de los templarios*).

18 Os Profetas da Modernidade

Profetas da modernidade são aqueles que, ao invés de videntes, foram visionários capazes de enxergar, em sua época, os prenúncios do que iria se tornar o mundo futuro. Mas na verdade, não se pode chamá-los de profetas, no sentido estrito da palavra; deve-se antes chamá-los de antecipadores, àqueles escritores que, pela sua ousadia de imaginação, foram capazes de descortinar as transformações fantásticas pelas quais o mundo iria passar através do desenvolvimento científico e tecnológico, da evolução dos costumes, das mudanças na mentalidade e nos costumes dos povos, das guerras etc. Sob a perspectiva do futuro, é difícil, até mesmo impossível imaginar que em pleno século XIX, marcado pela tacanha mentalidade vitoriana, alguém pudesse sequer imaginar o que iria acontecer no século XX. Entretanto, foram vários os autores que se lançaram nesta aventura temerária e deixaram em seus escritos as antecipações que hoje nos parecem novas visões de Nostradamus. Vários livros de ficção científica foram muitas vezes proféticos no que tange ao desenvolvimento tecnológico.

No século XIX houve três grandes antecipadores do futuro (para eles, o século XX): H. G. Wells, Jules Verne e Albert Robida.

Herbert George Wells, ou como era mais conhecido, H. G. Wells, chamado “o profeta do século XX”, escrevia ficção científica antes mesmo que este gênero de literatura fosse assim entendido. Nascido em Kent, EUA, no dia 21 de setembro de 1866, filho de pais pobres, ele viajou para Londres para estudar ciências. Após formar-se ele casou-se, mas seu casamento foi infeliz. Em 1895 publicou em uma revista o conto *A Máquina do Tempo*, que teve bastante sucesso de público. Em 1897 lançou *O Homem Invisível*, que também fez bastante sucesso. Neste mesmo ano ele se separou de sua esposa, e foi também quando conheceu aquela que seria a sua segunda esposa. Nos anos de 1898 e 1901 escreveu os romances *A Guerra dos Mundos* e *Os Primeiros Homens na Lua*. Em 1908 publicou o romance *The War in the Air*, no qual já afirmava qual seria o uso militar que teria o avião. Em 1914 e 1915 publicou os livros pacifistas, *The War that Will End War* e *The Peace of the World*. Escreveu também ensaios políticos (*Anticipations*, 1901) e ensaios sobre costumes (*A Modern Utopia*, 1905). Sobre futurologia, especificamente, ele escreveu os livros *The Outline of History* e *The Shape of Things to Come*, a respeito do futuro da humanidade. Teve preocupações sociais, e também escreveu sobre feminismo.

Wells acreditava na ciência, mas esperava que ela tivesse uma base humanista. Ele também acreditava na possibilidade de entendimento entre as nações, apesar de ter atravessado duas guerras mundiais sangrentas e destrutivas. Ele sempre pensou que elas poderiam conviver em paz, e quando a Liga das Nações foi criada, ele fez tudo ao seu alcance para que este objetivo fosse alcançado. Ele morreu em agosto de 1946, e até o fim manteve suas esperanças na humanidade.

Em seus escritos, Wells previu com bastante precisão vários avanços tecnológicos, inclusive aqueles de uso militar. Ele previu os tanques de guerra, bem como o uso da guerra química, onde obuses venenosos seriam disparados contra a infantaria. Previu também a guerra aérea através do uso de aviões, quando estes ainda estavam em sua infância.

Antecipou os raios laser, no livro *Guerra dos Mundos*, e previu a bomba atômica, que disse seria feita de urânio. No início da década de 30 ele já advertia que Hitler era uma ameaça à humanidade. Quando a Segunda Guerra Mundial teve início, ele previu a vitória aliada, e escreveu vários ensaios nos quais alertava para os perigos da sociedade tecnológica que surgiria em seguida ao conflito. Com relação a esta, ele previu as super-estradas, o videocassete, o rádio e os computadores.

*

Jules Verne (Jules-Gabriel Verne Allotte)³⁷ foi um escritor contemporâneo de H. G. Wells, tão genial como ele. Ele nasceu em Nantes, na França, no dia 8 de fevereiro de 1828. Após alguns contratemplos com o pai, ele mudou-se para Paris, onde diplomou-se em Literatura e Direito, não sem dificuldades. Iniciou sua carreira escrevendo peças de teatro, onde desenvolveu o seu talento de escritor. Ganhou dinheiro especulando na Bolsa, o que facilitou sua entrada na alta sociedade parisiense. Aos 34 anos, escreveu sua primeira novela, *Cinco Semanas em um Balão*, que foi recusado por cinco editores, antes de ser finalmente publicado. A publicação foi um sucesso, e valeu-lhe um contrato editorial válido por vinte anos. Em 1856 ele casou-se com uma viúva, casamento esse que não lhe deu felicidade. Jules Verne escreveu 65 grandes novelas em 42 anos de vida literária, sendo suas principais obras: *Viagem ao Centro da Terra*; *Da Terra à Lua*; *Vinte Mil Léguas Submarinas*; *Robur o Conquistador*. Morreu a 24 de março de 1905.

Mais do que um escritor de ficção científica, Jules Verne foi um divulgador científico, quase um jornalista da ciência. Ele acompanhava atentamente os progressos científicos de sua época, e conhecia muito bem as invenções e as inovações técnicas publicadas. Na parte relativa às realizações científicas, Verne não foi propriamente um visionário. Tudo o que ele utilizou em seus escritos era bastante conhecido, em sua época. Mesmo quanto a viagem à Lua, ele aproveitou para o tema muito de escritores passados e contemporâneos (de sua época — é o caso do escritor H. G. Wells). Ele realizava uma cuidadosa pesquisa antes de escrever os seus livros, documentando-se quanto ao que existia dentro do assunto que ia tratar. Para o livro *Da Terra à Lua*, utilizou os cálculos realizados pelo seu primo, Henry Garcet (o personagem do livro chama-se J. T. Maston). Garcet calculou para ele a velocidade de escape que um corpo precisaria ter para subtrair-se à atração da gravidade terrestre (no caso, 11,2 km por segundo). Sua imaginação o levou a antever soluções técnicas que viriam a ser usadas em nossa época tecnológica. Para a viagem à Lua, ele previu o local ideal de lançamento (Flórida, EUA); a correção de trajetória; o uso de foguetes auxiliares; o pouso no oceano Pacífico, após o retorno; o uso de barcos voadores (helicópteros) para resgatar a nave. A nave Apollo 8, que deu a volta à Lua, tinha exatamente 3,60 metros de altura e 14 toneladas de peso, exatamente como ele descreveu em sua novela. Até o ponto onde a nave americana caiu no mar estava a apenas quatro quilômetros do ponto que ele previu.

³⁷ De acordo com o escritor J. J. Benítez, é bastante provável que Jules Verne fosse maçom e também conhecedor das tradições ocultas rosacruzes e alquímicas. É também provável que ele tenha pertencido aos quadros da Ordem *Iluminados da Baviera*, ou mesmo da *Golden Dawn*, instituições que eram integradas pelos mais destacados intelectuais da época.

Na descrição da viagem marítima do capitão Hatteras para o pólo norte a bordo do *Forward*, este não consegue ir além da latitude 85° 35', apenas 10 quilômetros distante do ponto máximo atingido pelo explorador americano Robert Peary, quarenta e três anos depois. Este teve de parar seu navio e continuar a viagem de trenó, em sua conquista do pólo norte.

Verne anteviu o uso de transportes subterrâneos (o metrô), os arranha-céus, o transporte de massa, a radiodifusão musical, o transporte aéreo sobre o oceano, e também uma forma de difusão de notícias que lembra de perto a atual rede Internet. Muito antes de Rutherford e dos Curie, afirmou (por um personagem) que o princípio final da matéria estava na energia. Em seu livro *Ao Redor da Lua*, de 1870, Verne descreve comunicações por raio laser ou radar, à base de raios luminosos concentrados em feixes por meio de espelhos parabólicos. Neste mesmo livro ele também descreve o estado de imponderabilidade (falta de peso) que os astronautas sofreriam no espaço (neste caso, ele pensou que só haveria um ponto no espaço entre a Terra e a Lua onde este fenômeno ocorreria). No livro *O País das Peles*, ele concebeu o uso do sextante espacial, no qual se busca identificar a própria posição através da observação da Lua em relação às estrelas. Este princípio foi testado pelos astronautas americanos Thomas Mattingly e Henry Hartsfield no verão de 1968, durante a missão espacial *Columbia*.

*

Albert Robida, ainda que quase contemporâneo de Jules Verne, e também francês, jamais alcançou êxito como escritor. Nascido em 1848, Robida também foi um escritor de ficção científica. Ele foi também jornalista, ilustrador, político, ensaísta, crítico e poeta. Como profeta do futuro, Robida foi um visionário até mais importante do que Verne, e mais do que Wells seria.

Atualmente, ele é considerado um escritor mais avançado do que os outros dois. Em seu livro *O Século XX*, Robida foi capaz de prever em detalhes a estrutura da sociedade do século XX, principalmente esta posterior às guerras mundiais; as revoluções russa e chinesa; a poluição; a emancipação feminina; os alimentos pré-fabricados. Previu também a importância que a energia elétrica tomaria no mundo industrial, a automação, o tanque de guerra, os tubos pneumáticos de correspondência (não utilizados no Brasil), o rádio e a televisão, as cabinas públicas de telefone, os intercomunicadores, as fotocopiadoras e até os antibióticos. Ele descreveu o caos das cidades modernas quase como se as tivesse conhecido pessoalmente. Previu que Paris teria 11 milhões de habitantes no ano de 1960, e que a França teria um governo parlamentar estável. Em uma notável antecipação, Robida fez a previsão de que uma revolução socialista iria acontecer na Rússia. Ele errou apenas a época (por apenas cinco anos); previu que ela aconteceria no ano de 1922. Descreveu uma hipotética cena doméstica, que segundo ele aconteceria quotidianamente com homem do ano de 1950: ele tomaria o seu café da manhã vendo e ouvindo notícias transmitidas pelo telefonoscópio (a televisão). A revolução sexual dos anos 60 foi antevista por Robida; entre outras coisas, ele disse que os costumes sexuais se tornariam menos rígidos e que o casamento se tornaria mais flexível.

Como foi possível para estes escritores anteciparem uma época que, comparada à incipiente ciência do século XIX, seria uma época de maravilhas, quase de milagres? A mentalidade científica do século passado, de um modo geral, estava pessimista quanto à possibilidade de continuar o progresso do conhecimento. No final do século passado dizia-se que tudo já fora inventado, e que a física e a química nada mais tinham a descobrir, restando apenas um trabalho final de catalogação. Antes que a energia do átomo fosse descoberta, permitindo descortinar todo um novo mundo da física, havia a crença que esta ciência estivesse esgotada. De acordo com este cenário, é espantoso que alguns escritores tivessem a ousadia de imaginar todo um mundo diferente, repleto de concepções científicas novas e de inventos maravilhosos. Acreditar que o mundo iria adentrar uma época na qual o ar e até o espaço fossem atravessados por naves aéreas, era ir contra tudo o que se acreditava no âmbito da ciência.

Quando se olha a obra destes escritores, destes ficcionistas antecipadores do amanhã e o que elas provocaram, tem-se a impressão que foram escritas com este objetivo. É como se eles estivessem incumbidos de lutar contra o pessimismo e manter a chama da esperança científica acesa. É bem conhecida a enorme influência que tiveram (principalmente os dois primeiros) sobre a mentalidade dos jovens do século XX. Muitos cientistas, aviadores e astronautas confessam sua dívida a eles, afirmando que se encaminharam à carreira científica e de pesquisas após terem sua imaginação inflamada pela leitura daquelas obras de antecipação. E no entanto, ainda hoje, o espírito de inovação e de invenção, a par de um incentivo à imaginação e à fantasia não são levados suficientemente em conta na formação acadêmica.

Ao contrário dos profetas usuais, no qual o discurso verberador geralmente é velado sob um simbolismo que poucos podem compreender, o discurso dos profetas da modernidade tem o objetivo específico de encantar os leitores, sendo por isto claro e direto. Quando o escritor descreve um cenário futuro que sua imaginação constrói, ele está simultaneamente lançando na mente de seus leitores as sementes criativas que farão com que este cenário imaginado ou delineado se materialize. A profecia apocalíptica, ao contrário, procura colocar o temor no inconsciente das pessoas, e o temor traz a prudência como consequência. A intenção, em todo caso, seria sempre a mesma, ou seja, mudar as atitudes e o comportamento das pessoas. Se a profecia pessimista tenta mudar as atitudes e provocar uma reação positiva capaz de garantir que um futuro continue a existir, o que as antevisões procurariam seria exatamente procurar criar este futuro possível de uma maneira concreta. E se quisermos antever o próximo século, para ajudarmos a construí-lo, talvez fosse conveniente prestarmos atenção aos grandes escritores de ficção científica de nossa época.

PARTE VI - A CRIAÇÃO E A DESTRUIÇÃO DO MUNDO

19 As Profecias do Fim do Mundo

Lemesurier, em seu livro citado anteriormente, apresenta uma série de “sinais dos tempos” ou indícios do início de novos tempos, de acordo com as seguintes passagens bíblicas:

- guerras generalizadas (Daniel, 9, 27; Mateus 24, 7);
- fome em escala nunca vista (Isaías, 24; Mateus, 24, 7);
- ampla disseminação das ‘notícias sobre a vinda de um novo reino’ (Mateus, 24, 14); aumento da iniquidade e esfriamento do amor (Mateus, 24, 12; Timóteo, 2, 3);
- preocupação com prazeres e diversões (Mateus, 24, 37-39);
- retorno dos judeus à Palestina (Isaías, 49 ss; Daniel, 12, 7; Ezequiel, 38, 8-9, 28);
- aumento do número de terremotos no mundo (Isaías, 24, 18-20; Mateus, 24, 8);
- aparecimento dos auto-proclamados ‘Messias’ e de um pseudo líder religioso que conseguirá poder mundial (Daniel, 8, 23-25; Mateus, 24, 11; 23-26);
- avanço em direção oeste dos ‘reis do Oriente’ (Apocalipse, 16, 12);
- invasão de Israel por povos do norte, que são derrotados (Ezequiel, 38; Daniel, 11, 40-45);
- aparecimento no céu de sinais messiânicos, seguidos pelo próprio Messias e início do *reino do paraíso* (Mateus, 24, 27-31).

A crença no fim do mundo é bastante antiga, e anterior à tradição judaica. Aliás, é bastante provável que a mentalidade apocalíptica dos hebreus provenha da época de seu exílio na Babilônia. Eles teriam aprendido no Zend-Avesta a concepção zoroastriana³⁸ da destruição do mundo pelo dilúvio e pelo fogo, e incorporaram tais idéias às suas próprias tradições religiosas, tradições estas que se incorporaram, igualmente, à tradição cristã como um todo.

³⁸ O autor Andrew Welburn, em seu livro *As Origens do Cristianismo*, diz o seguinte: “O zoroastrismo ensina sobre Deus, ou Ohrmazd, como a Luz Ilimitada, que existiu antes da união da Luz com as Trevas, ou Ahriman. O mundo foi criado como um resultado dessa mistura, e as luzes-almas dos homens entraram nele e resolveram lutar contra as Trevas. A vida humana era portanto uma expressão da luta mítica que continuava no universo. No final dos tempos, assim se ensinava, a luta inevitavelmente resultaria na total purificação do mundo da sombra escura de Ahriman. A unidade primeva seria recuperada: os zoroastrianos chamam a este estado futuro *frashkart*, que significa ao mesmo tempo ‘Restauração’ e ‘Transfiguração’ do mundo — incluindo o homem. Certos heróis míticos ou legendários renasceram com o Saoshyant, ou Salvador, para derrotar por fim Ahriman. Ao Salvador se reuniriam seis outros líderes religiosos da humanidade para celebrar o Sacrifício Final, paralelo àquele que criou o mundo no princípio. E nos últimos dias homens e todas as criaturas se tornariam gradualmente menos materiais, deixando de requerer sustento físico, e eventualmente o mundo retornaria à pura Luz. É uma visão grandiosa. E às vezes pode gerar expressões e esperanças que para nós se parecem muito com ‘ressurreição’ ”.

O profeta Isaías colocou o fim do mundo em palavras tão dramáticas que até hoje as pessoas temem esse dia, o *Dies Irae* (Dia da Ira), o dia em que o Senhor destruiria toda a Terra: *Eis que vem o dia do Senhor, com horror e ira ardente para assolar a Terra e destruir os seus pecadores* (Isaías, 13, 9). Isaías é considerado o maior dos profetas. Ele profetizou por mais de cinqüenta anos, sendo que suas profecias, no geral, são consideradas como admoestações contra a impiedade dos israelitas, anunciando-lhes o castigo de Deus em razão de suas infidelidades. Acredita-se que algumas de suas profecias sejam menções ao final dos tempos. Em Isaías, 24, por exemplo, há uma abundância de referências a este respeito. Mas o que ele profetiza não é exatamente a destruição do mundo, porque, de certa forma, nesta época seriam lançadas as bases para uma civilização inteiramente renovada, iniciando uma era maravilhosa para a existência humana (veja-se, em concordância, Amós, 9, 11-15; Isaías, 66, 10).

O apóstolo Pedro diz assim em sua Primeira Epístola: *Ora, o fim de todas as coisas está próximo. Portanto, sejam prudentes e vigiai nas orações*. Na Segunda Epístola, afirma o seguinte, em continuação do tema: *O Dia do Senhor virá, como um ladrão vem à noite, em que os céus passarão com grande estrondo, os elementos irão se desfazer com o calor, e a Terra e as obras que nela há se serão queimadas. Portanto, se estas coisas vão perecer, o que vos convém ser em santidade de vida e em piedade, esperando e apressando-vos para a vinda do dia do Senhor, no qual os céus, em fogo irão se desfazer, e os elementos, com o calor, se fundirão? Mas nós, pela Sua promessa, esperamos um novo céu e uma nova terra, em que virá habitar a justiça* (Pedro II, 3, 10-13).

No Novo Testamento, é em Mateus que se encontram as profecias mais contundentes acerca do final dos tempos, em palavras ditas por Jesus. As passagens são muito abundantes e extensas para serem todas citadas, mas as principais alertam principalmente sobre a necessidade de precaver-se contra falsos alarmes, falsos profetas e até mesmo contra aqueles que tentarão apresentar-se dizendo: “O Cristo sou eu”. É também afirmado: *Logo após a atribulação daqueles dias, o Sol irá escurecer, a Lua não dará sua claridade, as estrelas cairão do céu e os fundamentos do céu serão abalados* (Mateus, 24, 29-30). Jesus não menciona a época de tais ocorrências, que alega serem de conhecimento apenas do Pai.

Lucrécio, Cícero, Ovídio e Virgílio são escritores romanos que acreditaram que o mundo seria destruído pelo fogo. Santo Agostinho, em seu livro *Cidade de Deus* dedicou dezenas de páginas apenas à descrição do Juízo Final, da ressurreição, da renovação do mundo, da Nova Jerusalém. Por volta do término do primeiro milênio, segundo consta, usava-se bastante nas correspondências a expressão: *Termino mundi appropinquante*, ou “o fim do mundo se aproxima”. O ano 1000 era aguardado com uma ansiedade crescente, e o temor coletivo de um fim próximo causou, efetivamente, bastante desgraças. Devido a uma interpretação equivocada do Apocalipse, acreditava-se que os mil anos anunciados (o milenarismo) se completariam exatamente nesta data.

Um eremita da Turíngia, de nome Bernardo, anunciou o fim do mundo com base na sua interpretação do texto do Apocalipse. Para ele, isto ocorreria no ano de 992. Um frade

de Corbia, Druthmare, anunciou nova data para este fim, o dia 25 de março do ano 1000. O povo, aterrorizado, a cada novo anúncio do fim do mundo corria em massa às igrejas. Um estado de apatia tomou conta das pessoas, que deixaram de plantar suas colheitas. Doações e abandono de terras ocorriam diariamente, porque todos acreditavam que realmente o fim do mundo havia chegado.

Talvez em razão da incúria ou da inércia das pessoas, devido à proximidade (que eles pensavam) do fim do mundo, uma verdadeira tragédia se abateu sobre o mundo europeu. Entre os anos 987 e 1040 a fome e as doenças se abateram por toda a parte, dizimando grande parte da população. O próprio clima parecia acompanhar o estado de espírito das pessoas. Por três anos seguidos choveu em excesso, prejudicando ainda mais as poucas sementeiras que eram feitas. Entre os anos de 910 e 945 a invasão dos húngaros piorou a situação. A fome aumentou tanto que, primeiro, as pessoas passaram a comer todos os ratos e pequenos animais que podiam alcançar. Por fim, o horror se instalou quando as pessoas passaram a atacar-se mutuamente, chegando ao canibalismo.

Esta época de horror teve, entretanto, algumas conseqüências positivas. A Igreja Católica, em razão das imensas doações que recebeu no período, adquiriu posses suficientes para dar início à construção das imensas catedrais. Por toda parte, elas começaram a ser levantadas. A mobilização de mão-de-obra e de pessoal especializado concorreu, por centenas de anos, para melhorar a condição econômica dos cidadãos, e por conseqüência, das cidades.

O temor ao fim do mundo não arrefeceu com a passagem do milênio. Anúncios apocalípticos era feitos freqüentemente, e cada um que o anunciava calculava e recalculava freneticamente os números contidos nas Escrituras, para encontrar a data fatídica. Além disso, os próprios fenômenos celestes concorriam para esta obsessão. No dia 29 de junho de 1033 aconteceu um estranho eclipse do Sol, o qual veio aterrorizar ainda mais as pessoas: “as pessoas viam-se umas às outras sob uma luz mortiça, todos adquirindo um aspecto lívido”. No dia 15 de setembro de 1186 os planetas conhecidos se reuniram na constelação de Libra, o que prenunciaria o pior. No dia 16 de junho de 1406 um eclipse do Sol levou o povo em massa às igrejas, para esperar pelo fim. Eclipses totais do Sol traziam o terror às pessoas que os testemunhavam. Em 1706, 1724, 1842, 1847, 1851, 1858, 1860, 1870, 1878, etc., qualquer um deles era capaz de ser interpretado como anúncio do fim do mundo. Nenhum era aceito como um fenômeno puramente astronômico e natural, e eram sempre esperados com temor.

Além dos eclipses, as pessoas temiam especialmente os cometas, que eram ligados a acontecimentos funestos. Apareceram cometas nos anos de 1066, 1264, 1309, 1337, 1402, 1456, 1472, 1527, 1531, 1556, 1577, 1607, 1652, 1665, 1680, 1773, 1832, 1857, etc. A cada um foram associadas ocorrências de todo tipo, como guerras, mortes de reis, catástrofes naturais; de cada um, acontecia de serem descritos como se a sua forma mostrasse o acontecimento. O cometa de 1527, por exemplo, foi descrito por Ambrósio Paré e por Simão Goulart como se fosse “formado de cabeças cortadas, punhais e por nuvens sangrentas”.

O alquimista Arnald de Villeneuve anunciou que o fim do mundo ocorreria no ano de 1335. Um astrólogo alemão, Stoffler, anunciou que este fim ocorreria no dia 20 de fevereiro de 1524, quando uma conjunção planetária iria provocar um dilúvio. Novamente as pessoas entraram em pânico, e novamente houve abandono de terras e bens, quando não ocorria de serem vendidos por preços ínfimos. O astrólogo Johan Carion previu este fim para o ano de 1532; o astrólogo Cipriano Leowitz anunciou-o para o ano de 1584. Novo prognóstico, de autor ignorado, colocou a data final em 1598. Até o século XIX, dezenas de anúncios de fim de mundo vieram a público, sempre baseados em interpretações de textos das Escrituras ou até mesmo em apócrifos. O fundador da seita adventista, William Miller, anunciou o fim do mundo entre os anos de 1843 e 1844. Já Charles T. Russel, fundador da seita Testemunhas de Jeová, situou esta data no ano de 1874. Quando nada aconteceu, ele fez nova previsão, desta vez para o ano de 1914. Outra vez, anunciou-a para o ano de 1918, mas ele morreu antes que pudesse constatar seu novo fracasso como profeta.

A tradição apocalíptica continuou no século XX, já agora com a ameaça do término de outro milênio. Aos profetas e astrólogos vieram juntar-se os videntes, as testemunhas de aparições, os médiuns, os canalizadores espirituais e os contatados de toda espécie. Volta e meia, a mídia vinha anunciar as palavras destes canalizadores, médiuns e contatados, com suas mensagens apocalípticas de todo tipo, que afinal acabam não se realizando. Ficou tristemente famosa a profecia anunciada por um pretense contatado, Eugênio Siracusa, que afirmou que os alienígenas teriam anunciado a ele esta data final. No dia anunciado, milhares de pessoas, acompanhadas de vários jornalistas e por vários canais de televisão dirigiram-se às encostas do vulcão Etna, na Sicília, para esperar pelo desenlace final. A hora anunciada passou, e como nada aconteceu, Siracusa dirigiu-se com estas palavras aos seus seguidores: “Bem, não deu certo. Vamos todos para casa”. Como este, outros anúncios catastrofistas são feitos a cada dia, e mesmo o fracasso continuado das previsões não é capaz de tornar as pessoas mais cépticas a este respeito.

*

Existe um aspecto particular, no que se refere às profecias, que deve ser destacado. As profecias surgiram em um contexto religioso e permaneceram neste contexto por toda a história conhecida. Embora algumas características particulares pareçam mudar, o enfoque sempre é sobre o comportamento religioso do povo como um todo, e das instituições religiosas em particular. Com poucas exceções, as profecias fazem menção a castigos futuros devido ao não cumprimento do “desejo” de uma entidade divina. Esta entidade, conforme se viu, não pode ser assimilada a nenhum padrão humano; não é possível atribuir (e isto Tomás de Aquino já falava) um gênero à divindade, seja qual for. Deus não é ELE ou ELA, mas pode ser tanto ELE quanto ELA (o papa João Paulo I, em seu curto pontificado, proclamou que “Deus é Pai e Deus é Mãe”). As referências a um aspecto feminino de Deus, em um passado remoto, são muito extensas e freqüentes para que possam ser simplesmente ignoradas. No próprio texto bíblico, mais especificamente no Antigo Testamento, encontra-se esta referência no *Livro de Jó*. Nele, o nome de Deus é Shadáí, que normalmente é traduzido como “Onipotente”, mas cuja melhor tradução é “Deus-Mãe”. A raiz etimológica desta palavra hebraica, Shad, significa mama, seio, nutriz,

e evoca idéias de fertilidade, abundância, carinho, amor (conforme Rômulo de Souza, obra citada).

Assim, quando a Igreja Católica incorporou o culto de Nossa Senhora (Maria), mesmo que não o tenha feito com este objetivo, estava apenas se juntando às várias religiões que cultuam o aspecto feminino de Deus.

*

Existiram, em todas as épocas, grandes profetas e grandes reformadores religiosos. Todos eles procuravam, de uma maneira ou de outra, reformar a atitude humana, não tanto com relação aos deuses de sua adoração, mas à atitude de cada um para o seu semelhante. Esta gigantesca reforma religiosa, no entanto (pelo menos no que se refere à tradição ocidental), teve que esperar o advento de Jesus Cristo e de sua mensagem de fraternidade e de igualdade. Sua obra não diminuiu a obra dos que o antecederam, pois que estes “aplainaram os caminhos”, por assim dizer, para que a obra de Cristo pudesse se realizar. Mas Cristo anunciou o seu retorno. Esta, então, seria a grande profecia para o nossa época. Esta é a grande profecia para o nosso futuro.

20 Catastrofismo e Escatologia

O *Livro Guinness dos Recordes*³⁹ diz que as maiores catástrofes até hoje ocorridas, com maior número de mortes, são as seguintes:

• Peste Negra	1347-1351	75.000.000 de mortes;
• Fome	1959-1961	40.000.000 de mortes, estimadas;
• Gripe Espanhola	1918-1919	21.700.000 mortes, aproximadamente;
• Ciclone	1970	1.000.000 de mortes;
• Inundação	1887	900.000 mortes;
• Terremoto	1887	830.000 mortes.

As duas guerras mundiais, de acordo com as estimativas mais sérias, foram a causa direta da morte de cerca de 65 milhões de pessoas, entre todos os países envolvidos.

Isaac Newton, conta-se, foi capaz de prever o maior desastre natural que iria abater-se sobre a Inglaterra, *vinte e três anos* após a sua morte. Ele afirmou que ocorreria uma estranha aurora boreal nos três primeiros meses do ano de 1750, à qual se seguiriam terríveis terremotos e temporais. Exatamente como ele previu, neste ano as “luzes do norte” foram vistas nos campos ingleses, sinalizando as atividades sísmicas e atmosféricas que viriam a seguir. Os temporais vieram com ventos de até 160 quilômetros por hora, espalhando a morte e a destruição por toda a Inglaterra.

Em 1783 vários terremotos de grande intensidade mataram cerca de 40.000 pessoas na Calábria, Itália. Em 1823 um terremoto devastador causou 100.000 mortes nas cidades de Tóquio e Yokoama, no Japão. Em 1886 ocorreram dois terremotos de violenta intensidade em duas regiões distantes entre si: Nápoles, na Itália, e em Charleston, Carolina do Sul, EUA. Em 1908, mais de 78.000 pessoas morreram em um terremoto ocorrido em Messina, Itália. Em 1783 o vulcão Skaptar-Jökull, na Islândia, provocou, com sua erupção, um escurecimento da luz do Sol em todo o mundo. Em 1883 o vulcão Karang, na ilha de Cracatoa explodiu com fúria inaudita, lançando fogo, cinzas e lava fumegante na atmosfera. A intensidade desta explosão foi calculada como equivalente à explosão de milhares de bombas de hidrogênio de 100 megatons cada uma, explodindo simultaneamente.

A história tem registrado a ocorrência de fenômenos naturais catastróficos desde há muitos séculos. Terremotos, erupções vulcânicas, tufões, furacões, ciclones, tornados, toda espécie de desastre natural tem ocorrido a cada século. Com relação ao número de mortes causadas, provavelmente nenhum desastre natural superou a calamidade ocorrida à época de Nostradamus, a Peste Negra, que ceifou cerca de 75 milhões de pessoas em toda a Europa. A se acreditar piamente nas profecias escatológicas, deveria estar acontecendo um recrudescimento nas atividades sísmicas, climáticas e vulcânicas em todo o mundo, à

³⁹ Edição de 1996.

medida que o final do século se aproxima. Entretanto, não existe nenhuma evidência capaz de provar isto.

Vulcões entram em erupção em razão do movimento do magma, quando este procura um caminho para a superfície. A história registra o desaparecimento de cidades que ficaram soterradas por uma erupção vulcânica. Mas nenhuma erupção seria capaz de abalar todo um continente. Furacões são o resultado de movimentos contrários de correntes de ar na atmosfera. São fenômenos bastante comuns no hemisfério norte, onde provocam grandes destruições, principalmente no litoral. Eles também não podem afundar um continente.

Os terremotos ocorrem em virtude do deslizamento das placas tectônicas continentais,⁴⁰ deslizamento este que provoca o acúmulo de pressões contidas, nas fraturas existentes entre as placas. Quando ocorre um acomodamento, a liberação da pressão, ou energia sísmica resultante, provoca o estremecimento da camada superficial do globo, agitando o solo em determinados lugares e derrubando abaixo as construções humanas. Terremotos são capazes de destruir toda uma cidade, mas não existe nenhuma evidência geológica capaz de provar que um terremoto, por mais forte que seja, provoque o afundamento de um continente. Destes três fenômenos, os terremotos são os que podem causar mais estragos e fazer mais vítimas.

Mas não são estes os únicos fenômenos que podem provocar destruição em alta escala. Atualmente, além de causas climáticas, vulcânicas ou sísmicas, existem várias outras capazes de provocar desastres e calamidades em larga escala.

A ciência acredita que uma colisão com um meteorito capaz de destruir a Terra seja um evento quase improvável.⁴¹ Esta crença baseia-se em um conhecimento aprofundado da mecânica celeste, da posição dos principais corpos celestes, suas órbitas e trajetórias. Além disso, o sistema solar já ultrapassou sua fase mais caótica, durante a qual corpos de trajetória incerta atravessavam em todas as direções. Quais seriam, contudo, as conseqüências resultantes da colisão de um meteorito com a Terra?

Um meteorito qualquer tem a velocidade média de cerca de 42 quilômetros por segundo. Como a Terra se desloca a 30 quilômetros por segundo, conforme a direção da trajetória um meteorito poderia alcançar a atmosfera com velocidades entre 12 e 72 quilômetros por segundo. O atrito com a atmosfera é capaz de gerar um calor tão intenso que seria suficiente para destruir a maioria deles. Se sua massa for muito grande, este calor gerado poderia destruir a vida na maior parte da região atingida, e a massa que restasse

⁴⁰ Na região norte-americana compreendida pelo estado da Califórnia existe uma fratura na placa continental. Esta fratura, conhecida como “Falha de San Andreas”, ou “Falha Mestra”, é uma das maiores da crosta terrestre. Ela se estende por mais de mil quilômetros a partir do Golfo da Califórnia, atravessando a região de São Francisco até as proximidades da cidade de Los Angeles. Devido a esta falha, esta parte da Califórnia desliza lentamente para longe do resto do continente. Este deslocamento provoca tensões internas que vão se acumulando, provocando ocasionalmente tremores de terra. Se uma tensão geológica se acumular por muito tempo, ela pode provocar um terremoto devastador.

⁴¹ As maiores catástrofes deste tipo deram-se, respectivamente, há duzentos e cinquenta milhões de anos (a extinção do Permiano, que liquidou com 95% de toda a vida na Terra), e a extinção dos dinossauros, ocorrida há sessenta e cinco milhões de anos.

ainda iria atingir o solo com o impacto equivalente a milhares de bombas de hidrogênio explodindo simultaneamente. Apenas alguns poucos quilômetros de diâmetro já o tornariam um petardo mortífero, capaz de eliminar toda a vida da face da Terra. Isto ocorreria porque o choque iria provocar erupções vulcânicas, terremotos e furacões por todo lado. O choque de um único meteorito ocorrido há cerca de 65 milhões de anos atrás, por exemplo, foi capaz de destruir todos os dinossauros que habitavam o planeta.

Se por qualquer motivo fosse provocada uma alteração na inclinação do eixo polar do planeta, trazendo os pólos mais para perto do plano equatorial, as conseqüências seriam catastróficas. Isto poderia ocasionar o deslocamento dos mares, a submersão de enormes quantidades de terras continentais, a emersão de terras cobertas por água, glaciação em terras quentes, etc. O gigantesco deslocamento de águas, mais as tempestades violentas que se seguiriam dariam a impressão de ter acontecido um dilúvio universal, a quem conseguisse sobreviver ao desastre. Para que o eixo terrestre se incline assim, o planeta teria que sofrer uma violenta alteração em sua velocidade radial, o que só ocorreria se uma grande massa (maior do que qualquer planetóide) se aproximasse e exercesse uma gigantesca atração gravitacional. Como os planetas do sistema estão fixos em suas órbitas, seria necessário que um planeta intruso de massa considerável viesse de fora do sistema. Mas para chegar à órbita terrestre, ele teria que escapar à atração dos planetas gigantes do sistema, Júpiter e Saturno, os quais poderiam estabilizar sua trajetória e colocá-lo em órbita solar.

*

Desde a década de 70 que se sabe a respeito da destruição da camada de ozônio pelo gás CFC. Este componente, ao entrar em contato com o ozônio na alta atmosfera, entra em reação com ele, neutralizando-o. A camada de ozônio é uma espécie de escudo protetor contra a radiação ultravioleta que provém do Sol, e é esterilizante. Se a radiação ultravioleta não é barrada, ao chegar ao solo ela pode causar câncer de pele nos seres humanos, bem como destruir o delicado eco-sistema dos mares, pela eliminação do fitoplâncton que faz parte da cadeia de alimentação animal. Isto poderia provocar uma catástrofe ecológica em todo o planeta.

A liberação indiscriminada de gases tóxicos de todo tipo na atmosfera vem gradativamente aumentando a temperatura média em todo o planeta. A conseqüência imediata é o degelo da calota polar, degelo este que libera grandes quantidades de água suplementar para os oceanos. Isto provoca tempestades, alterações climáticas, e a longo prazo pode submergir a parte litorânea de vários países, bem como ocupar completamente aqueles países cuja superfície está abaixo da superfície do mar (como a Holanda, por exemplo).

O pesquisador Ivan T. Sanderson escreveu no *Saturday Evening Post* de 16 de janeiro de 1960: “Súbita expulsão em massa de poeira e gases causaria a formação de monstruosas quantidades de chuva e neve, e poderia bem se mostrar pesada a ponto de apagar a luz solar durante dias, semanas, meses, e mesmo anos, se o movimento da crosta

continuasse. Ventos para além de qualquer coisa que hoje se conheça, saltariam de ambos os lados, com violentos descomedimentos de temperatura. Haveria 40 dias e noites de neve num lugar, inundações continentais em outros, estrondosos furacões, maremotos e terremotos trazendo desligamentos e vagalhões em outros, e muitas outras perturbações. Talvez o mais importante, contudo, tenham sido os gases, que, provavelmente, seriam atirados mais alto do que tudo...” (citado por Joseph F. Goodavage, *A Astrologia Espacial e os Mistérios do Futuro*).

A lista de possibilidades destrutivas da vida terrestre é infindável. Guerra atômica, extrema poluição ambiental, vírus mortais, desequilíbrio ecológico, extinção da camada de ozônio, doenças resistentes a vacinas e a antibióticos, superpopulação, empobrecimento do solo, infertilidade humana crescente, mutação genética — parafraseando o escritor Isaac Asimov, “escolha sua catástrofe!”.⁴²

A crença religiosa (em geral) de um fim do mundo tem uma gradação que vai da crença no fim do mundo (o planeta Terra) até a crença no fim do universo (o cosmos). Mesmo atualmente, com todo o sofisticado conhecimento científico acumulado, existem pessoas que acreditam sinceramente que todo o universo tem apenas pouco mais de quatro mil anos de idade e vai terminar em breve, pela ação direta de Deus. Somente pela fé, muitas pessoas são capazes de crer que a Bíblia registra não apenas a epopéia de um povo (o hebreu), mas de todo o universo, e que os profetas deste povo ameaçaram todo este universo de destruição apenas em razão dos pecados deste povo em particular.

Sob um aspecto puramente científico, é impossível que uma destruição cósmica venha a ocorrer brevemente. De acordo com todas as evidências, o universo ainda irá durar, no mínimo, o equivalente à sua idade atual. Isto significa bilhões de anos. Além disso, a quantidade de energia necessária para provocar a destruição de um único planeta é tão vasta, que a energia necessária para destruir todo o universo seria inconcebível, e não estaria disponível. Naturalmente, não faltarão aqueles que dirão que para Deus nada é impossível. Mas seria um paradoxo acreditar que, sendo Deus onisciente, ele seria capaz de criar as leis que regulam todo o universo para posteriormente vir quebrá-las e provocar a destruição deste universo, apenas porque, na Terra, a humanidade O teria desobedecido. Uma das possibilidades científicas para a destruição do universo, quando ele chegar ao fim do seu ciclo de vida, seria pela morte térmica. Mas nesta época, a Terra já teria desaparecido há bilhões de anos, devido ao término do ciclo de vida do Sol. Neste caso, o

⁴² Há que se considerar um fator que nem sempre é levado em conta. Doenças tão mortais como a Gripe Espanhola e a Peste Negra ocorreram em épocas em que os recursos médicos e de higiene, tais como hoje os conhecemos, eram inexistentes. A possibilidade que existia de estas doenças dizimarem toda a população do globo, em suas épocas, não pode ser subestimada. Como se pode ver pelos números apresentados, apenas estas duas doenças foram capazes de dizimar mais pessoas do que as duas grandes guerras mundiais, com toda a sua carnificina. Mesmo assim, a humanidade não foi extinta. A Natureza, de uma maneira desconhecida, provocou o arrefecimento das epidemias, por um lado, e por outro intensificou a libido das pessoas (fenômeno comum em época de grandes catástrofes), providenciando o repovoamento do planeta. De uma maneira estranha, parece que a Vida (a Natureza) protege a si mesma, independente da ação humana e de suas preocupações de sobrevivência. Embora não proteja o indivíduo, a espécie é protegida.

nosso fim estaria então ligado apenas à nossa estrela central, mais do que a qualquer outra coisa.

As escrituras, como fazem parte do referencial religioso do mundo ocidental, praticamente delinearão a mentalidade, o comportamento e a atitude dos povos cristãos com relação à vida, à realidade e ao próprio futuro do mundo. Alguns profetas terminam os seus livros dizendo algo como “quem for sábio, que entenda”, o que, de uma certa maneira, sugere que tais textos poderiam estar escritos de uma forma cifrada, apenas apta a ser lida por iniciados ou conhecedores das chaves apropriadas de interpretação. É inegável que, do modo como estão escritos, os textos bíblicos estão sujeitos a diversas e variadas interpretações. Além disso, não se pode menosprezar a possibilidade de erros de tradução, de interpolações e de manipulações de todo tipo. É comum levar-se à letra certas afirmativas, como se fossem oriundas da “boca de Deus”, ignorando todos os problemas relativos à continuidade de textos antiquíssimos, inicialmente transmitidos apenas oralmente.

Um outro problema refere-se à origem dos próprios livros religiosos, provenientes da tradição religiosa judaica. Não seria possível, por exemplo, que muito do que se considera como relativo à tradição cristã não seria exclusividade da tradição hebraica? Não seria temerário vincular certas profecias (principalmente do Antigo Testamento), próprias ao desenvolvimento histórico do povo judeu, ao desenvolvimento histórico dos povos de tradições religiosas alheias? Afinal de contas, a multiplicidade e a pluralidade religiosa são a regra, e não a exceção. Religiões fortemente enraizadas, como o Islamismo, por exemplo, que embora possuam origens comuns às do Cristianismo, a partir de Maomé fixaram o seu próprio rumo e estabeleceram suas próprias ilações teológicas e teleológicas (a teleologia faz referência às causas finais das coisas), bem como instituíram o seu próprio livro religioso, o Alcorão. Deste modo, qualquer previsão ou profecia acerca do fim do mundo, antes de ser aceita sem reservas, deve ser analisada profundamente, porque talvez faça referência, tão somente, a um fim de mundo localizado e particular.

O profeta Ezequiel, por exemplo, é explícito a este respeito. Os castigos prometidos fazem referência direta à idolatria de Israel. A destruição de Jerusalém é constantemente anunciada, e a ruína, o fim do povo de Israel (sua dispersão) estão também claros. Também em Mateus isto se encontra. Há dois tipos de profecias de “fim de mundo” em Mateus, 24. Quando Jesus se refere, por exemplo, aos eventos que provocarão a escuridão do Sol, da Lua, das estrelas e o abalo dos fundamentos dos céus, naturalmente só pode estar se referindo a um evento de tal magnitude que irá afetar todo o planeta. Mas em todas as referências (por vários apóstolos) do tipo “os tempos estão chegados”, ou “esta geração não passará sem que se cumpram tais coisas”, elas não estão se referindo ao fim do mundo como um todo, e sim ao “fim do mundo” judeu. Isto aconteceu, como a história registrou, no ano 70 d.C., quando um exército romano destruiu Jerusalém, o Templo foi saqueado de seus tesouros e depois completamente destruído (a única coisa que restou foi o muro conhecido atualmente como “Muro das Lamentações”) e os que sobreviveram ao massacre foram escravizados e dispersados. Este foi o segundo “fim de mundo” para o povo judeu.

A abundância de referências a destruições, catástrofes e calamidades de todo tipo podem estar mencionando também a contínua perseguição sofrida pelo povo judeu em todo o mundo, desde a Idade Média. Esta perseguição chegou ao auge, como se sabe, durante a Segunda Guerra Mundial, quando seis milhões de judeus foram assassinados pelo regime nazista, no que hoje se conhece como *Holocausto*. Para os judeus, este extermínio foi igualmente um verdadeiro “fim de mundo”, o terceiro de sua história.⁴³

⁴³ Quando o Templo foi saqueado pelos babilônios, os judeus conseguiram salvar a maior parte do tesouro, escondendo-o nas grutas que margeiam o Mar Morto. Quando Tito destruiu o Templo pela segunda vez, também não conseguiu levar todo o tesouro, que tinha sido novamente escondido. Mesmo assim, a quantidade de ouro e jóias levada para Roma foi imensa, incluindo-se um candelabro de sete braços que pesava 30 quilos de ouro maciço. Quando os visigodos invadiram Roma no ano 410 d.C., eles saquearam a cidade e levaram, por sua vez, todos os tesouros saqueados nos santuários do Oriente, inclusive o do Templo de Jerusalém. Este tesouro foi levado por Alarico II para a Península Ibérica, onde os visigodos se instalaram na Aquitânia. É possível que tenha sido levado inicialmente para Tomar, em Portugal, e depois para Toulouse e Carcassone, na França. Quando os visigodos foram derrotados pelos francos, ele foi retirado destes locais. Uma pequena parte dele foi encontrada em Toledo, Espanha, mas o maior montante desapareceu. Afirma-se que este tesouro estaria escondido nas grutas próximas à vila chamada Rennes-le-Château, situada junto aos Pirineus. Em 1153 Bertrand de Blanchefort era o sexto Grão-Mestre da Ordem do Templo. Nesta época, os templários convocaram secretamente fundidores de ouro alemães. Mas, embora existissem minas de ouro na região, os romanos, em sua época, as teriam abandonado por estarem esgotadas; acredita-se ser este o motivo pelo qual os alemães foram chamados: para fundir o tesouro em lingotes de ouro. Foi neste lugar que viveu o abade Bérenger Saunière, o qual, entre os anos de 1891 e 1917 teria gasto uma fortuna incalculável, que não se sabe como, foi parar em suas mãos. Em 1891 o abade teria descoberto quatro pergaminhos, um dos quais, decifrado, o teria conduzido à descoberta de um tesouro. Dos outros três, dois fariam referência a uma estranha genealogia, a qual confirmaria a linhagem sanguínea dos merovíngios, e o último faria referência a um segredo de Estado, que não foi divulgado.

21 Haverá Um Fim Para o Mundo?

Encontram-se, espalhadas pelas tradições de todos os povos mais antigos, referências constantes a catástrofes cósmicas que teriam destruído continentes e provocado a extinção de vários povos. Relatos orais passaram de gerações a gerações, contando acerca de destruições fantásticas e cataclismos inimagináveis que teriam assolado o mundo em um passado distante. Outras tradições afirmam que tais destruições são periódicas, pela água e pelo fogo, e que a humanidade tem um ciclo de vida ou ciclo de idade no qual cada fase seria separada da seguinte por uma vasta destruição. Platão, por exemplo, afirma que o mundo tem um ciclo de sete eras, ou sete idades. Para a nossa era atual, a memória humana guardaria apenas os relatos referentes à última destruição, o Dilúvio relatado na Bíblia. Este dilúvio é também relatado por outros povos, tais como o grego antigo (dilúvio de Deucalião e Ógiges) e o dilúvio caldeu, no qual também é mencionado um personagem (Utnapishtin) que teria construído uma grande arca para salvar sua família e grande parte dos animais.

Heródoto, ao viajar pelo Egito, tomou conhecimento dos anais da história egípcia, que segundo os sacerdotes remontaria a milhares de anos. De acordo com os relatos que ouviu, a Terra sofrera não apenas uma, mas várias destruições pelo dilúvio, em eras remotas. Além disso, o seu eixo já teria se deslocado várias vezes, fazendo que o Sol passasse a nascer no oeste, ao invés de no leste. As tradições mexicanas antigas descrevem quatro mudanças do Sol, que chamam de “quatro sóis pré-históricos”, bem como o ataque ao Sol pela serpente Quetzalcoatl, provocando trevas. Caio Júlio Solino, que viveu no século III, disse que os povos que viviam na fronteira oriental egípcia afirmavam que o Sol em certa época mudara sua direção, passando a se pôr onde antes se levantava.

Platão descreveu em suas obras *Timeu* e *Crítias* uma história ouvida pelo legislador ateniense Sólon, contada pelos sacerdotes egípcios a ele quando de sua visita ao Egito. Eles teriam afirmado que a humanidade já havia sido destruída várias vezes, tanto pela água quanto pelo fogo, sendo que da última vez os cataclismos teriam afundado um enorme continente. Este seria o mítico continente da Atlântida. A ciência moderna, com raras exceções, rejeita tal história, classificando-a de fantasiosa. É curioso, no entanto, que quando os sacerdotes descrevem a Sólon a região marítima além das Colunas de Hércules eles dizem assim: *naquele tempo* [quando a Atlântida existia] *aquele mar era navegável*. Isto quer dizer que, na época em que Platão escreveu, a lama e o lodo decorrente da destruição ainda existiam e impediam a navegação, e só vieram a sedimentar-se muito tempo depois.

Encontra-se no papiro egípcio *Ipuwer* uma descrição de quando a Terra teria girado “como um torno de oleiro”. Algumas tradições chinesas, cujos textos sobreviveram à destruição decretada pelo imperador Tain-chi-hoang (246-249 a.C.), mencionam que nos tempos do imperador Yahou (também chamado Fang-heun) uma imensa vaga de água caiu sobre a terra da China. O primeiro escritor grego, Homero, descreve uma época em que a Terra teria gritado como uma trombeta. Também o Talmude e o Midrashim afirmam que a Montanha da Lei teria se levantado e sacudido, em uma determinada época. Os celtas que

viviam nas costas do mar Adriático, na época de Alexandre, afirmavam que seu maior temor era que “o céu lhes caísse na cabeça”. Os Vedas hindus mencionam um “furacão cósmico”, uma ventania extremamente violenta que arrasou a Terra, em meio à escuridão. Também os finlandeses, samoanos e africanos, entre dezenas de outros povos, possuem tradições nas quais relata-se um “desabamento do céu”, evento que teria ocorrido em tempos passados. Segundo os antigos relatos da tradição maori, aconteceu certa vez uma catástrofe na qual os ventos “lançaram-se desenfreados e precipitaram-se pelo mundo”, arrasando a tudo e matando a todos. Os índios Pima também afirmam que o trovão sacudiu a Terra, e uma gigantesca massa de água atirou-se para cima, a uma tremenda altura, cortando toda as planícies da América.

Para o autor Immanuel Velikovsky, em seu livro *Mundos em Colisão*, estes acontecimentos seriam bastante recentes na história da humanidade, e teriam ocorrido por volta do século VIII a.C., mais especificamente no ano 687 a.C. Coincidentemente, esta data foi confirmado pelos modernos estudos de dendrocronologia (que, através de um corte circular em um tronco de árvore, estuda as variações ambientais ocorridas em longos períodos). Um corte realizado na gigantesca sequóia permitiu descobrir que grandes transformações na atmosfera, no magnetismo terrestre e nas tempestades magnéticas solares ocorreram nos anos 744 a.C., 702 a.C. e 687 a.C. Velikovsky diz que entre os grandes deuses da antigüidade, o Zeus grego, o Odin islandês, o Ukko finlandês, o Perun russo, Wotan dos alemães, Mazda dos persas, Marduc dos babilônios, Xiva dos hindus, todos são representados com um raio na mão. Estas imagens seriam simbólicas, indicativas destas grandes catástrofes cósmicas que se abateram sobre o planeta.

O escritor Joseph F. Goodavage diz o seguinte: “Em 1949, uma expedição oceanográfica, chamada ‘Atlântida’, descobriu uma poderosa massa de montanhas no leito do oceano Atlântico. Essas montanhas rivalizam ou ultrapassam os mais altos picos das massas continentais. Sondagens feitas por todo o Atlântico sugerem haver existido um grande continente bem acima do atual nível do oceano. Não há uma só área da superfície da Terra que não mostre evidência de repetidas perturbações, grandes desastres e cataclismos mundiais. Esqueletos de baleia foram encontrados nos topos de montanhas, em Michigan e em Vermont. Até hoje nenhuma teoria universalmente aceita jamais explicou a formação de montanhas e a distribuição dos veios de carvão — ou mesmo a causa exata das Idades Glaciais.

“Se todos os oceanos do mundo tivessem permanecido em sua presente localização há bilhões de anos, a sedimentação do leito teria milhas de espessura, mas *não* tem milhas de espessura. O sedimento, sobre os *continentes*, contudo, é, como sabemos, de milhares, e mesmo de dezenas de milhares de pés de espessura!

“Por alguma razão desconhecida, o nível de todos os oceanos da Terra desceu 300 pés durante o tempo do homem moderno. Ninguém sabe de onde veio a toda a água da cobertura congelada da última Era Glacial. Sabemos, de fato, que tinha entre uma e duas milhas de espessura!

“Geólogos descobriram que o lago Bonneville esteve, em tempos passados, a *100 pés* acima do nível presente do Grande Lago Salgado de Utah — e que o Lago Vitória, na África, foi 300 pés mais alto do que é hoje!”

Um épico escrito há mais de 35 séculos, a *Epopéia de Gilgamesh*, narra a versão original na qual presume-se que o livro de Moisés, o *Gênesis*, foi buscar sua versão do dilúvio. Esta é a mais antiga epopéia conhecida. É uma criação imortal, que pode ser colocada lado a lado das maiores obras da literatura universal. Foi escrita em acádio, e impressa em tábuas de argila através da escrita cuneiforme, onde ocupava doze tábuas, com cerca de 300 versos. Esta obra surgiu das escavações realizadas no Iraque, e são sobreviventes da antiga biblioteca de Nínive, onde hoje existe o Iraque. Esta fabulosa saga fala de um herói, Utnapishtin (“encontrei minha vida”), aquele a quem os deuses concederam o dom de jamais morrer, e que foi o único sobrevivente do dilúvio universal. Gilgamesh ouviu a história do dilúvio da boca do próprio Utnapishtin. Segundo este, os deuses estavam aborrecidos com a humanidade, e por isto decidiram eliminá-la. O deus Enki, no entanto, resolveu salvar pelo menos um, e instou a que Utnapishtin fizesse uma grande arca, dentro da qual ele poderia salvar-se juntamente com todos os parentes e animais que pudesse carregar. Berosus, um historiador babilônio, menciona que o deus Cronos apareceu a Xisutros e avisou-o da vinda do dilúvio. Também no *Popol Vuh*, um livro sagrado da América Central, Coxcox é avisado para construir um barco de madeira para escapar ao dilúvio. No *Satapata Brahamana* hindu, o aviso da catástrofe é dado por um grande “peixe de chifre”.

Por todos os relatos dos antigos, é quase certo que a Terra já tenha passado por várias destruições, cada uma equivalente a um “fim de mundo” para os seus habitantes. É certo, contudo, que nenhuma dessas destruições foi capaz de eliminar completamente a vida na face do planeta, seja ela vegetal, animal ou humana. A tradição hindu afirma que o mundo passa por quatro idades (que chamam *yuga*), cada uma com uma longa duração, em milênios. Para esta tradição, estaríamos atravessando a idade chamada Kali-yuga,⁴⁴ a era na qual os deuses se retiram da presença dos homens em razão de suas iniquidades e pecados. Mas esta é também a era dos grandes profetas, que se tornam os porta-vozes dos deuses e que têm por tarefa lembrar constantemente aos homens a sua origem divina. E qualquer profecia de fim de mundo que eles venham a fazer será sempre relativa a uma passagem, uma transição de eras, um evento que pode ser bem comum na história do planeta.

⁴⁴ Platão e Aristóteles fazem menção em seus escritos à chamada Idade do Mundo, Grande Ciclo ou Grande Ano Sideral, o qual se completa a cada 26.000 anos em média. Este é o tempo necessário para se completar a chamada “precessão dos equinócios”, que é o círculo feito pelo eixo do mundo enquanto o planeta gira como um pião. Para Platão, a cada ciclo uma nova raça viria povoar o mundo, após a destruição da anterior. Algumas tradições bramânicas, que foram posteriormente aproveitadas pela teosofia, afirmam que a história do mundo se faz através de sete raças, cada uma ocupando um determinado continente. A nossa atual raça seria a raça ariana, que num futuro (próximo ou remoto) deverá ser substituída por outra raça. Também as efemérides dos maias, toltecas e astecas dizem que existem Sete Céus e Sete Terras, cujas respectivas eras são separadas entre si por vários tipos de catástrofes. A tradição chinesa e a tibetana afirmam que a humanidade já foi destruída por quatro vezes, em quatro idades diferentes.

Antes da passagem do século e do milênio,⁴⁵ tal como ocorreu na passagem do primeiro milênio, este evento parecia atrair uma aura de fatalidade. Como existia um dito popular, “mil passará, dois mil não chegará”, que incutia no imaginário popular uma crença fatídica e um receio de que esta data marcasse realmente “o fim”, este temor persistiu, pelo menos enquanto não aconteceu a transição de idades.

*

Ultimamente, a discussão da moda tem sido acerca do calendário maia, e de sua previsão acerca do fim desta era atual.

É certo que o calendário maia era (é) de uma exatidão surpreendente, justificando a grande importância que este povo dava à medição do tempo.⁴⁶ Sem entrar em detalhes,⁴⁷ e muito longe de aceitar a reivindicação de alguns mais fanatizados, segundo os quais a civilização ocidental deve, urgentemente, adotar o calendário maia (trocando o calendário gregoriano pelo calendário baseado em treze luas),⁴⁸ deve contudo ser ressaltado os pontos de convergência entre este calendário e o calendário de eras hindu (segundo o qual o tempo, também admitido ciclicamente, tem três idades, sendo a última a chamada Kali Yuga, iniciada em 3102 a.C.). Ora, o calendário maia, que também começa por volta desta época, afirma que a atual era terminaria em 21 de dezembro de 2012, quando ocorreria uma “sincronização” capaz de fazer o planeta Terra “entrar para a comunidade galáctica”. Segundo se afirma, este evento não seria pacífico, e sim acompanhado de terríveis calamidades. Conforme se diz, “quem viver, verá”.

FIM

⁴⁵ Existem extensos debates acerca desta transição: se ela ocorre de 00 para 01 ou de 01 para 02. Além disso, existem extensas dúvidas a respeito tanto da exatidão de nosso calendário quanto da cronologia exata de nossa era, ou melhor dizendo, acerca de seu início. O atual calendário, que funda-se no movimento do Sol e por esta razão é chamado de calendário solar, veio recebendo várias reformas ao longo do tempo. A última foi a realizada pelo papa Gregório XIII, em 1582, que fez uma correção para adaptá-lo ao tempo astronômico, com uma extinção de dez dias dentro do calendário da época (4 de outubro de 1582 foi sucedido pelo dia 15 de outubro), além de adotar outras correções periódicas. Sobre o início desta era (cristã), bem antes de 1582 (no ano 248 da era Diocleciana), foi que o arquivista papal sugeriu que a contagem dos anos passasse a ser considerada a partir do nascimento de Cristo, o que na época não acontecia. A partir desta sugestão, calculou-se que Cristo teria nascido 532 anos antes, o que colocaria aquele ano como sendo 532 d.C., ou 532 anos *depois de Cristo*. Entretanto, a partir de estudos profundos e exaustivos realizados por especialistas, chegou-se à conclusão que aquela contagem estava errada. A data mais correta, a mais aceita pelos especialistas, indica que Jesus teria nascido no ano 7 a.C., o que tornaria a era cristã sete anos mais velha do que se admite. Deste modo, deveriam ser acrescentados sete anos ao corrente calendário cristão.

⁴⁶ Ainda que arqueólogos, antropólogos e outros especialistas afirmem que os calendários dos povos primevos tinham uma base agrícola, as evidências apontam para um sentido religioso de influência astronômica.

⁴⁷ Veja-se, por exemplo, o livro *O Fator Maia* (José Argüelles, Cultrix), ainda que não o endossemos.

⁴⁸ Sob um ponto de vista puramente esotérico, a nossa civilização não deve ter nenhuma influência outra que não a do cristianismo. (O influxo Crístico. Veja-se, a este respeito, as obras de Rudolf Steiner.) O argumento em contrário é o de que devemos adotar o calendário lunar em ciclos de 28 dias, sincronizado com um suposto ciclo cósmico, o que colocaria toda a vida em harmonia. Entretanto, seus fautores parecem ignorar o fato de que o calendário lunar é usado tanto por muçulmanos quanto por judeus, sem que, entretanto, se note qualquer harmonia entre estes dois povos (talvez porque seus ciclos sejam de 29 ou mais dias?).